



UNICAMP

Faculdade de Educação

**O “Projeto Água” no Programa de Extensão da
UNESP no Vale do Ribeira:
de extensionistas a aprendizes na prática da
extensão universitária e da educação ambiental**

Ana Margarida Theodoro Caminhas

1996

C146p

30297/BC

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	TUNICAMP
	C146P
V.	
TOMO	30297
PROG.	281197
C	<input type="checkbox"/> IX
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	21/05/97
N.º CPD	

CM-00098232-4

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

C146p Caminhas, Ana Margarida Theodoro
O Projeto "Água" no programa de extensão da UNESP no Vale do Ribeira : de extensionistas a aprendizes na prática da extensão universitária e da educação ambiental / Ana Margarida Theodoro Caminhas. -- Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador : Romualdo Dias.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Universidade Estadual Paulista. 2. Extensão universitária.
3. Educação ambiental. 4. Ensino superior. I. Dias, Romualdo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

O "Projeto Água" no Programa de Extensão da UNESP no
Vale do Ribeira: de extensionistas a aprendizes na prática
da extensão universitária e da educação ambiental

Ana Margarida Theodoro Caminhas

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
Ana Margarida Theodoro Caminhas e
aprovada pela Comissão Julgadora.

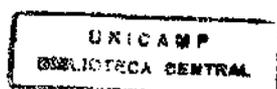
Data: 29/11/1996.

Assinatura: *Ronald Dias*

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

1996



Dissertação apresentada como exigência parcial para
obtenção do Título de MESTRE em EDUCAÇÃO na
área de Concentração CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS À EDUCAÇÃO, à Comissão Julgadora
da Faculdade de Educação, sob a orientação do Prof.
Dr. Romualdo Dias. *t*

Comissão Julgadora:

Ronald Jay
Karin Arden
Patricia Rossi
Haniel

Agradecimentos

Ao povo do Vale do Ribeira, obrigada por ter me dado a oportunidade de passar os meus dias como pós-graduanda e profissional com vocês. Vivemos, com isso, a aprendizagem do humano. Agradeço por me fazer sentir que somos parte de uma família universal sem fronteiras de conhecimentos e de mundo.

Ao Prof. Dr. Romualdo Dias, que, como orientador me estimulou a acreditar que o ponto de partida é o nosso conhecimento: “tô aprendendo, Romualdo!”. “Deixando o pensamento voar” podemos nos expressar. Obrigada pela compreensão.

Ao “Grupo do Vale” pelos momentos em que sonhamos juntos e pelo instante em que compartilhamos do sonho como movimento: possibilidade de ação e concretização.

Aqueles integrantes do “Grupo do Vale” e ribeirinhos, que me forneceram as entrevistas, pelos momentos de expressão que vivenciamos juntos.

Aos meus pais, que pela luta do seu dia-a-dia me mostram que “não há fronteiras para os sonhos”. Obrigada pelo apoio sempre.

À minha irmã, que me incentivou à entrada para a vida acadêmica.
Obrigada pelo estímulo.

Ao Marcelo Cruz pela amizade e colaboração nas idas ao Vale após o
término do “Projeto Água”

Ao Prof. Dr. Salvador Sandoval, pela orientação nos dois primeiros
anos de pesquisa.

Ao CNPq pelo fornecimento da Bolsa de Pesquisa

A Deus, Mestre de Sabedoria Universal.

APRESENTAÇÃO 01

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO I. O CONVÊNIO UNESP-PREFEITURA DE
ELDORADO E A PROPOSIÇÃO DO “PROJETO ÁGUA”

I.1. Caracterização do Convênio 18

I.2. A formação do “Grupo do Vale” e as atividades do “Projeto
Água” 32

CAPÍTULO II. CONTEXTUALIZANDO A NOSSA
APRENDIZAGEM: APRESENTANDO A
INTERSUBJETIVIDADE..... 38

CAPÍTULO III - O “PROJETO ÁGUA” - NOSSO CAMINHAR: DE EXTENSIONISTAS A APRENDIZES

III.1. As expectativas quanto ao “Projeto Água”: por que ir ao Vale?.....	51
III.2. O início da atuação: o despertar de uma interação entre o “Grupo do Vale” e os ribeirinhos	60
III.3. O grupo e seu aprendizado com as prioridades dos ribeirinhos - quem ensinou, começou a aprender	75
III.4. A consolidação da parceria: coordenação-prefeitura	91
III.5. As marcas deixadas pela intersubjetividade na extensão universitária	113
III.6. O “Projeto Água” para os ribeirinhos: qual a mensagem que deixamos?	122
IV. BIBLIOGRAFIA	151

*"Hoje desaprendo o que tinha aprendido até
ontem e que amanhã recomencarei a aprender."*

Cecília Meirelles

APRESENTAÇÃO

“Dizer uma coisa é conservar-lhe a virtude e tirar-lhe o terror.”

Fernando Pessoa

Aglutinar indicadores do processo educativo, emergentes das falas, das expressões dos sujeitos e entender a partir daí o afloramento dos capítulos, dissertando sobre cada um deles, animando-os com estas manifestações da *anima* desses sujeitos - um ciclo. Partimos de um momento posterior à ação pedagógica dos universitários (o término das atividades do “projeto água”), quando os entrevistamos, para aquele período em que atuamos na região do Campus Avançado do Vale do Ribeira desenvolvendo este projeto. Os efeitos dessa ação pedagógica são dimensionados no tempo e no espaço próprios desta pesquisa, contudo acreditamos que tais efeitos se propagarão em outros, em tempos e espaços diversos. Ou seja, tanto a paralisação das atividades deste grupo no Campus Avançado em Eldorado em novembro de 1994, como a conclusão do estudo que aqui realizamos são dimensões de um processo educativo e cognitivo que não limitam as suas possíveis outras faces (um “caleidoscópio do educativo”). Assim, buscamos uma aproximação do desenho da face de tal processo no tempo-espaço desse estudo, sem desconsiderá-lo quanto à sua amplitude dada em instantes diferentes: tanto após a conclusão do “projeto água” como a dissertação. Alguns tons desta

amplitude são expressados na própria fala dos sujeitos (expressões que falam dos frutos do trabalho, de suas marcas). O processo educativo que exprimimos aqui emana movimento: a evolução do traçado das experiências vividas naquela época para outras de espaço e tempo diversos. Um movimento, onde os ritornos do nosso aprendizado na região do Vale do Ribeira engendra o vir a ser, um devir.

Procuramos unir os pontos comuns e incomuns de ontem e de hoje, de um contexto - circunscrito por outras pessoas (do Vale e do grupo) e por outro espaço (Vale, Universidade) para outro - o do ambiente da minha casa, dos meus livros, do meu computador. Houve aqui uma mágica do movimento: trazer os moradores do Vale e colegas do grupo, através de suas vozes e dos meus "arquivos" da memória para o interior da nossa redação.

No relato dessa experiência se desencadeou um conhecimento: compreendido como uma cascata de elos - um sistema aberto, de maneira que o último deles constitui um encaixe para outro, ampliando cada vez mais sua dimensão espaço-temporal. Ou seja, se no momento em que o trabalho era realizado compreendemos a educação como um questionamento por parte dos envolvidos diante do real (inesperado), tal questionamento é transformado em novos estímulos para outras indagações pertinentes ao instante em que a pesquisadora e participante reelaboram e sistematizam o trabalho realizado. Deparamo-nos assim, com um processo educativo multifacetado, construído por sujeitos, tempo e espaço diferentes.

Tecemos um processo educativo na pesquisa e na educação. Assim, tivemos como ponto de partida e referência a nossa própria participação no “Grupo do Vale”⁽¹⁾ como monitora, o momento no qual entrevistamos os demais participantes e a leitura das entrevistas. Todas estas etapas que vivenciamos contribuíram para que a autora buscasse traduzir o sentido do aprendizado que conquistamos. Desejamos com esta busca expressar a autenticidade deste aprendizado nascido da intersubjetividade entre o auto e o alter recriada na extensão universitária ⁽²⁾ . Todo este percurso em que nos embrenhamos - da participação da pesquisadora no grupo à presente redação - abriga uma educação - que educação é essa ? Cabe a nós, desde já, descobrir o seu perfil.

Propomos que esta descoberta ocorra de forma que cada uma das indagações propostas acima gere um capítulo desta dissertação, onde o debate engendrado por elas constitua cada um deles.

(1) À medida que desenvolvemos nosso trabalho na região do Vale do Ribeira, criamos o hábito de assim chamar nosso grupo. Além disso, no Campus de Botucatu, Unesp, os alunos e os professores que tomaram conhecimento das atividades que desempenhamos nesta região nos denominaram desta forma.

(2) Entendemos esta intersubjetividade como a relação entre os sujeitos envolvidos na experiência da extensão universitária que estudamos aqui: universitários, o docente coordenador e os ribeirinhos. Esta relação é mediada pelas suas representações sobre si mesmo - o auto e sobre o outro - o alter. É recriada conforme tais representações se modificaram ao longo da nossa prática educativa da extensão universitária. No desenvolvimento do capítulo II, estas mudanças serão detalhadas.

No primeiro capítulo - o **convênio Unesp-Prefeitura de Eldorado e a proposição do “Projeto Água”** - descrevemos o contexto gerador - o *locus* dessas relações entre os sujeitos envolvidos - representado por uma proposta de extensão universitária realizada na região do Vale do Ribeira, voltada para a Educação Ambiental. Detalhamos desde as origens do projeto “Água, suas inter-relações e Educação Ambiental” no âmbito da parceria e do convênio entre a universidade e o município de Eldorado às atividades delineadoras da sua temática e metodologia. Desenvolvemos, assim, um breve histórico da extensão universitária existente na Unesp naquela ocasião para posteriormente pendermos para o nascimento do “Projeto Água”, bem como para a sua estrutura.

Remetendo-nos para o segundo capítulo - **contextualizando a nossa aprendizagem: apresentando a intersubjetividade**. Nele, definimos as diretrizes que nos nortearam na busca da nossa educação delineado no “Projeto Água”, centradas na relação de um sujeito com outro. Definimos, aí, também a posição que a autora ocupou nesta busca.

Cuidamos neste segundo capítulo da relação de um ser humano com outro, reveladora de pontos que precisam o educativo, por sua vez, inseridos no debate da própria Educação Ambiental. Nomeamos tais pontos como indicadores desse educativo, proferidos das expressões dos sujeitos - da autora aos demais participantes na trajetória do “Projeto Água”. Neste momento, expomos as circunstâncias desta trajetória, onde a autora, aí mergulhada, as considera como parte de seu próprio processo

educativo - sua participação no “Projeto Água” e no momento das entrevistas (no diálogo e na transcrição das mesmas), sua leitura destes depoimentos e a geração da presente dissertação a partir disso. Esse percurso acaba descrevendo uma somatória de interações subjetivas, onde o educativo está presente como matéria-prima do nosso trabalho.

No terceiro capítulo - o “Projeto Água” - nosso caminhar: de extensionistas a aprendizes - descrevemos as diferentes etapas do projeto estudado, as quais traduziram os alicerces deste percurso que engendra o nosso aprendizado:

- * As expectativas quanto ao “Projeto Água”: por que ir ao Vale?;
- * O início da atuação: o despertar de uma interação entre o “Grupo do Vale” e os ribeirinhos;
- * O grupo e o seu aprendizado com as prioridades dos ribeirinhos: quem ensinou começou a aprender;
- * A consolidação da parceria: coordenação-prefeitura
- * As marcas deixadas pela intersubjetividade na extensão universitária: de extensionistas a aprendizes.
- * O “Projeto Água” para os ribeirinhos: qual a mensagem que deixamos?

Nossa primeira atuação como bióloga recém-formada coincidiu com meu ingresso no Mestrado da Faculdade de Educação. Em meio a perguntas sobre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária comecei a ver os meus sonhos profissionais se materializando: “trabalhar com gente”, “estudar as teorias que falavam de gente: a educação, a filosofia, a sociologia, a antropologia, a psicologia social...”. As indagações mencionadas nesta apresentação - que originaram esta dissertação - são frutos da vivência destes instantes da minha formação acadêmica. Instantes na extensão universitária e nas salas de aula da pós-graduação, em que a bióloga e a mestranda questionaram uma a outra. Concebemos esta dissertação como a aglutinação destes questionamentos. O tronco comum deste diálogo entre estas disciplinas das Ciências Biológicas e das Ciências Humanas: a paixão pela educação.

Desejamos expressar agora nossa concepção sobre esta educação, que acreditamos e que nos estimulou durante nosso estudo: descobrimo-na na dualidade que nos confrontamos como aluna da pós-graduação e bióloga no Campus Avançado da Unesp no Vale do Ribeira. Ressaltamos, além disso, que esta educação, mesmo, algumas vezes, não descrita objetiva e cientificamente ao longo da nossa dissertação, encontra-se nas suas entrelinhas como nossa crença, estímulo e sonho. ⁽³⁾

⁽³⁾ No memorial que realizamos, em função do Exame de Qualificação, em 1995, descrevemos o nosso percurso do curso de Ciências Biológicas à Faculdade de Educação da Unicamp. Vide *anexo 1*, para uma compreensão de como edificamos, ao longo deste percurso, a concepção de Educação que colocamos nesta apresentação.

Convivemos com o encontro entre os nossos conceitos das Ciências Biológicas e as nossas imagens do mundo que tomamos contato: os sons (das vozes e dos risos dos participantes, do canto dos galos e dos pássaros, das águas dos rios), a visão (das cores das pessoas do lugar, das montanhas, do céu, das matas, dos rios, das canoas, das casas, das estradas, de nós mesmos e do nosso micro-ônibus em meio a tudo isso), os cheiros (da terra amarela, do café das casas e da comida que nos esperava depois do campo), os gostos (desse café e dessa comida) e as texturas (das mãos grossas dos moradores, da aspereza daquela terra em nossas mãos e pés e nas paredes das casas). Convivência que nos fez valorizar as expressões de cada participante, ao ponto de sentirmos o gosto, o cheiro, a textura, o som, o perfil que envolveu todas elas. Nosso educativo nasceu deste mundo.

Percebemos tudo isso vivido no passado convivendo simultaneamente com os sentidos do presente e do futuro, na transcrição das entrevistas, na leitura da bibliografia, tornando-se um conjunto de tempos e sentidos: um holograma, onde desenhamos o perfil do educativo pela contribuição de um traço ou outro do ontem, do hoje e do amanhã.

A Educação é mutante, inesperada, o lidar com o Novo, desapegado do passado, presente e futuro, edificador do bloco atemporal - um holograma. Discutimos Educação no sentido de atemporalidade, não há idade, não há momento estabelecido/programado para que dimensionemos o processo educativo: ametodológico. Sabemos que ele ocorre quando

acreditamos nos sonhos, que são possíveis, quando “andamos com fé”, acreditamos. Educar é arriscar... arriscar pensar/falar/ fazer “bobagem”, ser chamado de visionário, louco, cometer erros. Processo de libertação, autonomia do sujeito, de suas próprias regras.

Educar é desenclausurar - sair da clausura -, desencasular - conhecer o lado de fora do casulo, nascer e fluir em movimentos leves. É destrancar, destravar, desencruar... romper as resistências. Destrancar a expressão seja de uma dúvida ou de uma certeza, de pergunta ou de uma resposta.

A Educação não é finalista, não se educa para, deixa-se levar pelo fluxo das sabedorias... dos sonhos. Iniciamos uma transformação do aprender para ser biólogo ou agrônomo para o se colocar como aprendiz em si. Permitir ser tocado e tocar. Sentir que alguém despertou suas “marcas”: uma palavra, um olhar, um aceno de mão, um e outro gesto acordando *insights*, atitudes, pensamentos. Despertar que provoca estados caóticos, inertes... Compreendendo ou não a beleza de jardins desarranjados, cultivados de incertezas, agitação, sonhos como parte da existência de quem é aprendiz.

Esforçamo-nos como iniciantes na experiência de aprendizes por abrir um canal de comunicação, tentando nos conhecer: quem somos, o que fazemos, sonhamos, esperamos da vida. Queremos dialogar com os “Zés de Paula” desse mundo ⁽⁴⁾.

(4) Zé de Paula é um morador de um dos bairros rurais onde desenvolvemos a prática educativa da extensão universitária aqui estudada - o Bairro de Nhunguara - localizado na cidade de Eldorado, região do Campus Avançado da Unesp no Vale do Ribeira, interior de São Paulo. Reproduzimos sua fala no último

Desejamos, para tanto, nos compreender na nossa essência, como cada um de nós somos. Buscar o autoconhecimento e a alteridade, o conhecimento, que é fluido.

Nosso conhecimento é desenhado a partir de um movimento concêntrico da paixão pelo que desenvolvemos, onde o centro desse conhecimento é definido pela nossa experiência na atuação do Vale do Ribeira, o qual se expande em um traçado de linhas, pela expressão dessa experiência, proporcionada pela conclusão da dissertação. Assim, a expressão do conhecimento nos proporciona uma expansão do nosso próprio Ser.

capítulo, no tópico III.6, quando falamos da maneira que estes sujeitos dimensionaram a proposta do nosso projeto. Durante nossa pesquisa de campo passamos uma tarde com este morador e sua família conversando sobre nossa visão desta prática. Neste momento, conseguimos estabelecer um espaço de comunicação entre nós, da universidade e ele, do Vale do Ribeira, que nos mostrou sua concepção de saúde, política e educação.

Sistematizar um aprendizado, quem sabe isso não garanta a difusão de um conhecimento para pessoas que não conheço... Imagino, um dia alguém consultando esta dissertação, tentando associar a nossa experiência com trabalho de extensão com a sua - a intersubjetividade novamente aparece... Nosso projeto acabou, mas o nosso aprendizado não, merece ser registrado, ainda que esse registro não apreenda tudo o que foi vivido, mas pelo pouco que conseguir, vale à pena.

INTRODUÇÃO

Que educação é esta? Acreditamos que para responder a esta questão de forma coerente com a área de estudo em que se insere - Educação - é preciso considerar todas as etapas que constituíram a abordagem proposta neste estudo: desde a participação da autora como membro do grupo de extensão universitária analisado, sua interação com seus integrantes, à relação desta equipe com a comunidade em que atuou. Visto que, todas estas relações estabelecidas são consideradas como “experiências pedagógicas onde o indivíduo tem oportunidade de vivenciar outras formas de agir frente a seus problemas, interagir com outras pessoas no âmbito de um esforço organizado, coletivo(...)” (SANDOVAL, 1989).

Caracterizar o processo educativo originado nestes momentos é falar de e com sujeitos com histórias e ações manifestadas em sua realidade, acadêmica ou não, é “...perguntar sobre nós através do outro...” (BRANDÃO, 1987). É falar de uma compreensão flexível desse processo: da visão de uma pesquisadora, que do caótico e sincrético, tem a pretensão de elaborar uma síntese que possa ser facilmente transformada em outra por diferentes sujeitos (participantes ou não do trabalho analisado).

Iniciada nesta etapa da nossa pesquisa, esta síntese é entendida segundo a definição de GAMBOA (apud FAZENDA, 1989), não como um ecletismo ou soma de partes, mas como um nova maneira de ver, conceber e organizar categorias, muitas delas originadas dentro de outras visões, recriadas em novas condições e sob outros interesses cognitivos. Ou seja, tais interesses vem à tona com a realização desta fase da nossa dissertação, a qual inicia uma reflexão, sistematizando parcialmente o que observamos e vivenciamos no trabalho desenvolvido no Campus Avançado da Unesp na região do Vale do Ribeira. Estamos diante, portanto, de um momento onde a realidade que compartilhamos neste campus avançado é recriada a partir da visão dos sujeitos nela envolvidos. Tanto neste primeiro instante do nosso estudo como nos demais nos esforçaremos para criar essa postura, a fim de que possamos ser fiéis à dinâmica do processo educativo por nós vivenciado, poupando-o da rigidez das conclusões feitas sob a luz da “verdade absoluta”.

Diante dessas colocações, gostaríamos de lembrar algumas palavras de Roberto Crema (1989) presentes em seu debate sobre os paradigmas científicos e a atual “crise do saber” :

Quando o sistema se fecha em torno de pretensas verdades, tornando-o vigoroso e definitivo, já é o início de sua esclerose e decadência. Como dizia Lao-Tse, 'árvores que parecem possantes sempre se aproximam do fim' e 'tenras e flexíveis são as plantas, quando começam'. É necessário um olhar original, que acolha também o incerto e o impreciso, centrado no des-cobrir o sempre novo e transitório. É necessário que se evoque, com todo o ser, as três palavras mágicas: EU NÃO SEI, que abrem um espaço inteligente de abertura para a compreensão do real vivo e dinâmico, que não possui nenhum endereço, jamais se fixando onde quer que seja.

Desta forma, deparamo-nos agora com uma primeira discussão de uma prática educativa que além de dinâmica, é bela, possui uma plasticidade⁽⁵⁾ como aquela que observamos ao trabalharmos a argila com as pessoas do Bairro de Ivaporunduva⁽⁶⁾, um material modelado/modelável a partir do que observamos, vivemos, sentimos... Este paralelo é feito como uma forma de compreender o andamento desta pesquisa: um trabalho artesanal, com subjetividade/intersubjetividade inserido nos meandros da objetividade científica... E que cada participante deste estudo possa se reconhecer nele (ou não), porque mesmo a obra sendo uma objetivação de uma atividade, o sujeito está presente nela (SAVIANI, 1991).

(5) Vinculamos a idéia de plasticidade àquela de flexibilidade e beleza do que é plástico, o qual é apresentado pelo Novo Dicionário da Língua Portuguesa - de Aurélio B. H. Ferreira - da seguinte maneira: "plástico [do grego - *plastikós* - relativo às dobras da argila], pelo latim - *plasticu*, 'que modela'] propriedade de adquirir formas sensíveis por uma ação exterior: o barro é um material plástico; que tem características de beleza e harmonia".

(6) Neste bairro rural do município de Eldorado, um dos locais onde nossa equipe atuava, foi realizada esta atividade onde era pedido para que os moradores fizessem algo de argila que estivesse relacionado com o seu dia-a-dia (*vide fotos 17 e 18*). A partir daí, participamos de um dos momentos mais marcantes e bonitos do nosso projeto, onde pudemos perceber a expressão daquelas pessoas de maneira livre, já que ali eram modelados canoas, remos, panelas, galinhas, porcos, patos, frutas, cachimbos - elementos de seu cotidiano, de sua realidade. Esta foi

Nesta apresentação não procuramos nos deter ao histórico da extensão universitária e da origem dos campi avançados de forma profunda. Abordamos por enquanto as implicações deste “acordo” entre uma universidade e uma prefeitura (o Convênio Unesp-Prefeitura de Eldorado) para o processo educativo definido pelas relações travadas no interior de uma equipe, estabelecidas entre seus integrantes, sua coordenação, a Prefeitura e a população. Tencionamos assim, contextualizá-las no desenvolvimento do projeto “Água, suas inter-relações e Educação Ambiental”.

Entendemos a estrutura dos capítulos como reveladora do educativo, pois é proveniente de um envolvimento da autora em todas as fases do trabalho - sua participação no Projeto e no momento das entrevistas (diálogo, transcrição e leitura reflexiva) e a elaboração da presente dissertação como matéria-prima de nossa pesquisa.

uma das situações em que mais houve envolvimento daquela comunidade com o que nosso grupo lhe propunha. Tanto essa expressão como esse envolvimento eram demonstrados no rosto de cada um - lembramos claramente do olhar e das mãos de uma dona-de-casa fazendo a sua panela. Tivemos a sensação de estarmos livres de “recomendar o uso do cloro” e podermos participar/conhecer a vida daquelas pessoas, saíamos por instante de uma educação para outra...

Precisamos estar atentos às referências do significado do educativo, convergidas tanto para o horizonte da própria autora, como para aquele de outros sujeitos participantes do “Grupo do Vale”. Visualizamos, em um horizonte, a busca da autora por realizar uma síntese do significado do educativo - esta dissertação, nascido em outro horizonte, descrito pela sua participação no “Grupo do Vale”. Ou seja, o significado do educativo no primeiro se enlaça ao segundo, constituindo, assim, uma ciranda de relações intersubjetivas - esta dissertação. O espaço-luz Vale do Ribeira incide sobre o prisma-grupo, emissor de um multicolorido pedagógico, quadro comum, onde esta pesquisa é também mais uma experiência subjetiva, um dos afluentes do “Projeto do Vale”. A pesquisadora se transmuta da posição de uma das bases deste prisma (o grupo), como integrante dele para a condição de mais uma das faixas por ele propagadas - a realização desta pesquisa: sua expressão.

Creemos que obtivemos uma originalidade na abordagem da extensão universitária, ao encará-la como emergente da intersubjetividade, do humano, (esta intersubjetividade que gera o tipo, a qualidade de extensão que desenvolvemos no Vale). Esta crença foi originada, visto que constantemente a discussão da extensão é antes restrita aos limites da Universidade como um todo, um sujeito coletivo, uma estrutura (dotada de personalidade independente do humano, do indivíduo pertencente ao seu contexto), do que ampliada para o entendimento dos reflexos do trânsito do conteúdo para a estrutura e vice-versa. Frequentemente, observamos que a discussão da estrutura é privilegiada em detrimento do seu

conjunto, composto também pelos sujeitos que a compõem - como observa Alves (1981).

O educativo verte da articulação das representações oriundas dos universitários àquelas dos ribeirinhos. Assim, a atitude e a identidade como representações - no locus da intersubjetividade - proporcionam um debate sobre o conhecimento e suas imbricações (educação, poder, cultura, alteridade).

Considerando-se as representações sociais como um dos elementos característicos do aprendizado, visto que se vinculam intimamente à questão do saber, como estas se delinearam no desenvolvimento do projeto de extensão desenvolvido no Vale do Ribeira? Como caracterizaram a experiência pedagógica dos extensionistas participantes deste trabalho? A resposta a tais questões podem ser identificadas na relações travadas entre extensionista-coordenação, extensionista-comunidade, extensionista-prefeitura, coordenação-prefeitura?

Expressar quais foram as experiências educativas de sujeitos dos vários segmentos envolvidos - estagiários, professores e moradores de bairros rurais de Eldorado - é algo que nos desafia neste estudo, no entanto, temos a consciência de que

nenhum pensador, nenhum cientista, elaborou seu pensamento ou sistematizou seu saber científico sem ter sido problematizado, desafiado(...) o desafio é fundamental à constituição do saber. (FREIRE, 1970)

Contando com a participação de alunos e de recém-formados das áreas de Ciências Biológicas, Ciências Agrônômicas, Medicina Humana - da Unesp de Botucatu - e desta própria pesquisadora, foi realizado em quatro bairros rurais do município de Eldorado, região do Campus Avançado desta universidade no Vale do Ribeira, o projeto "Água, suas Inter-relações e Educação Ambiental" no período de julho de 1993 a novembro de 1994.

Tratamos de mais uma faceta da Educação que procuramos retratar nesta pesquisa. Um quadro de uma Educação repleto de matizes humanos, onde a grande busca desta pesquisadora é para que possa ser esboçado aqui algo construído a muitas mãos: dos moradores do Vale do Ribeira que convivemos, de meus colegas de equipe...apenas um dos rostos da Educação, já que:

Não há uma forma única nem um único modelo de Educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. (BRANDÃO, 1981: 9)

I. O CONVÊNIO UNESP-PREFEITURA DE ELDORADO E A PROPOSIÇÃO DO “PROJETO ÁGUA” (7)

I.1. Caracterização do Convênio

O Campus Avançado do Vale do Ribeira é definido em seu regimento interno como uma área de extensão de serviços da Universidade Estadual Paulista - Unesp - patrocinada e financiada pelas prefeituras conveniadas à esta instituição (Regimento Interno do Campus Avançado do Vale do Ribeira, fl. 18 - *vide anexo 2*). Este patrocínio e financiamento consistem no fornecimento de alojamento, alimentação e transporte a participantes de projetos de extensão vinculados ao convênio firmado entre a universidade e as prefeituras.

(7) O grupo de extensão universitária aqui estudado recebeu esta denominação, ao longo de sua atuação, por parte de seus integrantes, coordenação, prefeitura e população de Eldorado. Estes assim o denominaram devido ao tema básico do trabalho se relacionar a aspectos preventivos de saúde associados ao tratamento da água; além de ter iniciado suas atividades a partir da coleta de água para análise laboratorial feita neste município.

As atribuições da universidade neste tipo de contrato são estabelecidas como envio e transporte de pessoal qualificado de seu campus à região do Vale do Ribeira para o desenvolvimento de projetos de interesse das prefeituras. Segundo o Regimento Interno do Programa Campus Avançado (*vide anexo 2*), tais projetos devem ser realizados considerando-se que:

A Unesp participará dos programas desenvolvidos pelas comunidades onde atue, abrangidas pelo Campus Avançado do Vale do Ribeira, especialmente nas atividades relacionadas a ações na área Agropecuária, de Educação, de Saúde, Sócio-Econômica e Tecnologia.

Cada área aí mencionada possui uma coordenação, por sua vez submetida à orientação de um Coordenador do Programa Campus Avançado, o qual subordina as ações de seu Diretor. Sendo que todos estes cargos estão sob a responsabilidade do Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, o qual firmou em 1990 o Convênio entre a Unesp e a Prefeitura de Eldorado - no Vale do Ribeira, que havia manifestado interesse pela realização de atividades extensionistas em seu município.

Definidas as instâncias administrativas deste programa, podemos apresentar como ocorreu a implantação do Programa Campus Avançado neste município relatada pelo seu atual diretor.

As atividades de extensão universitária da Unesp no Vale do Ribeira ocorreram antigamente no Campus Avançado de Jacupiranga, município vizinho de Eldorado, onde foram realizadas as atuais atividades do programa:

A história da participação da Unesp em programas de Campus Avançado encontra-se profundamente associada à história do Projeto Rondon. Desta forma, a Unesp, em parceria com o Projeto Rondon, atuou por vários anos no Campus Avançado de Humaitá e no Vale do Ribeira . (...) Quando surgiu a oportunidade do Vale do Ribeira, eu imaginei que fosse nos mesmos moldes do antigo Projeto Rondon e me candidatei ao cargo. (8)

Com a extinção da Fundação Projeto Rondon, a Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários - PROEX - da Unesp, constitui a Comissão Coordenadora do Programa Vale do Ribeira para regulamentar as atividades de extensão naquela região

Inicialmente na época do Projeto Rondon existia a sede do Campus Avançado da Unesp em Jacupiranga (...) no entanto, estes trabalhos passaram a ser executados mediante um convênio com as prefeituras locais. E o primeiro convênio a ser feito da Unesp com prefeituras do Vale do Ribeira, foi com a de Eldorado que demonstrou interesse. Então, com este Convênio, foi cedido o chamado "Colégio Agrícola" para que pudesse abrigar os bens do antigo Projeto Rondon que estavam em Jacupiranga. (9)

(8) O Diretor do Campus havia exercido esta mesma função no Campus Avançado de Humaitá, na época do extinto Projeto Rondon:

(9) Quando foi firmado o Convênio que definimos até o momento, este prédio, localizado em Eldorado, pertenceu à Secretaria da Educação que o cedeu posteriormente à Unesp. Tanto a restauração das condições precárias de suas instalações (deprecação do telhado, com existência de goteiras, janelas quebradas,

Este breve histórico nos revelou que mesmo depois da extinção do Projeto Rondon em 1988, aqui, a idéia de Campus Avançado se encontrou vinculada às suas propostas. Podemos ainda perceber este atrelamento no próprio conceito de campus avançado deste diretor, transcrito a seguir:

Campus Avançado é um programa inter-institucional de apoio ao progresso social, cultural e econômico a uma região interiorana carente, onde a universidade procura desenvolver seus projetos com a preocupação de despertar o potencial das comunidades atendidas. (...) É através do Campus Avançado que a Unesp, por meio de seus estagiários, se desloca dos grandes centros para as pequenas comunidades.

parte elétrica e sanitária deficientes), bem como a exigência de contratação de pessoal de apoio para a sua manutenção (jardineiro, empregada, etc) constituíram para a universidade “uma infra-estrutura desnecessária às equipes pequenas e esporádicas” que se dirigiram para o campus, segundo seu Diretor. Portanto, diante do mau estado de sua construção, além da ocupação de suas instalações pelos bens pertencentes ao extinto Projeto Rondon (*Vide fotos 23 a 25*) , as equipes da universidade ligadas ao Programa Campus Avançado que se dirigiram a Eldorado passaram a se alojar em um casa (de dimensões menores do que este prédio) oferecida pela prefeitura do município conveniado, o que ocorreu com o nosso grupo.

Estas colocações deixaram transparecer algumas das linhas mestras das antigas atividades de Campus Avançado - um dos “Programas de Apoio do Projeto Rondon à Extensão Universitária” (MONTEIRO, 1990): o deslocamento da Universidade para as pequenas comunidades carentes do interior do país, a fim de contribuir para a sua integração ao “progresso” e “desenvolvimento” do país pretendidos pelos órgãos oficiais que institucionalizaram as atividades de extensão universitária através da lei 5.540/68 da Reforma Universitária de 1968 (ALMEIDA, 1991).

O enfoque desenvolvimentista deste programa foi entendido oficialmente como um problema fundamental, onde o desconhecimento de tecnologias mais avançadas e a falta de recursos humanos especializados foram determinantes do subdesenvolvimento. Sendo que a adoção destes critérios de educação e ensino visaram implantar medidas capazes de promover o desempenho das múltiplas tarefas solicitadas em todos os setores. Temas voltados para o desenvolvimento econômico e social começaram a predominar na opinião pública, tornando-se assim não só objetivo do Governo, mas de todo o país. (AROUCA, 1983).

Fizemos um paralelo entre as origens do Programa Campus Avançado rondonista - resultante da Reforma Universitária de 1968 - e este associado a um Convênio Unesp-Prefeitura Municipal de Eldorado. Neste instante, então, descrevemos as condições que desencadearam a proposição e o desenvolvimento de projetos de extensão universitária por esta universidade, como parte desta parceria com uma administração municipal.

A partir de julho de 1993, foram iniciadas a elaboração, a proposição e o desenvolvimento de projetos pela Unesp junto a este campus. Sendo que tais etapas foram desencadeadas a partir de uma pressão exercida pela administração municipal (*vide anexo 3*) recém-impossada, junto à Unesp, através do diretor deste programa, para que a partir de seu mandato, se fizesse valer o convênio firmado entre as duas instituições em outubro de 1990. Esta cobrança aconteceu, já que desde esta época, nenhum projeto da universidade foi desenvolvido no município de Eldorado. Diante dessa inexistência de projetos, o Convênio foi formalizado apenas no papel, na prática não ocorreu. Segundo o diretor do Campus Avançado, essa situação foi originada por “questões burocráticas e administrativas das duas partes” (10) :

Esta pressão exercida pela nova gestão da administração municipal de Eldorado, ocorreu, por sua vez, em relação a outras novas gestões, como relatou o Diretor do Campus:

(10) Tais questões, segundo ele, se resumiram em: desinteresse da administração municipal vigente neste período, 1990, em receber estagiários da Universidade (gerado pela “má impressão” da população da cidade vizinha de Jacupiranga em relação aos estudantes do Projeto Rondon que aí atuaram); dificuldade da universidade (na formação de equipes, por exemplo) em se readaptar à nova categoria de projeto de extensão universitária - o convênio com prefeituras, naquele período.

A partir de 93, realmente, com a nova gestão da Prefeitura de Eldorado, com a nova gestão da Reitoria e com a nova gestão da Direção do Campus, começou um trabalho de atuação das equipes. Foi muito fácil dizer que até aquele momento o Convênio não tinha funcionado por questões das administrações anteriores. Essa foi a desculpa: que não deram muita importância. Mas a Universidade, a Prefeitura e a Direção do Campus estavam agora impenhadas em ver se funcionava.

Diante destas novas administrações era interessante para todas mostrar trabalho. É do nosso conhecimento que a política dos nossos representantes oficiais, passe pelo populismo, pela propaganda. No entanto, este “marketing” tomou dimensões ainda mais graves quando acabou chegando aos meios acadêmicos. Uma propaganda originada nas instituições universitárias “seja pelas impossibilidades financeiras de se engajarem em pesquisas de alto nível, seja por opção ideológica, como foram as atividades rondonistas e outras desenvolvidas pós-68 pelas instituições oficiais principalmente”, como coloca Almeida (1991) em suas conclusões sobre o papel atual da extensão universitária. Continuando ainda a análise de tal papel, esta autora menciona o estabelecimento das “atividades extensionistas, principalmente as de cunho assistencialista(...) como formas rotineiras de muitas universidades mostrarem serviço à sociedade”.

Compreendemos este “mostrar serviço”, pois o vivenciamos, em determinados momentos, na realização das nossas atividades no Campus Avançado. Com esta afirmação, levamos em conta tanto as condições originárias deste Convênio Universidade-Prefeitura - já descritas anteriormente - como aquelas caracterizadas

no desenvolvimento do “Projeto Água” (como a pressão da coordenação do grupo para a elaboração de projetos para construção de fossas, caixas d’água, criação de animais, a “Campanha dos Calçados” (*vide anexo 4*) - entre outros, que serão mais detalhados posteriormente).

Além destes aspectos, a dependência Universidade-Prefeitura, a subordinação de sua própria autonomia nos foi revelada pelo diretor do campus avançado:

Em um convênio com prefeitura, a gente tem que fazer praticamente o que o Prefeito quer, a gente não goza de uma autonomia [...]

Tais colocações (pela gravidade que representa) nos remeteram ao que é defendido por Sobrinho (1993): uma autonomia universitária que não signifique “*encasulamento*”, mas, uma “*abertura da Universidade para o social*”, sem que no entanto isto desfigure ou fragmente seus propósitos fundamentais gerado por “*adesões mecânicas a demandas imediatistas*”. O requerimento de conhecimentos, volições e decisões - socializados, democraticamente construídos e geridos - é proposto ainda por este autor como um exercício desta autonomia. São maneiras para que a universidade se comprometa com o conhecimento e se veja livre de outros, como os apontados por FAGUNDES (1986):

Em qualquer tempo a Universidade sempre esteve comprometida com alguém, seja um rei, um papa, um estado, um grupo e/ou uma classe social.

O “Projeto Água”, desenvolvido no Campus Avançado da Unesp no Vale do Ribeira, enfocado nesta pesquisa, nasceu nesta conjuntura que acabamos de descrever. O diretor deste campus avançado, vinculado ao Departamento de Química - Campus de Botucatu - Unesp - levou ao conhecimento de seus integrantes as pressões que sofreu, por parte da Prefeitura Municipal, para que as atividades de extensão universitária existentes no convênio fossem colocadas em prática. A partir da exposição da problemática em que se encontrou, houve um interesse de um docente deste departamento em desenvolver no Campus Avançado do Vale do Ribeira uma pesquisa voltada para análises físico-químicas da água.

Como parte desta pesquisa, desde julho de 1993, foram realizadas várias visitas a bairros rurais do município de Eldorado para coleta de amostras de água para serem analisadas (*vide foto 5*). Em novembro deste ano, este docente, propôs a realização de um “trabalho de extensão educativo” nesta região a fim de que a população fosse informada sobre o alto índice de contaminação da água detectado a partir de sua pesquisa (*vide foto 6*). Esta proposta foi iniciada no período de férias escolares, em janeiro de 1994 por uma equipe de universitários. Sendo divulgada no Campus de Botucatu, essa idéia desperta o interesse de universitários (graduandos e recém-formados) das áreas de Ciências Biológicas, Ciências Agrônômicas, Medicina Humana, Zootecnia e Engenharia Florestal, formando assim a equipe necessária para o desenvolvimento daquele trabalho durante o restante do ano de 1994.

Desejamos inserir outras questões para discussão, visto que a descrição da origem do projeto que realizamos, nos facilitou abordá-las. Estas se referiram ao entendimento da proposta de extensão desenvolvido pelo diretor e coordenador da equipe respectivamente:

num trabalho de mão dupla (...) seus estagiários levam informações técnicas para melhor ajudar a resolver as carências da comunidade atendida. De outro lado, estes estagiários recolhem informações e experiências que vão retroalimentar a vida acadêmica para que esta não se fixe apenas na teoria, mas ao contrário aprenda fazendo. (...)de julho de 93 a dezembro de 94, neste ano e meio, a meu ver, foi feito muita coisa em Eldorado, que somente os cegos não vêem e não reconhecem”.

O grupo deveria resolver, sanar problemas da comunidade e aprimorar sua formação...

Estas concepções de aprendizagem desenvolvidas pelo diretor e coordenador, assim como de muitos outros profissionais da universidade (professores, administradores) acabaram por constituir suas representações sobre a função de um Campus Avançado. Concepções semelhantes àquelas presentes nos modelos importados de Campus Avançado. Dentre eles, o da Multidiversidade consiste numa forma de extensão realizada pelas universidades norte-americanas que objetiva fazer um intercâmbio com a sociedade, levando o seu *know-how* à comunidade e ao mesmo tempo reciclando seus cursos e realimentando suas pesquisas. Um outro, baseado numa aprendizagem realizada através de experiências, voltada para o *problem solving*, do “aprender-fazendo”. Nas universidades

brasileiras, esses modelos foram incorporados à Reforma Universitária de 1968 (ALMEIDA, 1991).

Fazer para satisfazer a demanda de mão-de-obra do modelo de desenvolvimento capitalista? “As mais diversas formas de trabalho exigem *conhecimento*, de vez que passaram, de atividades físicas irrefletidas e brutas, a atividades intelectuais de maior ou menor sutileza.”(DRUCKER, 1989 apud MORAIS, 1992). Aí é que o pragmatismo econômico acabou aceitando a minúscula visão das universidades como estritas expendedoras dos mais vistosos diplomas.” (MORAIS, 1992)

Até que ponto a educação, enquanto “atividade mediadora no seio da prática social” (SAVIANI, 1985), acaba perpetuando estas relações de mercado? Tais relações se tornaram implícitas na realização deste projeto à medida que foram recrutados um certo número de estudantes universitários, a fim de tornar a transmissão de informação mais eficiente e “produtiva” sob o ponto-de-vista da coordenação e da prefeitura. Tal transmissão requer um “consumidor” de informações (o morador do Vale do Ribeira).

Além disso, a justificativa apresentada por parte da direção, de que a participação neste trabalho levaria a um “contato com a prática”, revela uma abordagem educativa que poderá criar “trabalhadores ‘mais instruídos’ seriam... mais cordatos e produtivos e os técnicos e burocratas mais criativos e responsivos aos desafios da competitividade” (GUSSO: 1990).

“Como foi necessário conceder uma alta prioridade às considerações econômicas, os administradores, no geral, estiveram mais atentos à administração do que aos temas verdadeiramente universitários. Algumas universidades chegaram ao ponto de adotar uma espécie de enfoque comercial, e trataram de atender os gostos e os desejos de um público que clamava por programas orientados para determinadas carreiras, à custa da educação geral.” (CARRIER, 1984 apud MORAIS, 1992: 59)

A realização das entrevistas nos proporcionou reconhecer qual a concepção de educação daqueles envolvidos no projeto estudado, os quais expressaram-se pouco ou não o fizeram no momento da nossa prática educativa.

Como é o caso deste Diretor do Campus, que manteve seu contato com o grupo através de comunicados quanto às normas pertinentes ao regimento do Convênio, que precederam o “período de permanência da equipe em Eldorado” (principalmente naqueles de duração mais longa, ocorridos em janeiro e em julho de 1994 e janeiro de 1995). Muitas vezes, nem mesmo esse contato ocorreu quando tais informações foram repassadas pelo coordenador ao grupo.

Frente ao que presenciamos, levantamos alguns itens para reflexão. A Universidade deve continuar mantendo a fragmentação administração/educação observada no desenvolvimento de cargos como este do Diretor do Campus? Qual a concepção de educação de um “administrador” de uma atividade extensionista ? Como estar alheio a tais questões? Será que a primazia pelo cumprimento das normas e pelo zelo por questões administrativas e burocráticas não estariam contribuindo para o afastamento da Universidade da Sociedade? Como é possível desenvolver projetos que se dizem preocupados com o distanciamento universidade/sociedade, se tal distanciamento já ocorreu dentro da própria instituição, na relação professor-aluno?

Acreditamos que esta apresentação nos forneceu elementos para repensarmos a relação anti-dialógica que se “estendeu” desde a sala de aula, dos gabinetes administrativos para as comunidades:

Os coordenadores levaram os projetos e a comunidade aprovou, não foi solicitação da comunidade...

Nesta fala, o coordenador do grupo demonstrou a elaboração de projetos feitos pela universidade sem a participação da comunidade; o que constatamos nesta prática nos remeteu a considerá-la como semelhante àquela denominada por Brandão (1985) de “controladora-paternalista”. Este autor chegou a esta denominação quando discutiu a elaboração de programas oficiais voltados para a área da saúde que:

(...) chegam prontos dos gabinetes, salas de algum 5o. andar(...) A participação do povo, dos subalternos, é igualmente subalterna, submetida ao que os 'doutores da cidade' fazem definido e impõem como um benefício a mais caído do 'céu do governo'.

No momento em que já discutimos as instâncias do Convênio em que o projeto de extensão universitária estudado está implícito, necessitamos, ainda, demonstrar qual o ponto de partida de sua abordagem, bem como de sua elaboração. Além disso, realizamos um panorama da formação da equipe do “Projeto Água”.

I.2. A formação do “Grupo do Vale” e as atividades do “Projeto Água”

A idealização do projeto desenvolvido pela equipe de extensão universitária da Unesp - Campus de Botucatu - foi iniciada tendo como ponto de partida a constatação por um de seus docentes de contaminação da água de bairros rurais do município de Eldorado - Vale do Ribeira.

Para tanto, após tal constatação, este docente esboçou um bloco de atividades - apresentação de palestras, projeção de filmes e slides, utilização de microscópio, cartazes e folhetos informativos - a fim de que realizadas pela equipe de estagiários que permaneceram em Eldorado, durante as duas primeiras semanas de janeiro de 1994, a comunidade tomasse conhecimento dessa problemática. No período antecedente a esta etapa, auxiliamos este pesquisador - enquanto primeiros estagiários interessados neste programa - na preparação de desenhos para cartazes e folhetos informativos e coleta de material para observação em microscópio e lupa, organização geral dos equipamentos (do “pacote informativo”) transportados para o Vale do Ribeira.

Esta movimentação inicial chamou a participação de outros sujeitos que igualmente foram atraídos pela saída da universidade - permanecer em uma região “carente”, durante quinze dias... participando de um trabalho de Educação Ambiental.

Além disso, o interesse de outros estudantes pela viagem à Eldorado foi estimulado pelo envolvimento e empolgação inicial daqueles que estavam se dedicando aos preparativos do programa desenvolvido em nossa primeira atuação em Eldorado.

Continuamos os preparativos das atividades mencionadas anteriormente, nos dois primeiros dias de nossa chegada ao Campus Avançado. Nesta fase preliminar ao nosso contato com a população, acabamos nos envolvendo uns com os outros por um problema comum: estivemos, onde teríamos que passar a informação sobre a contaminação da água detectada pelo coordenador do projeto para indivíduos de uma comunidade de uma região totalmente desconhecida e que não pertenciam ao nosso mundo acadêmico. Como iríamos trabalhar estas condições? Cada um respondeu à sua maneira: ajudando a colorir os cartazes feitos por aqueles que sabiam desenhar, selecionando *slides* e filmes, providenciando material necessário (de papelaria, elétrico, de marcenaria).

Se imaginar esta saída, esta aventura, causou uma ansiedade por conseguir fazer parte da lista dos que seguiram para o Vale, presenciar na prática o verdadeiro contato - as casas de pau-a-pique rodeadas por uma paisagem de mata atlântica e quilômetros de plantações de banana e seus moradores de “pé no chão” (chão de terra amarela e lamacenta contrastando com o negro de sua pele) e roupas surradas - despertava reações que iam da surpresa, indignação, insegurança à euforia. Um ecossistema diferente daquele acadêmico - desde as suas estruturas às emoções geradas - uma nova realidade. Iniciou-se um contato entre pessoas da universidade e aquelas lá de fora, do outro lado, algo alicerçado em outras histórias de vida, em outros hábitos, em outros sotaques... uma nova paisagem.

Eldorado, município do Vale do Ribeira onde foi desenvolvido este trabalho de extensão universitária localiza-se no Médio Ribeira. De acordo com o censo de 1991, possui 13.099 habitantes, sendo estimado 4.000 habitantes na zona urbana. Os moradores da zona rural estão distribuídos em 57 bairros, na sua maioria localizados às margens ou próximos ao Rio Ribeira e de seus afluentes (*vide fotos 1 a 3*). Daí a grande dependência e utilização dos recursos hídricos presentes neste local pela população que os utiliza para a sua sobrevivência diária (*vide foto 4*). Nosso trabalho foi desenvolvido nos bairros rurais de André Lopes, Ivaporunduva, Nhunguara e Sapatu.⁽¹¹⁾

(11) Para maiores informações sobre a região do Vale do Ribeira, onde se localizam os bairros que atuamos *vide anexo 5*, onde apresentamos o contexto social, político e econômico.

Caracterizamos a seguir as etapas em que o “Projeto Água” ocorreu⁽¹²⁾:

1o.) Início do trabalho(janeiro de 1994)

Após constatada a contaminação da água de bairros rurais de Eldorado e formação da equipe, esta permaneceu durante quinze dias no Campus Avançado desenvolvendo o início do projeto. Esta fase se constituiu na transmissão de informações relacionadas a temática do saneamento básico (como tratamento da água através da cloração, construção de fossas, formas de contaminação da água, doenças causadas pela contaminação da água). Tal transmissão de informações foi feita através da apresentação de slides, filmes, peças teatrais, realização de desenhos e jogos, utilização de lupas e microscópios (*vide anexos 6 a 8 e foto 19*). Paralelo a isto foi feito junto à comunidade destes bairros um levantamento - o “diagnóstico social” (*vide anexo 9 e fotos 9, 10 e 15*) - objetivando-se a obtenção de dados sobre a realidade local.

(12) Para maiores informações sobre estas etapas do projeto vide anexo 6, onde incluímos o projeto elaborado pelo coordenador do “Projeto Água”

2o.) Formação de subgrupos (fevereiro)

A formação de subgrupos (saneamento, educação, projetos agrícolas, mapeamento, nutrição e outros) foi proporcionada pelo conhecimento parcial da realidade da região possibilitada pela fase anterior. Tais subgrupos mantiveram seus temas de trabalho durante o restante do período de desenvolvimento do projeto.

3o.) Apresentação dos temas à comunidade (abril)

Feita através de reuniões com os moradores dos bairros onde atuamos.

4o.) Mapeamento e aplicação do “diagnóstico social” (maio e junho)

O mapeamento consistiu na localização geográfica das moradias que seriam beneficiadas com a construção de fossas e caixas d’água a serem fornecidas pela Prefeitura local. Já a aplicação do “diagnóstico social” foi feita a partir da reformulação do anterior, utilizado em janeiro de 1994.

5o.) Desenvolvimento das atividades educativas (julho)

Apresentação de filmes, slides, peças teatrais, elaboração de desenhos, pinturas, modelagem em argila, jogos, enfocando a temática do saneamento básico (*vide fotos 13 e 16 a 18*)

6o.) Curso ministrado aos professores das escolas locais

Sobre noções de saneamento básico (agosto a novembro)

7o.) Campanha da Horta (setembro a novembro)

Os professores das escolas dos bairros onde foi desenvolvido o projeto, em contato com a equipe, reconheceram a implantação de hortas escolares como uma forma de aproximação escola - comunidade - equipe (*vide foto 14*).

Finalizamos, assim, a exposição do contexto em que foi originado o “Projeto Água”. Podemos, neste instante, passar para o próximo capítulo, onde abordamos a nossa aprendizagem a partir da intersubjetividade gerada neste contexto.

II. CONTEXTUALIZANDO A NOSSA APRENDIZAGEM: APRESENTANDO A INTERSUBJETIVIDADE

Desejamos explorar as reticências do imaginário, pontuadas no seu trânsito para a realidade - transitar pelo invisível do contexto focalizado. Falar da superfície, do que está entre uma coisa e outra, como nos alerta Moscovici (1994):

(...) tudo o que existe na natureza se produz a partir de uma de suas margens: a superfície da terra, a membrana de uma célula, o momento de uma catástrofe, o começo e o fim de uma vida. Poder-se-ia dizer o mesmo do que se produz na sociedade. E especialmente nesse território onde se articulam os fenômenos individuais e os fenômenos coletivos. Sendo assim, devemos estar atentos como colocamos o problema indivíduo-sociedade, pois, sem nos darmos conta, corremos o risco de o transformarmos não apenas em um problema difícil, mas principalmente em um problema que se revele impossível de ser tratado no plano científico.

Interessamo-nos pelo processo do meio, em trânsito e em transe, idealizando-o como um devir, estado de vir a ser, território entre o imaginário aprendido/apreendido e a realidade praticada. Processo que é a relação em si entre um indivíduo e outro. A intersubjetividade - descreve esse terreno - substancioso caldo orgânico de ingredientes micro e macro. É gerada como um novo elemento, diversa da subjetividade, dotada de uma variabilidade de expressões, determinada pelas representações de atitude e identidade dos indivíduos, quanto a si mesmo e aos outros. Há aí um devir que brota: “... *não conseguiram evitar que a semente deste trabalho morresse, ela está latente*” - expressa um dos participantes do “Projeto Água” - algo ainda está nascendo daquela experiência.

À medida que nos atemos ao intermediário das extremidades das concepções de mundo (representações intersubjetivas da atitude e da identidade) dos sujeitos, nos deparamos com a inquietude desse estado - sensação de desconforto e incômodo - perante as oscilações entre um extremo e outro ora ocultas ora aparentes. Uma instabilidade provinda de extremidades, de extremos, de pólos... ou simplesmente de sujeitos, de indivíduos, configuradora do que é inesperado do educativo. Denunciamos, com isso, uma das dificuldades vividas na trajetória entre o real e o imaginário, que nós, técnicos, atores da experiência educativa abordada, enfrentamos e que no entanto, em meio aos nossos conflitos, acabamos por gerá-la:

(...) Fazer um projeto de extensão no Vale e achar que tudo vai sair do jeito que tava no papel... Não, vai furar, ter uns furos. E a experiência educativa acontece nesse sentido: o que fazer diante do inesperado? Educação também é tá disposto a encarar o inesperado, o que vem pela frente - aí, vem uma Prefeitura que você vai enfrentar problemas? Vem e aí? O que nós vamos fazer?... E a questão do grupo também: você trabalha com o inesperado pra você e pra outras pessoas que tão junto de você. Você não pode tomar a decisão por elas. ⁽¹³⁾

Temos como intento no presente capítulo refletir sobre a intersubjetividade, já que a entendemos como geradora do processo educativo de todas as fases edificadoras desta pesquisa - da participação da autora nas atividades de campo do “Projeto Água” à reflexão sobre o discurso de seus participantes. À subjetividade e à intersubjetividade buscamos relacionar o tempo e o espaço como categorias de representação.

No nosso estudo, conceituamos a intersubjetividade como estabelecida na relação entre o auto - o sujeito em si - e o alter - o outro sujeito, os quais se movimentam na integração e na interação de experiências (conhecimento) intra ou extra-grupais. A elaboração destas representações sobre o alter ocorrem pelo movimento do auto em si mesmo em direção a outros sujeitos - movimento de integrar ou de interagir - justaposição ou interação de cosmovisões respectivamente.

(13) Esta fala é da autora, que foi indagada por um dos entrevistados sobre o significado atribuído por ela ao processo educativo.

Estabelecemos, assim, a intersubjetividade como um conjunto formado pela relação intra-grupal (a convivência de um estudante com outro e destes com o coordenador) somada àquela extra-grupal (o contato do grupo - estudantes e coordenador com a população e com a administração municipal). As representações de identidade e de atitude destes sujeitos determinam a forma de relação entre um e outro - a intersubjetividade. Descobrimos quais são estas representações, revelamos qual educação foi gerada na intersubjetividade. Buscamos pontuar o pedagógico na relação intersubjetiva através destas representações, exprimir o que um ensinou ao outro.

Consideramos a percepção da identidade dos sujeitos expressa tanto em relação ao seu caráter individual como ao coletivo, desencadeada nas dimensões do auto e do alter. Demarcamos em seu discurso o primeiro caráter como uma auto-imagem especificada na promoção de uma ação (e reflexão) própria e particular - enquanto um participante do "projeto água": o indivíduo se autopercebe, ora aproximando ora distanciando sua lente do convívio com o grupo.

No instante desta oscilação, se reconhece como um membro do grupo, quer tecendo imagens de si mesmo quer trazendo à vista o caráter coletivo, quando as imagens são dos outros sujeitos, também envolvidos na constituição do grupo - estas definem o alter. Na primeira postura, a atuação do sujeito foi bem definida: colocadas na primeira pessoa, identificadas como espécie de função, de papel, de nicho intra-grupal. Na segunda, este sujeito travou um distanciamento desse seu nicho e do próprio grupo como um todo, se

alheia deste conjunto, o qual passa a ser uma entidade independente de seus membros, dotado de arbítrio: “o grupo...”, “necessitava”, “não queria”, “poderia”... Ora o sujeito fala em seu nome, ora naquele do grupo (posição, papel e contribuição). Os sujeitos atribuem sua postura ativa ou passiva diante de determinado conflito - gerado no grupo ou fora dele, em relação à prefeitura e população - tanto a si mesmo como indivíduo como ao grupo.

Portanto, investigamos o que tais representações revelam do aprendizado na intersubjetividade, já que elas a determinam. Desta forma, desejamos compreender, qual o processo educativo gerado na configuração desta relação. Tais representações especificam qual a aprendizagem existente nos movimentos de um pólo a outro - nas relações intersubjetivas. Dimensionamos a partir delas as implicações deste movimento, objetivos desta pesquisa:

* compreender qual o significado do aprendizado gerado na relação de um acadêmico com outro, no interior do grupo - o que aprendemos como integrantes do “Grupo do Vale” com a nossa própria prática.

* qual o aprendizado do acadêmico na relação com a população ao longo da nossa atuação via extensão universitária.

* verificar qual o saldo educativo - qual aprendizagem - existente no interior da prática do “Grupo do Vale”, relativo às abordagens especificadas acima. Qual a conclusão que enlaça os itens anteriores através de suas pontes comuns?

Evidenciamos as representações referentes ao “Projeto Água” manifestadas pelos seus participantes em relação ao período em que eram integrantes do trabalho no Campus Avançado e ao atual, como ex-integrantes - quando os entrevistamos. Identificamos esta manifestação como parte de suas expectativas correspondidas ou não em sua atuação (representações do ontem e do hoje). (14)

Delimitamos as representações dos sujeitos pela abordagem ambiental, pontuada como saúde e desenvolvimento, base temática do “Projeto Água, suas Inter-relações e Educação Ambiental”, onde o homem do Vale ou da Universidade colocam em cheque imagens de si mesmos e de seus meios (o saber/a educação).

(14) Além dos objetivos citados, pretendemos com a realização desta dissertação, sistematizar, registrar e difundir o “Projeto Água”, interrompido em novembro de 1995, já que não foi elaborado nenhum registro científico sobre a nossa atuação.

Visualizamos o perfil da Educação originado nos trabalhos da equipe à medida que as representações sobre qualidade de vida vieram à tona pela própria compreensão da problemática da contaminação da água e das barragens por parte dos pólos envolvidos - estagiários, professores e moradores. Inseridas em uma reflexão sobre a o meio ambiente, estas representações acabaram por mediar a relação entre o grupo e a população. Desta forma, é nesta dimensão que o processo educativo se deu: o contato de sujeitos provenientes de uma universidade com moradores dos bairros rurais de Eldorado - Vale do Ribeira, onde as condições de saneamento básico são precárias (esgoto a céu aberto, alto índice de contaminação dos pontos de captação de água, como riachos e fontes) - os levaram a expressar algumas de suas concepções sobre qualidade de vida.

A articulação entre as representações dos acadêmicos e dos ribeirinhos inculcaram o processo educativo, multifacetado em cada uma delas. Tanto a subjetividade como a intersubjetividade foram traduzidas nas representações que observamos a seguir, sendo algumas vezes, inevitáveis as interligações entre uma e outra. Por sua vez, tais representações indicaram, simbolizaram e definiram a relação entre os indivíduos, de onde foi oriunda a aprendizagem, o educativo que desejamos expressar com esta pesquisa.

Os sujeitos como partes da esfera micro e macrossocial - a conjuntura social, política, econômica e cultural configuradas pela sua inserção na instituição de ensino, nas atividades didáticas desenvolvidas no campus avançado, no bairro, no gabinete - engendraram esta experiência, onde pudemos refletir

sobre o perfil da Educação e da Universidade. Tais aspectos acabam sendo mediados pelas relações indivíduo-sociedade, seja aquele participante do projeto, seja aquele ligado às questões administrativas e burocráticas, ou ainda o morador do Vale do Ribeira com quem entramos em contato.

Levamos em conta este quadro na elaboração das discussões aqui realizadas, já que como afirma Moscovici et al. (1994), ao analisar a coexistência do individual e do coletivo,

Não existe sujeito sem sistema nem sistema sem sujeito.

Portanto, tentamos não perder de vista em nosso debate a necessidade do entendimento do individual enraizado no social, de como um e outro se modificam mutuamente, derrubando o caráter dicotômico entre o individual e o coletivo (ANDRADE, 1993).

Acreditamos que fizemos essa tentativa tendo como referência a busca de uma postura metodológica globalizante, propiciando condições de criação de um espaço de discussão onde abordamos os principais pontos de integração e interação gerados nas várias etapas desta nossa investigação/participação, uma das nossas preocupações desde o início.

Elaboramos nossa reflexão sobre o significado cognitivo do trabalho, tendo como principal foco a síntese dos participantes do projeto - a nossa compreensão da educação - que manifestamos no momento dos diálogos. Portanto, esta pesquisa

revelou a síntese da autora em interação com os mesmos: elaboramos, em conjunto, um mosaico da nossa experiência.

Tivemos como referencial os “autores” do educativo brotado da prática da extensão universitária na região do Vale do Ribeira que ainda não registraram suas concepções de mundo na bibliografia tradicional (livros, periódicos, teses), mas, com esta dissertação abrimos um espaço para tal registro. Nosso sentido de autoria é aquele dos progenitor, do que concebem a ação educativa. Autoria que abraçou a atuação, autor que abriga a faceta de ator de uma aprendizagem. Assim, nos referimos a autores-atores, que nos auxiliaram na definição de uma metodologia centrada na flexibilidade originada à medida que estes sujeitos revelam seu aprendizado. Além disso, desejamos possibilitar um diálogo entre este referencial e aqueles consultados na elaboração desta dissertação.

Eis aí, outros pontos que desenharam o perfil da Educação neste estudo: expressão do subjetivo, no percurso de um sujeito com o outro (estagiários coordenadores, administradores, moradores, pesquisadora) no espaço das comunidades rurais ou naquele da universidade: uma oportunidade para que o mundo micro dialogue com o mundo macro.

Procuramos equilibrar em nosso estudo a tanto a participação do segmento acadêmico como o da população na construção dessa experiência educativa. Baseamo-nos esta conduta na visão de Sandoval (1994), que nos chama a atenção para alguns trabalhos de pesquisa voltados para a temática da extensão universitária cuja abordagem está centralizada em questões relacionadas primordialmente à população ⁽¹⁵⁾ . Segundo este pesquisador, tal abordagem acaba comprometendo o entendimento dos idealizadores da experiência pedagógica, integrantes da universidade. No entanto, a opção que fazemos aqui não desconsidera o papel da comunidade nesta experiência.

(15) Realizamos nossas atividades orientadas com este pesquisador e, em uma delas, discutimos esta abordagem de estudos voltados para a extensão universitária.

Trabalhamos com o “arquivo vivo”, aquilo que foi aprendido/apreendido pela memória (razão e emoção), com o que realmente marcou os integrantes do “Projeto do Vale”. Daí, a causa de ter realizado as entrevistas, nesse momento, de fazer delas recursos que auxiliaram em uma reflexão (a dissertação) que se aproxime da realidade, que receba desses relatos o que nos marcou como aprendizagem. Os documentos e os relatos da época de realização do projeto não abrigaram tanta vivacidade educativa quanto a desses depoimentos feitos atualmente. As falas de hoje compreendem uma visão do que “foi” e “poderia ser” a Educação por nós vivenciada, possíveis embriões de novas perspectivas futuras propiciadas por esta experiência pedagógica.

Introduzidas as diretrizes que nos nortearam neste estudo, neste instante, gostaríamos de dimensionar nossa compreensão da experiência que passamos no Vale do Ribeira através da expressão dos sujeitos dos segmentos envolvidos neste trabalho - estagiários, professores e moradores - obtida livremente em seus discursos nas entrevistas realizadas com os mesmos. Tal expressão atua como fator aglutinador e ponto de partida da discussão das várias etapas do trabalho de extensão universitária debatido, no sentido em que o diálogo com esses sujeitos revela quais aspectos foram relevantes para nosso entendimento do processo educativo dessa proposta.

Sendo assim, estes aspectos revelados nas entrevistas acabaram nos auxiliando na contextualização e inter-relação das situações captadas tanto na fase em que atuamos no campus avançado (que por sua vez, ocorreu em várias etapas) - na observação participante - como naquela em que realizamos a análise de documentos. Portanto, neste capítulo - nos encontramos diante de um debate baseado nestes parâmetros.

Falamos nesta pesquisa em nome do “nós”, pois, acreditamos ter compartilhado desta pluralidade, através da nossa participação no “Grupo do Vale”. Nele, como integrante e pesquisadora desta prática comungamos do estado de aprendiz do nosso papel como educadora. Buscamos, assim, expressar o significado da experiência da extensão universitária como uma aprendizagem de encontros entre a pesquisa e a educação, entre o auto e o alter nestas esferas do conhecimento.

O intersubjetivo se traduziu na relação entre os pólos - o estudante, o docente - na convivência grupal - o ribeirinho, os quais formaram um microcosmo de aprendizagem universitária e política. Onde os mundos macro e o micro se entrelaçam. Imaginemos um corte da estrutura universitária, simbolizado aqui pela atuação no Campus Avançado (a extensão universitária), bloco acadêmico onde incidem as influências incomuns ou pouco rotineiras de um contato com uma população. Associemos a esta simbologia a imagem de um tubo de ensaio (a própria experiência da nossa atuação), onde as reações mais inesperadas acontecem. Delas vertem alquimias pedagógicas refletidas na transformação que estes sujeitos passaram

- da época de sua atuação até o presente. No próximo capítulo relatamos o início desta transformação, descrevendo, assim, o percurso do “Grupo do Vale” e dos ribeirinhos na conquista do aprender. (16)

(16) Nestes subcapítulos, citamos vários depoimentos de participantes do “Projeto Água” extraídos das entrevistas que realizamos após o término do projeto. Identificamos cada um deles, através de numeração de cada participante (colocadas no final dos depoimentos). Além disso, utilizamos algumas falas de moradores relativas ao momento da nossa atuação na região do Vale do Ribeira, bem como ao término do projeto.

III. “O PROJETO ÁGUA - NOSSO CAMINHAR: DE EXTENSIONISTAS A APRENDIZES

III. 1. As expectativas quanto ao “Projeto Água”: por que ir ao Vale?

Retomamos, a seguir, a origem do “Projeto Água”, relatada no capítulo I, buscando, agora, compreender as representações aí inseridas, as quais nos permitem apontar as imagens das nossas expectativas quanto à população.

Observamos que frente à convocação do Diretor do Campus Avançado para que a universidade atuasse na região do Vale do Ribeira, o coordenador elaborou a proposta do “Projeto Água”⁽¹⁷⁾:

(17) O diretor do Campus Avançado recebeu uma solicitação da administração municipal da cidade de Eldorado para que a universidade desenvolvesse algum trabalho na região, mediante o Convênio existente entre ambas. A partir daí, convocou docentes de vários campi da Unesp para que realizassem proposta de atuação. Para maiores informações sobre as instâncias formais e políticas desta solicitação, veja capítulo I - Origem do Convênio.

(...) foi uma atividade que não foi programada: o Diretor do Campus me chamou (...) Assim montamos um equipe com cerca de 50 pessoas: alunos de biologia, agronomia, zootecnia, veterinária, medicina, e iniciamos um amplo trabalho educativo em quatro bairros rurais do município de Eldorado. Foram realizados: teatro, artesanato, cursos para professores, hortas comunitárias, assessorias para tratamento de água, limpeza de caixas d'água, captação de água, construção de latrinas, etc., assessoria em saúde sanitária, levantamento sócio-econômico, análise de água. (coordenador)

A experiência prévia do coordenador na pesquisa sobre a qualidade da água - realizada na região dos bairros onde trabalhamos - o levou à iniciativa de elaborar a proposta do “Projeto Água” (18):

O conhecimento que eu tinha do Vale era de uma região rica em recursos hídricos, com alguns problemas de poluição, o que me levou a realizar um projeto de qualidade de água. Mas lá chegando, verifiquei pela análise da água que um dos maiores problemas é a contaminação por coliformes totais e fecais e que a população era em parte causadora desta contaminação. E a população bebe desta água sem nenhum tratamento - há inexistência de saneamento básico e algumas noções elementares de higiene, saúde e proteção ambiental. Isso era provavelmente um dos grandes causadores de doença e mortalidade infantil. (...) A partir dessa constatação, achei que seria importante fazer um trabalho de Educação Ambiental para proteger... principalmente a qualidade da água: o objetivo principal. (coordenador)

(18) Anteriormente à nossa atuação, este coordenador realizou uma pesquisa sobre os determinantes da qualidade da água - vinculada à sua especialidade como químico. Tais determinantes são: análise das características físico-químicas da água associada à biológica, o s quais revelaram a presença de um alto índice de coliformes fecais - indicadores da contaminação das fontes de captação da água (rios, fontes, minas, poços, caixas d'água) desta região.

A constatação da contaminação da água, envolvida pelos pressupostos que citamos acima, levou a coordenação a esboçar uma proposta educativa para a região. Alguns membros de sua equipe de pesquisa nos auxiliam a esclarecer o início desta proposta:

(...) não era com comunidade no começo, era só pra fazer análise de água. A gente fez análise de água e percebeu que a comunidade tinha muito a ver com aquela poluição e que a gente ia conseguir contribuir pra despoluir a água se trabalhasse com comunidade(...). Chegando em janeiro o coordenador falou pra convidar amigos que tinham a ver com esse tipo de trabalho (que gostariam de trabalhar com comunidade). (coordenador)

Percebemos aqui que a população foi vista como poluidora dos recursos hídricos daquela região e que o enfoque da proposta do “Projeto Água”, elaborada por este docente, é “proteger a qualidade da água”. Estamos diante de uma concepção de Educação Ambiental que enfatizou a transmissão de informações sobre o meio ambiente ao ribeirinho - poluidor da água. Uma concepção centrada no que afetou o meio ambiente e não nos habitantes deste meio. Assim, encontramos aí uma Educação Ambiental que partiu de um conhecimento técnico (a contaminação da água), priorizando-o no contato com uma população, a qual ficou em segundo plano quanto a interagir seu conhecimento quanto a outras abordagens da realidade que os envolveram.

Além disso, acreditamos que esta ênfase dada à contaminação da água indica um apego da coordenação à sua vivência anterior na área da pesquisa sobre a qualidade da água na região do Vale do Ribeira. Justificamos este apego a estas

experiências prévias face à reação ao novo campo de atuação que este docente se deparou - a extensão universitária.

Para mim foi uma experiência: eu também não estava maduro, uma atividade que não foi programada (o Diretor do Campus me chamou). Foi uma capacitação do grupo e do coordenador. Eu não estava preparado para atacar todos os problemas (...) (coordenador)

Contrapomos a ênfase dada aos conhecimentos técnicos deste docente - proporcionados pela sua pesquisa - `aquela dos estudantes, representada pelo contato com uma população, que os motivaram a ingressar no “Projeto Água”. Permitimo-nos esta observação pelo sentido que demos a esta atividade como determinante do nosso interesse pelo ingresso no “Grupo do Vale”. Ao mesmo tempo, a Educação Ambiental que o coordenador propunha não foi o que nos despertou, em primeira instância. Denunciamos aqui que estivemos mais interessados nas relações com uma população, proporcionado pela extensão, do que nos resultados de contaminação da água, que embasaram a educação ambiental do coordenador:

Educação Ambiental não foi o tema principal que me chamou. O tema principal foi ser um projeto de extensão. Eu tava buscando uma experiência pessoal. Eu fui atrás do projeto, muito pela formação. (estagiário 1)

Com estas colocações, trazemos a nossa diferença de olhar para o significado da extensão universitária: o coordenador primou pela qualidade da água, enquanto que, nós, mesmo frente às nossas incertezas, esperamos entrar em contato com uma população

“fora da universidade”. Tal diferença nos levou a verificar uma outra: a de objetivos quanto à nossa atuação. Os estudantes desejaram ir para o Campus Avançado aprender o trabalho com população, ao mesmo tempo em que o coordenador já se dirigiu para esta mesma população com o intento de ensiná-la conceitos sobre a contaminação da água. Houve, aí, uma diferença de movimentos dos sujeitos no processo educativo iniciado: enquanto o coordenador objetivou ensinar, os estudantes se propuseram a aprender. No entanto, tal diferença esteve implícita no nosso interesse pelo projeto, o que gerou uma ambigüidade quanto aos nossos propósitos. Desejamos colocar nossas expectativas na vivência da prática deste exterior, as quais ilustram esta discordância de objetivos:

(...) esses objetivos nunca foram realmente claros. O que eu sabia era que a gente precisaria trabalhar com a população, em virtude do convênio que existia com a Unesp e com o Campus Avançado de Eldorado. Sabia-se da situação das famílias, sabia-se que poderia haver um vínculo entre a questão de água, poluição e um vínculo entre esse trabalho de água e os hábitos da população. Os objetivos foram entendidos implicitamente, não ficaram claros. Só acho que mais tarde, como eles nunca ficaram claros, acabou havendo uma certa divergência entre as próprias pessoas. Porque os alunos que freqüentavam o Vale e trabalhavam no Projeto, acabaram dando uma interpretação diferente daquela dada pelos coordenadores do Projeto. (estagiário 2)

Relacionamos algumas destas nossas expectativas ao “Projeto Água” como reveladoras da concepção prévia de extensão universitária dos integrantes da nossa equipe - anterior à atuação no Campus Avançado. Ingressamos nesta equipe por nos interessarmos e valorizarmos a inter-relação entre a a universidade e a

comunidade. Almejamos um aprendizado - uma formação pessoal - baseado nesta concepção. Tivemos, assim, algumas expectativas (representações prévias) a respeito do nosso ingresso no “Projeto do Vale”:

Eu me interessei por dois aspectos principais. Primeiro, foi muito pessoal: eu estava começando a trabalhar com extensão, buscando uma formação pessoal quanto a isso. E naquela época, despontou o trabalho do Vale. E a segunda, que tem muito da primeira, foi que eu comecei a perceber a importância desse tipo de projeto, mais como integrando comunidade com universidade. (estagiário 1)

No entanto, demonstramos uma incerteza quanto ao sentido que demos a esta inter-relação com a comunidade: distância ou envolvimento? Ou seja, vinculamos esta indagação à imagem que tivemos desta comunidade, idealizando-a como doadora de “conhecimento popular” em “troca” da nossa prestação de serviço. Associamos a esta imagem uma distância entre nós - universitários, doadores de conhecimento tecnológico e aqueles - ribeirinhos fornecedores de conhecimento popular. Ao mesmo tempo, começamos a nos indagar sobre a necessidade de um envolvimento com a população que entramos em contato, mas que, no entanto, não teve aí, nesta fase inicial do “Projeto Água”, uma clareza do seu significado:

A minha visão era de um trabalho com comunidade, com idéia dessa troca, só que isso não tava bem claro na minha cabeça: se era uma troca de favores, de conhecimento só - que tipo de troca era essa que a gente iria ter com a comunidade? Até que ponto, a gente tava envolvido com ela? Era só uma prestação de serviço e extrair um pouco da comunidade o conhecimento popular deles? (estagiário 3)

Na verdade, procuramos responder as indagações sobre a “troca com a comunidade” ao longo da nossa própria prática pedagógica na região do Vale do Ribeira(as atividades do projeto aí desenvolvidas). Respondemo-nos à medida que consideramos esta prática como uma contribuição à pobreza deste local, observada neste momento:

(...) Conhecemos o local e percebemos que feria campo pra se fazer um trabalho mais estendido à população. Devido à própria carência daquela população da região. (estagiário 4)

o trabalho era uma possibilidade de sair da Universidade - e todo mundo, todo ser humano, por mais que esteja escondido, tem um senso de querer ajudar, mesmo que bloqueie, que esteja bloqueado. Mas tem uma vontade de ser útil, de contribuir. (estagiário 5)

Eu sempre gostei de fazer esse tipo de trabalho, com comunidade (...) com projeto de extensão (...) A informação era de uma região muito pobre e muito bonita. (estagiário 4)

(...) o interesse por ambiente também me levou a participar do projeto. Mas foi mais forte a necessidade de estar próximo à população e poder fazer algo por eles. (estagiário 6)

Eu estava (...) em uma fase em que precisava conhecer outras áreas de atuação (...) e esse trabalho (...) me possibilitaria ter uma visão mais realista do que é e como é um trabalho realizado em comunidades carentes (estagiário 3)

Isso me chamou um pouco a atenção: de trabalhar fora, com população carente, que é um negócio que eu sempre tive uma certa curiosidade pra saber, pra tentar fazer alguma coisa. (estagiário 8)

Eu gostava de trabalhar com gente (eu trabalhava com Centro Acadêmico, gostava de falar muito). Daí um dia, o P. falou que tinha surgido a oportunidade de trabalhar lá no Vale do Ribeira pra trabalhar com comunidade (...) (estagiário 5)

Encontramos outro interesse quando vislumbramos o “Projeto Água” como um espaço onde nossos conhecimentos recém adquiridos no curso de graduação fossem ensinados:

(...)uma experiência super boa... eu ia poder tá ensinando meus conhecimentos que eu tinha acabado de ver na graduação. (estagiário 7)

Vimos, também, com relação a estas colocações, que este projeto de extensão universitária divergiu das outras atividades pertencentes à rotina acadêmica destes sujeitos - estudantes e professores: o ensino e a pesquisa:

E aqui dentro da Universidade, internamente, a gente não fala em extensão, os professores não comentam(...) (estagiário 3)

(...) Inicialmente, a gente nem pensava em fazer algo grande, era apenas um trabalho de pesquisa a mais que nós iríamos fazer na região do Vale do Ribeira. (...) A gente começou a fazer reuniões e chamar alguns alunos de todos os cursos e acabou saindo. (estagiário 4)

Estas expressões colocadas até agora - quanto à visão que os estudantes e o coordenador tiveram da atividade extensionista - nos mostraram que salientamos uma necessidade de saída da Universidade em direção a uma realidade diversa do seu próprio interior acadêmico. Ou seja, buscando esta realidade no exterior da nossa instituição de ensino, estivemos denunciando uma desarticulação entre o que ensinamos, aprendemos e pesquisamos e este exterior.

As representações prévias que os estudantes e o coordenador revelaram quanto à extensão universitária nos auxiliaram a compreender a atuação do “Grupo do Vale que relatamos nos outros subcapítulos. Tais representações nos mostraram uma diferença destes sujeitos quanto aos seus pontos de partida.

Introduzida a discussão sobre o nosso interesse pela extensão universitária, desejamos detalhar nos outros subcapítulos como a desenvolvemos na vivência no Campus Avançado.

III.2. O início da atuação - o despertar de um aprendizado entre o “Grupo do Vale” e os ribeirinhos

Descrevemos anteriormente a divergência de objetivos dos estudantes e a do coordenador relativa à proposta do nosso projeto. Vinculamos aqui esta divergência à geração de uma desarticulação de tais objetivos. No interior do grupo, os nossos objetivos - voltados para a troca, a ajuda a uma comunidade carente ou à problemática ambiental - caminharam paralelamente, sem no entanto, serem interligados:

Expressamos abaixo mais uma vez a inexistência de uma comunhão de objetivos, o que originou na equipe a ausência de uma “filosofia de grupo”, que entendemos como:

(...) Filosofia de grupo como uma coisa em comum, um objetivo em comum - é o porque das pessoas estarem fazendo aquilo tudo, como chegar a uma coisa comum. Por exemplo, eu tava fazendo aquilo por uma formação pessoal e pela importância que eu via da extensão, outras pessoas, mais pela Educação Ambiental, outro pela parte de Saúde. O importante era tentar juntar esses objetivos, tentar achar uma coisa comum e explicitar esses objetivos todos pro pessoal mesmo. Sentia que pra mim não tava tão claro, tava meio obscuro, confuso - essa é a palavra chave. *(estagiário 1)*

Convivemos frente a esta desarticulação de nossos propósitos, com uma sensação inicial de desorientação quanto à forma que atuamos:

Como eu tava começando e não tinha experiência nenhuma, eu cheguei lá meio com medo, eu não sabia o que ia fazer, o que ia acontecer. (...) Com relação ao grupo, eu achei menos estruturado no começo, em termos de organização, de planejamento, de tá mais detalhado o que a gente ia fazer, qual o objetivo comum desse grupo (o que nós estamos fazendo junto aqui). (...) Quando eu cheguei lá, como não tinha tudo isso, eu percebi que tava meio perdido. Porque faltou um pouco de planejamento (uma distribuição de tarefa, uma organização geral) e até uma definição dos objetivos, vamos dizer assim, uma filosofia de grupo. Essas duas coisas, como não tavam bem detalhadas, embasadas, eu me senti um pouco perdido em relação a isso. *(estagiário 1)*

Posteriormente, apegamo-nos à proposta do coordenador - disseminar informação sobre a contaminação da água. Pois, tivemos neste apego a primeira informação sobre uma realidade que desconhecemos - uma atividade de extensão na região do Vale do Ribeira.

Desta maneira, transformamos, com esta atitude, nossas incertezas e desorientação na definição comum de um objetivo: a “questão da água”, que traduzimos como esta difusão de informações. Quando adotamos este papel de transmissores de forma comum, começamos a conseguir “sucesso”:

(...) Nós queríamos trabalhar a questão da água, tava muito claro o que poderia ser trabalhado e todo mundo teve um esforço comum pra chegar a aquele objetivo, daí tenha conseguido, com essa clareza todo um resultado positivo. Foi aquela vez que fomos todos nós nas férias pra lá, foi muito enriquecedor. (...) Foi um grande ponto do Vale, de tá todo mundo com muita vontade de trabalhar e como nós estávamos centrados bem na questão da água, o trabalho fluiu de uma forma muito boa, acabou tendo um rumo bem comum, tudo o que a gente fazia tava confluindo pra alguma coisa, não tava uma coisa aberta, tinha finalidade comum. *(estagiário 4)*

Explicitamos mais detalhadamente esta “questão da água” nos referindo ao conteúdo e à metodologia do “Projeto Água”. O conteúdo está centrado em técnicas preventivas sanitárias (tratamento da água, doenças causadas pela sua contaminação), sendo transmitido através de atividades - como projeção de slides e filmes, teatro, aulas práticas - parte da metodologia.

Diante das nossas incertezas quanto ao nosso primeiro contato com a população, apegamo-nos a este conteúdo proposto pelo coordenador voltado para a contaminação da água constatada. Por outro lado, inovamos na metodologia, sendo que o vínculo ao conteúdo proposto pelo coordenador nos proporcionou o primeiro contato com a população.

O grupo criou sua própria metodologia partindo da incorporação da realidade percebida na linguagem das atividades como as entrevistas, as palestras, o teatro, por exemplo. Iniciamos uma aprendizagem com o próprio grupo, com a nossa criatividade:

A maioria das coisas que eu fiz lá, foi que eu fui aprendendo lá mesmo. Quando a gente ia fazer as entrevistas, o mapeamento, os jogos, o teatro, tudo aquilo foi coisa que eu não aprendi nada, foi na hora que a gente foi inventando, fazendo, criando e saiu. (...) O que eu lembro que me marcou foi o começo, quando a gente ia fazer as entrevistas (foi a primeira coisa que a gente fez), depois foi o teatro (a criação da história, os personagens). Ali tinha uma ponte: a gente tentava embutir no enredo algumas coisas de educação e saúde, tentava passar pra população alguma coisa de saúde. A gente foi adequando a peça ao que a gente foi vendo. *(estagiário 1)*

Estabelecemos aí nestas etapas um permanente processo de criatividade, desencadeado pela nossa preocupação com a abordagem da temática da contaminação da água à população, que nos aguardou diariamente no Centro Comunitário ou nos bairros. Produzimos uma reinvenção do emprego dos padronizados recursos acadêmicos - como o uso de projetores, de retroprojetores, do vídeo, do microscópio, do lápis de cor, das tintas.

Percebemos que conseguimos passar a mensagem da contaminação da água, através do envolvimento dos membros da equipe uns com os outros (convivência-amizade-interação) e pelo nossos impactos diários com o cenário em que descrevemos há pouco.

(...) Foi uma empatia geral: um grupo que se identificou (...) Foi uma sensação muito gostosa que todo mundo compartilhou: dessa união, essa coesão do grupo. (...) O primeiro contato foi uma coisa difícil e ao mesmo tempo gratificante, depois a conquista da população que a gente teve, então tudo isso aí foi uma coisa que o pessoal ficou eufórico. O pessoal de repente tava lá e nem acreditava que tava acontecendo tudo aquilo. Foi uma coisa mágica mesmo que aconteceu lá. Todo esse contexto levou a essa euforia generalizada. *(estagiário 6)*

Desta forma, nos impressionamos e nos estimulamos pelo que vivenciamos: conseguimos transpor limites vinculados à idade, ao curso, à classe econômica. Estamos diante de um processo educativo, retro-alimentado por uma interação desencadeada tanto no interior da equipe - entre seus membros - como além dela, na relação com a comunidade. Criamos a nossa metodologia de trabalho. Acabamos estabelecendo um processo criativo que permitia que conseguíssemos nos comunicar com a população - transmitindo as informações voltadas para a saúde, utilizando-se, por sua vez, de uma metodologia inovadora, no sentido em que não a experimentamos na instituição de ensino.

Criamos a “nossa sala-de-aula”: aí um conhecimento inovador brotou, então, à medida que geramos um canal de comunicação com a população. Conexão que viabilizamos pelo *feedback* do grupo e da população.

Quando eu via aquele Centro Comunitário, aquele monte de gente, cada um fazendo uma coisa e gente pra lá, criança pra lá, eu achava interessante. Eu gostava, me entusiasmava ver aquela atividade, um monte de coisa ao mesmo tempo, um explicando uma coisa pra criança aqui, outro explicando ali. (...) foi uma metodologia criada na hora. (*estagiário 1*)

Nossas primeiras atividades na região do campus avançado nos fizeram expressar seu sentido de descoberta de outros hábitos, de uma outra paisagem:

Logo que eu conheci o Vale do Ribeira, um bairro que me marcou mais foi Ivaporunduva: quando a gente atravessava aquele rio na canoa - dava um frio na barriga... (*estagiário 9*)

a gente foi lá pra um Quilombo, no meio da serra, da Serra do Mar, perto do Rio Ribeira de Iguape - uma coisa maluca pra quem nunca tinha visto isso. De repente atravessar o rio num barquinho - na piroga e desenvolver um trabalho. (estagiário 6)

Associamos nossa experiência extra-escolar no Vale do Ribeira demonstrada neste estudo à figura de um holograma pedagógico, onde se estabelece uma coexistência espaço-temporal, inteligível pelas demarcações da aprendizagem do ontem e do hoje, lá - Vale do Ribeira - e aqui - Universidade.

O que a Universidade sufocou, o Vale libertou: o trabalho em grupo, a afetividade, o contato com o belo da natureza, do ser humano: a simplicidade, a solidariedade. Talvez essa liberdade foi aprisionada no nosso imaginário por esta instituição que gritou: “prova, nota, estágio, diploma...” Deslocada e liberta na nossa atuação no Vale, reaprisionada na volta para o cotidiano da universidade:

Lá era maravilhoso: as pessoas se entendiam, tudo fluía, trabalhava... A gente saía à noite, trocava idéia... Conversava assim mesmo coisa sobre vida, sobre a importância da gente tá ali. E, assim, vinha pra Botucatu, a Universidade engolia a gente de um jeito que a gente ficava... (estagiário 3)

Na primeira viagem que eu fiz pro Vale do Ribeira, eu gostei bastante da cidade, por ela ser pequena, pelo fato da gente tá numa casa (que era Convênio da Faculdade com Prefeitura) que era uma maneira de aproximar mais as pessoas do grupo. Naquela casa, a gente brincava, elaborava as atividades, discutia sobre determinado bairro, o que um sentiu, o que outro não sentiu. Nesse trabalho, o grupo teve um amadurecimento em relação a trabalhar com pessoas, porque esse trabalho possibilitou tanto a

aproximação do grupo entre si, quanto com a comunidade. E o Vale do Ribeira era diferente porque lá a gente conseguia conversar mais, conhecer um pouco mais cada pessoa do grupo, porque aqui em Botucatu, a gente se encontrava rapidinho, correndo. E lá o grupo ficava mais à vontade, interagia mais. (estagiário 10)

O nosso primeiro contato com a população foi incrementado por um *feedback* configurado pelas respostas incentivadoras do grupo e da população às primeiras atividades. Reproduzimos abaixo uma das expressões que descreveram o significado do quadro configurado - grupo-população-Vale do Ribeira:

Eu me lembro da cidade, da gente chegando - "nossa, mas é essa a cidade!" - todo mundo empolgado. Eu curti a casa, a gente montou o nosso "alojamento cigano", reclamava das beliches quebradas, dormia tudo no chão. Mas era tudo muito legal, na empolgação. Era um grupo, tava todo mundo junto e a moçada tava curtindo um pouco as férias. Eu tava um pouco curtindo, conhecendo um lugar novo, curiosa pra saber como que era aquele lugar, aquele pessoal, mas isso tudo no começo. Naquele dia mesmo, a gente saiu pra dar uma volta: eu me lembro que eu tinha medo de me perder na cidade, no fim não tinha nem porque, era tão pequenininha. Eu gostei da infra-estrutura, adorava. A estrutura era básica e era aquilo mesmo que tinha que ser, não tinha que ser nada mais do que aquilo. Se não, a gente não ia fazer nada, só ia ficar curtindo ali a estrutura. Tinha que ser aquilo mesmo: um quarto pra dormir, um banheiro legal, tinha até máquina de lavar roupa (eu achava aquilo um luxo, aqui eu não tenho até hoje), televisão, imagina... A comida, sorveteria na frente, pracinha - a estrutura era ótima. (estagiário 3)

Interpretamos, no entanto, a tradução daquela realidade como algo que foi sendo edificado ao longo de toda a nossa atuação. Necessitamos, para tanto, identificar quais as outras condições em que esta ocorreu, pontuando-a, desta forma, no nosso encontro com o outro - o morador do Vale do Ribeira, onde estruturamos um complexo de conhecimentos.

Nesta atmosfera, começamos a esboçar a nossa preocupação com o que as atividades que desenvolvemos nesta fase:

A questão dos bairros (eu assustei um pouco): era tudo muito longe, como a gente ia viabilizar tudo isso, pensava até em agilizar um pouco o tempo, mas isso é um pouco da nossa neurose (aqui a gente não pode perder um segundo). E lá a gente também tinha um pouco esse negócio de tempo, mas dava pra ir almoçar, voltar. Nas últimas vezes não, a gente tinha que levar lanche, porque também eram visitas de fim-de-semana, não dava tempo...
(estagiário 3)

Começamos a trilhar, assim, sentidos de ser e estar com e no mundo do ribeirinho, sendo que as peças teatrais que apresentamos no Vale foram as atividades que mais expressaram tais sentidos:

Nesse trabalho que a gente realizou no Vale do Ribeira, as atividades que a gente fez, uma que se destacou muito foi o teatro, porque tanto fez com que o nosso grupo se aproximasse mais, cada um contribuísse da sua forma pra peça (quem tinha mais habilidade pra participar como ator participava, quem tinha habilidade pra fazer cenário fazia). Foi um trabalho que possibilitou com que o grupo interagisse mais, se aproximasse um do outro.
(estagiário 10)

Desenvolvemos, assim, tanto uma aproximação ao outro do grupo, como ao outro da população:

Eu senti que o teatro possibilitou que a faculdade se aproximasse mais da comunidade e quebrou um pouco o gelo entre o grupo e a comunidade. A gente percebeu que as crianças participavam das atividades, depois que a atividade tinha sido realizada eles tinham mais facilidade pra se aproximar da gente - fazer perguntas, algum comentário sobre os personagens da peça. O teatro ajudou muito no nosso relacionamento com a comunidade, tanto a nível de aproximação, quanto a comunidade compreender o que a gente tava querendo transmitir. Foi uma maneira mais didática de ter passado o conteúdo, o conhecimento do que a gente queria passar. *(estagiário 10)*

Atribuimos a esta aproximação dada entre os integrantes do grupo e destes à comunidade ao nosso abandono da máscara de universitário, conseqüentemente deixando por ora o academicismo - “o universitário ensina e o morador do Vale aprende” - e conseguimos, mais do que isso, exprimir nossa percepção daquela realidade através de sua interpretação e enredo da peça. Captando esta percepção, a comunidade foi receptiva a esse conjunto (à peça - atores, e enredo), aproximando-se do grupo. A comunidade se identificou com imagens oriundas do seu mundo, captadas na peça, assim expressas:

- na nossa caracterização do homem camponês - seu vestuário definido por chapéus, lenços, saias, os hábitos de “bater uma prosa” agaixado fumando cigarro de palha, o gosto pela carne de porco e seus derivados - como a lingüiça, a relação de amizade dos compadres, a relação familiar - subjulgação da mulher ao homem no casamento, a influência paterna nos hábitos dos filhos;

- e na nossa caracterização da natureza do ribeirinho, de seu meio ambiente, de sua região: a influência da existência dos rios no cotidiano do ribeirinho (como fonte de alimentação, lazer e de abastecimento hídrico), a contaminação desses rios pelo camponês, através da não utilização de fossas ou banheiros, a monocultura bananeira, a chuva, a horta, apelo ao uso de chás na cura de doenças, o poder de voz da autoridade médica.

Aproximamo-nos da comunidade pelo que percebemos de sua região - a caracterização do humano e do meio ambiente do ribeirinho citada há pouco - pela segurança de incorporar personagens que mostraram as nossas imagens daquela realidade, sem termos que “representar” desconfortáveis papéis impostos a nós - transmissores de conhecimento, detentores da verdade (difusão do correto, do adequado), elementos estranhos e destoantes do conjunto, nas outras atividades, como nas visitas às moradias e nas palestras:

(...) Os estagiários ensinarão a colocar cloro na água de forma prática: será pedido ao morador da casa o recipiente utilizado para colocar água e, calculado o número de gotas de cloro a ser usado. Em seguida, após esperar trinta minutos, os próprios monitores beberão esta água clorada. Isto deverá ser um dos aspectos positivos à credibilidade por parte da população no uso do cloro.(...) **(19)**

Contudo, na nossa representação teatral preferimos encarnar a “persona”, incorporar a própria máscara dona de satisfações e insatisfações, de quietude e de conflitos ao “fazer o papel de extensionista”, disseminadores de conhecimento a indivíduos deles desprovidos.

O teatro ajuda essa aproximação com a comunidade, porque você incorpora um personagem e através daquele personagem você realiza brincadeiras, certas coisas que você passa mais facilmente, mais diretamente o que você queria ensinar, do que você ficasse conversando com cada uma das pessoas. Através do personagem você tem mais facilidade de passar a mensagem. *(estagiário 10)*

(19) trecho da metodologia do projeto descrito pelo coordenador. *Vide anexo 6*, item d1 da metodologia.

Naquela representação teatral, os únicos transmissores de informação eram um super-herói e um médico. Atribuindo, esta transmissão a estes personagens, rejeitamos os mesmos papéis que estivemos desempenhando até aquele momento da nossa atuação. Acrescentamos a este significado, a necessidade de confirmação da veracidade das informações preventivas sanitárias divulgadas na encenação por meio da figura de uma autoridade científica - a personagem do "médico", que da mesma forma que o super-herói recomenda a utilização do cloro na água.

Por outro lado, associamos outras imagens ao nosso teatro, ocultas na nossa encenação, como a resolução dos problemas daquela comunidade por "atores" alheios aos domínios do seu cotidiano - um super-herói e um médico - e não por "atores" inseridos no cenário Vale do Ribeira, como os próprios moradores daqueles bairros. Acreditamos que isto seja o reflexo do modo que conduzimos a proposta do projeto naquela fase da nossa atuação, quando ainda não vimos os moradores como agentes de mudança do que os oprimia (como por exemplo a ameaça da instalação de barragens na região que discutiremos oportunamente).

Assim, a nossa posição de impotência e de alheamento perante aos inúmeros desafios que o contato com aquela nova realidade nos mostrou, foi simbolizada em nossa peça, através da delegação de um super-herói para resolver o problema da contaminação da água - o Super Cloro. Ou seja, revelamos naquele momento, um indicativo da grandeza que a problemática acarretada pela contaminação da água significou para os calouros em "trabalho

com gente”, delegando poderes a um ser imaginariamente capaz de resolver qualquer dificuldade: um super herói (o “Super Cloro”).

Além disso, ao longo dos nossos primeiros contatos com a população, percebemos, através de atividades como o teatro (além de outras como as palestras, as visitas às casas dos moradores, por exemplo), como nossa presença na região foi identificada sob o olhar do outro:

Várias vezes deu pra perceber que algumas pessoas da comunidade olhavam pra gente como pessoas estranhas que não eram da região, que tinham feito faculdade, tinham estudo, eram de fora e tavam querendo interferir muito nos hábitos deles. Algumas vezes, eu senti isso no contato com a comunidade. *(estagiário 10)*

Entendemos que a fase inicial desta experiência na região do Campus Avançado nos levou a conceber a extensão como: um espaço de entrosamento entre os integrantes do grupo, propiciado pela atmosfera do que nos era novo: a convivência em grupo e a experiência fora da universidade. Neste momento, vimos o Campus Avançado como local de aconchego e de aproximação entre os estudantes, o que nos possibilitou estabelecer um processo de criatividade diante da nova realidade que nos deparamos em Eldorado. Através dele, geramos a metodologia de transmissão do conteúdo relativo à contaminação da água, como o teatro, a apresentação de histórias associadas à projeção de filmes e de slides. Vinculamos a este entrosamento e a este processo criativo vivido no grupo, a receptividade da população às nossas atividades.

Estabelecemos um *feedback* no interior do grupo e na relação deste com a população. No entanto, este quadro que descrevemos nos levou a questionarmos a intervenção que realizamos no local, já que continuamos atrelados à difusão do ensino preventivo à aquisição de patologias, como a verminose, através da contaminação da água. Ao mesmo tempo que a população foi receptiva à nossa primeira atuação nos sentimos como invasores daquela realidade.

Com o que vivemos como grupo em nosso primeiro contato com a população, iniciamos um questionamento da proposta de mudança de hábitos do homem rural - aquele de utilizar água dos rios diretamente, andar descalço e criar animais soltos, como porcos e galinhas - inserida em tal conteúdo:

Às vezes a gente forçava um pouco: não pensava no lado cultural deles, porque eles estavam vivendo aquilo há muito tempo e a gente queria de repente que eles parassem de viver aquilo e vivessem uma outra coisa. Em Nhunguara, quando eles prenderam os porcos - isso ficou claro - de repente, a gente chegou lá e os caras foram prender os porcos, porque eles tinham identidade com a gente, queriam agradecer a gente, dizendo que eles tavam seguindo os nossos conselhos. Só que não tavam, porque todo o trabalho de conscientização tava indo por água abaixo: só respeitavam quando eles tavam perto da gente. *(estagiário 7)*

Ao longo da nossa atuação, à medida que nos questionamos, pudemos pela percepção da diferença entre os nossos mundos - rural e urbano, o acadêmico e o não acadêmico, trazer para o nosso grupo a discussão da interferência cultural que começamos a desenvolver. Discutindo-a, despertamos a nossa atenção para a descoberta das prioridades da população, as quais tomamos contato

conforme desenvolvemos as atividades do projeto, que, como acabamos de relatar, nesta fase da nossa atuação, tiveram sua metodologia criada pelo grupo.

Diante disso, nos dirigimos a outros caminhos onde o ruído dos nossos sapatos sobre as pedras das estradas do Vale não falou mais alto que as vozes das nossas dúvidas e inquietações, misturadas naquele mundo de sons de canto de pássaros, de crianças, de lavadeiras, de águas... aos poucos fomos nos auto-questionando pela realidade diversa da nossa que a população nos apresentou⁽²⁰⁾.

(20) Em meio à nossa atuação, quando visitamos os ribeirinhos, nos deparamos com estas indagações como pesquisadora e participante do "Grupo do Vale". Buscamos reproduzir a seguir algumas delas que anotamos em nosso diário de campo, para que ilustremos este nosso perguntar na convivência em grupo e com uma população:

E as meninas cor da terra o que pensaram naquela hora quando nos viram? O que sentiram por estarem sozinhas em casa? Chamariam seus pais que estiveram roçando para ver quem era aquela gente com outra roupa, outra cor (no início não tivemos a cor da terra, depois com o passar do tempo alguns de nós tomamos esse tom de roupa, pele e alma)... Outros objetos na mão - não eram enxadas ou sacolas, mas papéis, canetas, máquinas fotográficas... "doutores". Enquanto olhei para todo aquele mundo me auto-indaguei - as nossas dúvidas se tornaram concretas, tomaram forma de gente, de montanha, de estrada, de casa de pau-a-pique. Ficaria parada ali com aquelas meninas naquele canto do mundo até quem sabe quando ou prossegueria em busca de outras pessoas e de mim mesma que pudessem responder as dúvidas da minha alma e as do papel do questionário?

III.3. O grupo e seu aprendizado com as prioridades dos ribeirinhos - quem ensinou, começou a aprender

Introduzimos um questionamento relativo à forma que interferimos na realidade que tomamos contato, ao qual nos referimos no tópico anterior, que tratou da fase inicial da nossa experiência em extensão universitária. Tal questionamento se originou do que notamos na realidade dos ribeirinhos. Inserimos em algumas atividades como o teatro, por exemplo, algumas destas percepções deste realidade⁽²¹⁾. Pretendemos incorporá-las a outras que detalhamos neste tópico. O conjunto delas nos auxiliou a ampliarmos nosso entendimento do quadro social daquela região além dos limites da proposta pedagógica voltadas para a prevenção de doenças, como a verminose.

(21) nas páginas 68 e 69 abordamos tais percepções incorporadas no enredo da peça teatral

A temática do saneamento básico pode ser abordada nas várias áreas do conhecimento - na Química, na Biologia, na Agronomia na Medicina ou Veterinária de diversas formas. A proposta inicial do trabalho foi alicerçada em uma concepção desta temática como algo mais técnico e imediato. Ora, “se a água está contaminada é preciso tratá-la com cloro, para tanto é necessário que haja um trabalho informativo, onde os métodos específicos desse tratamento sejam ensinados”:

o assunto (o tema), a gente já definiu quando tava aqui, que era o saneamento básico: a gente definiu o tema e fomos lá. A nossa visão tava já meio filtrada pra questão do saneamento (as nossas perguntas eram sobre saúde, sobre porcos, sobre água, sobre lixo). A gente foi conhecer a realidade deles em relação à saneamento, a gente não foi conhecer muito a realidade deles mesmo com critérios deles, sobre qualquer assunto. (estagiário 5)

Repensamos esses “critérios”, conforme interagimos com a população, nos primeiros dias de nossa permanência em Eldorado - em meio às questões do “diagnóstico social” (formuladas na visita aos moradores), às conversas com aqueles que nos pararam na praça ou na sorveteria para saber de onde viemos e o que fizemos na cidade, à organização e à apresentação das atividades no Centro Comunitário. Chamamos a atenção da população para a problemática do saneamento através da criação da nossa metodologia (apresentação de filmes, slides, fantoches, teatro, colagem, desenho, jogos etc), mas mantivemos a postura de transmissão de um conteúdo um tanto distante (naquele momento do projeto) de suas prioridades.

Com isso, nossa vontade de ajudar e contribuir se tornou envolvimento com o quadro que enxergamos. Inúmeros habitantes daqueles bairros onde atuamos nos perguntaram “mas e agora os que já tão doente?” , “nóis sabemo que importante usa a fossa, mas e material pra construi elas?”.

Vimos o saneamento básico atrelados a dificuldades que os ribeirinhos nos mostraram do seu quadro social:

(...) eles não tinham o apoio básico (...) o saneamento básico, o apoio por parte de administração. Eu sentia nisso tudo, como não tinha esse apoio, o povo, a população em geral, a maioria das pessoas me passava sempre isso: aquele pessoal sofrido que tinha que trabalhar muito. Trabalhava, trabalhava pra conseguir sustentar a família e como não tinha um assessoramento de saúde - você via o pessoal sempre com problema de saúde, aquelas coisas que a gente viu: verminose - mas pra resolver não tinha médico. *(estagiário 1)*

(...) pra ir à cidade é mais difícil, a passage é um absurdo (...)nossa briga com a Prefeitura é por causa de transporte porque o povo tá miserável... não tem transporte: usa a canoa pra tudo, pra escola, pra comprar uma coisa. A situação que vivemo aqui é sofrida(...)vivemos aqui há mais de quatrocentos ano: aqui é um quilombo antigo, uma terra que nossos antepassado conseguio com grande luta(...) nós somo isolado e ninguém nunca olhou pro Bairro, desde aquela época até agora, porque o Bairro tá do outro lado do rio, o povo num tem nada e os político só vive falando que o povo é vagabundo, num trabaia.*(morador 1)*

A gente foi com um objetivo: trabalhar com água. Chegando lá, o impacto foi tão grande que a gente viu que não é só água. A água que tá contaminada é resultado de coisas que tão vindo lá de cima, coisas muito básicas que estão faltando (...) *(estagiário 11)*

Passamos por uma indignação com a distância das filas dos hospitais e das rodovias que os moradores enfrentaram para ter acesso à assistência médica. Com os quarenta quilômetros que o avô da mulher adolescente em trabalho de parto percorreu a pé para chamar por socorro no único orelhão do bairro. Com a imensidão daqueles morros escalados por mãos de cabeças ocupadas por bacias de roupas ou louças, por feixes de lenha, pela preocupação com a sua terra - “onde vamos morar se tiver barreira?”... Suas mãos puxando pela enxada ou pela criança. Nada do que levaram - enxada, roupa ou lenha - pesou tanto quanto o medo de perder a casa, a terra, o sossego... Os moradores nos deixaram cientes das inúmeras dificuldades que viveram quanto a aspectos gerais voltados para a saúde, transporte, educação, sobrevivência cotidiana... as barragens:

... a gente ficou sabendo da problemática das barragens, já começou a se envolver nessa problemática, acho que foi no terceiro dia da viagem já, já veio o representante do Moab, que era o Noel - o Moab - o Movimento dos Atingidos por Barragens - que ficou sabendo que a gente tava lá, já veio e marcou uma reunião com a gente, expôs isso, tinha também um biólogo que tá se formando (tá no mesmo estágio que a gente) que é de lá também e colocou a gente a par de várias coisas. *(estagiário 6)*

Porém, percebemos que apesar da participação dos moradores nas nossas atividades (como a apresentação das peças teatrais, das palestras, por exemplo), houve uma desconfiança por parte deles, quando nos vincularam à Cesp. No início da nossa atuação, a população imaginou que pertencessemos à esta companhia, que na época enviou profissionais para a realização de pesquisas relativas à instalação de quatro barragens na região do

Vale do Ribeira ⁽²²⁾ . Vinculando nossa equipe à esta companhia, a população, no início nos recebia com bastante desconfiança:

estagiária - Como é o nome da senhora?

moradora - É da barragem é? A gente tem medo aqui da barragem, a gente sabe que não é pra gente dá o nome...

estagiária - Não, nosso trabalho é ligado com saúde... A gente é estudante, é da faculdade. A gente tá no centro comunitário passando vídeo pras crianças e pros adultos, tá tendo uma peça de teatro... E o pessoal da barragem tá vindo muito aqui?

moradora - Tem vindo muito... a turma que anda dando o nome depois, quando vê, eles tão firando a gente e a gente num tem pra onde ir...

(22) Caso este projeto seja posto em prática, as comunidades rurais, onde trabalhamos serão atingidas e desalojadas por uma destas represas. *Vide anexo 10*, para maiores informações.

Assim, a população não entendeu a causa do nosso interesse pela água justamente naquele momento em que funcionários dessa companhia a visitaram constantemente, tentando convencê-la a abandonar sua terra, fazendo perguntas semelhantes às daquelas do “diagnóstico social”:

A gente tentava explicar de uma forma mais acessível - “nós estamos fazendo o trabalho, somos da Unesp, aquele trabalho que a gente tá fazendo com a água (do grupo de teatro). (...) Eu não sei qual foi a reação deles de ver a gente mapeando, porque a gente chegava com aquele monte de papel, eu não sei se eles entendiam muito bem o que significava aquele tipo de projeto. (estagiário 1)

A população se sentiu confusa quanto ao significado da nossa presença na região, da nossa origem e das nossas intenções quando ouviu nossas indagações e informações sobre as más condições sanitárias locais: a “água da Unesp também foi a água da Cesp”.

A dúvida dos moradores quanto ao nosso envolvimento com a construção das represas nos chamou a atenção. Desta forma, a possibilidade de instalação de barragens na região nos despertou para uma problemática que a comunidade com a qual trabalhamos se deparou. Procuramos nos informar junto aos ribeirinhos sobre as conseqüências da construção destas barragens na sua região e tomamos conhecimento que estes seriam desalojados pela inundação de sua terra. Além disso, buscamos também nos informarmos sobre os danos ambientais resultantes da construção destas barragens, descobrindo, assim, que o alagamento e destruição

de grande parte do ecossistema da região do Vale do Ribeira, geraria um desequilíbrio relativo à fauna e à flora locais, por exemplo:

(...)o grupo tem um perfil politizado, a maioria sabia do que ocorria em termos nacionais. Já tinha uma experiência política dentro da universidade, então quando o pessoal se deparou com toda essa questão, se identificou, se revoltou, queria fazer alguma coisa. A barragem ia causar vários problemas ambientais, ia acabar com vários remanescentes de mata que tinham ali, com a questão das cavernas, ia inundar as cavernas, ia afetar o complexo estuarino-lagunar lá do Ribeira de Iguape-Cananéia. *(estagiário 6)*

Nossas descobertas nos auxiliaram a começar a compreender o tema do meio ambiente do ponto-de-vista social e ecológico. Iniciamos, portanto, uma discussão no interior do nosso grupo sobre o que conhecemos naquele instante. Esta compreensão que elaboramos sobre a temática ambiental sofreu influência da população, que nos mostrou o comprometimento de sua sobrevivência na região e que o seu movimento contra as barragens era a sua prioridade:

Nossa comunidade está tendo que priorizar um só tipo de trabalho e no momento, nós temo que se preocupar com a questão da demarcação da terra. Se nós num garantir a terra, num vai ter como trabalhar com a Unesp a questão da saúde. (...) No momento temo que priorizar a luta contra as barrage." *(morador 1)*

Face ao que nos deparamos a proposta de trabalho voltada para o saneamento se desarticulou dos interesses dos bairros.

A comunidade quando viu que o nosso grupo não tomava uma posição em relação às barragens, falava que a gente era de fora e que não sabia o que tava acontecendo, tava ali querendo fazer o trabalho, mas não acompanhava a comunidade dentro do que ela tava lutando. (estagiário 10)

Se no início vimos a abordagem educativa do saneamento básico como uma alternativa para que pudéssemos contribuir ou ajudar a minimizar os problemas dos moradores da região do Vale do Ribeira, naquele instante, percebemos que ensinar sobre cloração da água e uso de fossa sanitária foi a “ponta do iceberg” de um todo de relações políticas, culturais, sociais e econômicas. Um todo em que mergulhamos cada vez mais, à medida em que nossas experiências se concretizaram na interação com a população, que descrevemos há pouco. Neste mergulho vimos a possibilidade de inter-relação entre saúde (saneamento) e ambiente (barragens):

quando a gente começou a trabalhar com a comunidade, já começou a se estabelecer um vínculo, não só em termos profissionais, mas principalmente em termos afetivos, começou a haver uma troca realmente ali. E quando esse vínculo ficou estabelecido, e de repente a gente ficou sabendo dessa problemática das barragens, então ocorre uma associação: as barragens vão influenciar na vida dessas pessoas que a gente criou esse vínculo, profissional, afetivo.(...)(estagiário 6)

Sob a nossa lente nos sensibilizamos em relação às conseqüências que a barragem acarretaria ao cotidiano do ribeirinho:

Chamava a minha atenção a afetividade que eles tinham em relação ao ambiente, eles falavam que não queriam a barragem porque gostavam de lá. A gente foi na casa da D. Aparecida e ela falou que se tivesse barragem iria alagar a sua casa, o seu quintal, as suas palmeiras, os periquitos que vinham ali de manhã (...) que não teria mais sossego na cidade, iria se separar dos parentes - ali as famílias eram todas vizinhas - não poderia mais roçar. (estagiário 8)

(...) o cloro, a fossa que a gente trabalhava lá e a questão das barragens, tinha um elo - a água - o básico, sendo bem simplista. Só que a gente não conseguiu dar conta de associar essas três coisas. Isso dava pra trabalhar lá com eles, no Projeto. (estagiário 3)

Porém, batemos de frente com as implicações políticas do Convênio: a discussão sobre as represas nos bairros em que trabalhamos envolveu representantes do movimento contra as barragens pertencentes à oposição à prefeitura. Ciente destas implicações, depois de conhecermos tal problema que os ribeirinhos enfrentaram e nos mobilizarmos, nosso coordenador nos advertiu que continuássemos a desenvolver somente a temática do saneamento básico, afastando da nossa atuação a abordagem daquela problemática ambiental ligada às represas. Visto que, a política local que envolveu tal problemática poderia comprometer a continuidade do “Projeto Água”:

Eu entendi porque a gente tava separando as coisas: a questão das barragens - até o coordenador falava pra não misturar com a Educação Ambiental, apesar que na hora acabava misturando um pouco, porque fazia parte das nossa fala, das nossas perguntas (era interesse nosso saber o que a população pensava sobre as barragens), mas era importante não misturar porque a gente precisava manter essa moral com a Prefeitura e com a Unesp. (estagiário 3)

(...)no nosso ponto-de-vista, a necessidade da comunidade era a questão do combate à verminose, só que a gente reparou que naquele momento, existiam problemas muito maiores pra se resolver (...) pra eles a prioridade é outra (...) em algumas reuniões colocamos pra coordenação que era importante que a gente respeitasse as prioridades da comunidade(...) mas os coordenadores não queriam um conflito político na região

Optamos diante deste impedimento por chamar a atenção para o tema que nos preocupou naquele momento no âmbito da nossa universidade, sem, no entanto, abordá-la na região do campus avançado:

a gente fez tudo via centro acadêmico da Biologia, fez junto com o "S.O.S Mata Atlântica". Não podia misturar muito mesmo, pra não marcar o grupo, mas no fim marcou porque a gente não conseguiu separar. Aparentemente a gente não tava misturando, mas no fundo tava. A Prefeitura percebeu que a gente tava misturando, não tava muito objetivamente relacionando, porque talvez a relação fosse meio longa: cloro, poço e fossa com barragem, mas a gente misturava não diretamente. (estagiário 3)

Neste conflito entre poder e saber, o que entendemos das barragens...

...foi uma situação que apesar de extremamente triste, foi apaixonante pra todo mundo do grupo, foi uma coisa que serviu de elo de ligação entre as coisas que a gente pensava fazer, as coisas que tavam acontecendo no Vale. E isso acabou sendo uma mola propulsora pra que a gente realizasse muitas coisas, por exemplo(...) As pessoas do grupo, de maneira geral, se envolveram muito com essa questão, o que complicou a relação do grupo com a Prefeitura, que era de uma oposição política, aquela que existia no meio das pessoas trabalhadoras, principalmente os rurais. (estagiário 6)

A discussão sobre as barragens, prioridade da população do Vale do Ribeira nos estimulou a pensar o nosso trabalho de acordo com as prioridades da população. Expressamos esta vontade, envolvendo-nos com esta face da realidade local, levando esta discussão para o nosso grupo, para o restante da nossa universidade, através do emprego de abaixo-assinados e promoção de palestras sobre o tema.

(...) A gente passou abaixo-assinado pra muita gente (era assinatura suficiente), conseguiu ônibus, levou a moçada, fez manifestação, tudo o que a gente se propôs a fazer, fez direito (...) (estagiário 3)

aquele episódio que teve na secretaria do meio ambiente, da gente tá lá e fazer aquela manifestação, achei super importante a gente tá com o povo. (estagiário 1) (23)

(23) em maio de 1994, nesta secretaria, ocorreu uma audiência a respeito da aprovação da construção de uma das barragens na região do Vale do Ribeira. Participamos dela junto das manifestações contrárias à sua aprovação, realizadas pela população da região, inclusive a dos bairros em que atuamos.

Esta fase do nosso projeto que descrevemos nos possibilitou formular alguns conceitos sobre a qualidade de vida e o desenvolvimento. Fizemos com isso alguns paralelos quanto ao significado destes conceitos para o grupo, o coordenador e os ribeirinhos. Baseamo-nos, para tanto, no nosso entendimento do significado da opressão que percebemos no Vale do Ribeira. A seguir, apresentamos tais conceitos elaborados a partir deste significado.

Através do nosso interesse pelo significado da diversidade entre os sujeitos, a opressão no Vale teve alguns sentidos:

No Vale - todos sofrem essa opressão - no Vale é uma coisa até primitiva, mais rudimentar. Então, ela é mais nítida, é menos refinada do que essa opressão que você vê aqui: então isso choca. Quando você vê determinadas coisas lá no Vale, os latifúndios, o coronelismo que ainda existe no Vale. A diferença é que no Vale é uma coisa mais cruel, talvez - as duas cruéis - mas também mais nítida, mais rudimentar. O que a gente sofre é uma pressão mais refinada, mais elaborada, essa é a diferença. *(estagiário 6)*

Identificamos pela nossa interação com a população um anseio pela transformação do modelo de desenvolvimento econômico opressor:

o que a gente queria é contribuir pra derrubar esse sistema opressor que tá aí - esse sistema social, econômico, ecológico, todo esse sistema que tá acabando com a vida no Planeta. (...) *(estagiário 6)*

A qualidade de vida para o grupo, o coordenador e para a população delimitaram concepções diversas diante desta “opressão” que presenciamos:

(...) Pro coordenador, me parece que qualidade de vida seja conforto, melhoria das condições materiais que o pessoal tem: a questão da saúde, da alimentação. Na minha visão - talvez algumas pessoas do grupo compactuem comigo - qualidade de vida pra mim quer dizer liberdade. (...)a gente é oprimido mesmo, não só eles, mas a gente, todas as pessoas que vivem no planeta, é oprimido por um sistema perverso mesmo. (estagiário 6)

Conseguimos unir o social ao ambiental, nas entrelinhas da nossa prática, nas conversas de intervalo entre uma atividade e outra do “Projeto Água”, interagindo com os ribeirinhos a visão que formamos da temática ambiental quando nos envolvemos com a discussão das barragens:

A visão que eles têm de Ecologia - que a maioria das pessoas têm de Ecologia - é a visão de verde. As pessoas vêem a questão ambiental como uma questão só de preservação/conservação das florestas e do verde - isso tá incluso também. Só que as conversas partiam disso, tentar ver que a problemática política, econômica, social, isso tá totalmente incluído na questão ambiental. A questão da saúde, a questão dos meios de produção, aí, os latifúndios, tá tudo incluído na problemática ambiental. Então, isso foi até, mais ou menos fluíu, mais ou menos fácil de conversar sobre isso. (estagiário 6)

A Educação Ambiental (qualidade de vida, desenvolvimento e saúde), a Extensão Universitária (a Universidade, a estrutura dos cursos de graduação) e suas imbricações pertinentes ao conhecimento (autonomia, poder, política, cultura, economia,

sociedade) contextualizaram a intersubjetividade a que nos atemos. Através de representações quanto à saúde (transporte, assistência médica, política municipal) e à ambiente (intimamente ligado a anterior; ou como valorização do seu próprio ambiente - o "sítio", a "roça"; a influência da política universitária e municipal. Essas imagens definiram o contexto em que a identidade e a atitude dos sujeitos envolvidos neste movimento pedagógico se desenvolveram. Ainda, precisamos ressaltar que a parceria firmada entre a prefeitura e a universidade, determinada pelo convênio formalizado por eles, desencadearam tais imbricações.

Além disso, estes saldos também denunciaram o nosso conceito de desenvolvimento:

Eu vejo a questão da barragem ligada ao desenvolvimento, uma questão mais uma vez de interesses. Quando eu via essa situação, eu falava "é muito interesse pra uma mesma região" - interesse dos políticos, do povo da região, da Prefeitura, da Universidade de certa forma (claro que os coordenadores não tavam lá somente pela população, tinham outros interesses), das empresas que tavam ali tentando explorar a região. (estagiário 1)

A realidade e o cotidiano dos universitários e dos ribeirinhos se tornaram paralelos, neste cenário, brotou o conhecimento: o aprender com espaço e gente. Beber daquela água do Vale do Ribeira e ter qualquer outro hábito diário - como lavar roupa e louça, regar a horta, criar animais, roçar - teceram o cotidiano daquela população mergulhada nele. Enquanto que a possível construção da "barreira" nesse tecido cotidiano era algo que ameaçou a sua preservação e sobrevivência. Diferente e perturbadora a idéia de

sair de seu próprio meio, de “mudar seus costumes” - tomar água clorada, morar na cidade - aonde? Falaram-nos da prioridade de sobreviver, de fazer viver uma teia cotidiana. Barragens, cloro e fossas destoaram desta teia:

Tá louco, um lugarzinho que você mora sossegado, você nem sabe aonde que vai, ficar lá um em cima do outro, sem criar uma galinha, num dá certo não, esse negócio de barreira atrapaia a gente. (morador 2)

Assim, necessitamos, abordar o debate ambiental também pelo entendimento do significado das inter-relações entre o poder e o saber. Procuramos ao longo desta exposição contextualizar o seu sentido pedagógico. Consideramos tais domínios inseridos na manutenção e mudança dos atuais paradigmas da relação do homem com a natureza. Sendo que dimensionamos esta relação em nossa experiência como algo mediado pela extensão universitária e a educação ambiental.

Neste tópico mostramos que valorizamos uma proposta educativa que priorize os interesses da comunidade. Além disso, os conceitos quanto a qualidade de vida e desenvolvimento já apresentados se vincularam a tal valorização.

Incrementando este quadro da nossa aprendizagem com a as prioridades do outro (do “Grupo do Vale” e da população), a comunidade - estimulada pelo que transmitimos a ela quanto à contaminação da água e o comprometimento de sua saúde - começou a cobrar da prefeitura fornecimento de material para a construção

das fossas sanitárias, encanamento, caixas d'água, frascos de cloro, melhoria da assistência médica:

(...) O Prefeito canalizou a água aqui foi no embalo de vocês (...) A coisa tinha melhorado a respeito da visita de vocês aqui, do ânimo que vocês pusero em cima do Prefeito pra ver como é que tava a situação do município - o negócio de saúde. Essa mangueira foi pegado nesse embalo que vocês tavam lá, até fazendo uma ajuda boa pra gente aqui desse lugar que tava jogado isso às traça - começou a melhorar após que vocês viero aqui. Após que vocês viero aqui foi que aquela água, aquela caixa começou a ser canalizada. (..) Essa caixa aí foi depois que vocês viero pra cá, foi nas costa do que vocês viero. (moradora 3)

Portanto a administração municipal se preocupou com a cobrança que a população fez face ao que desenvolvemos e pelo nosso interesse pela implantação das barragens. No tópico seguinte apresentamos os desdobramentos destas circunstâncias.

Nesta fase, realizamos visitas aos moradores para que transmitíssemos informações sobre a contaminação da água e prevenção de doenças. Tais informações contribuíram para que estes fizessem tais reivindicações. Além disso, estas visitas, iniciadas na primeira fase do projeto (apresentada no item III.2), de um lado, colaboraram para que o nosso grupo tomasse um amplo contato com a população. Deste contato, vieram as dúvidas por parte deles quanto ao nosso vínculo à implantação das barragens, bem como o nosso posterior envolvimento com esta problemática, o que já relatamos neste tópico.

III.4. A consolidação da parceria coordenação- prefeitura

Nosso interesse pelo que os ribeirinhos se defrontaram - construção de represas somada à cobrança que realizaram à administração municipal fez com que nosso projeto tomasse outros rumos. A prefeitura solicitou à coordenação e ao grupo (através da convocação destes para uma reunião) uma assessoria ou criação de “projetos mais práticos”, justificando-os como uma “verdadeira necessidade” dos bairros: “projetos com horta dos idosos, artesanato, culinária”:

A Prefeitura está nos cobrando uma parte técnica, prática, concreta, imediata, coisas que a gente tem que ceder para avançar na educação (...) senão a Prefeitura corta o convênio (...) (coordenador)

Daí, as atividades do grupo se voltaram para a realização de subprojetos de criação de animais, de análise do solo (subgrupo de projetos agrícolas), arrecadação de calçados e garrafas (envolvimento da maioria dos integrantes do grupo). Nesta fase, o grupo procurou produzir também no sentido de “mapear” e “diagnosticar” os locais dos pontos de captação de água (caixas d’água, poços) e de destino dos dejetos (fossas sanitárias) da comunidade. A equipe, subdividida em subgrupos, continuou realizando o ensino preventivo das técnicas sanitárias paralelamente

à realização dos projetos de criação de coelhos e de mapeamento, através das visitas e do levantamento feitos pelo subgrupo do diagnóstico social. Este quadro revelou uma produção para o coordenador e para a prefeitura - resultado da concepção pragmática do mesmo e de sua inexperiência em trabalhos desta natureza somada à nossa própria inexperiência. Acrescentamos a tais fatores o comprometimento político entre os conveniados - universidade e prefeitura.

Consideramos que nesta fase do nosso projeto, a administração municipal e o coordenador se firmaram como parceiros. Visto que o coordenador atendeu às solicitações desta administração, justificando-a como vinculadas aos propósitos do "Projeto Água":

(...) Mesmo a Prefeitura cobrando (nutrição, artesanato) tinha a ver com o nosso projeto, que era interdisciplinar. (...) a prefeitura quer projetos práticos(...) (coordenador)

Esta visão, além de comprometida politicamente pelas instâncias oficiais do convênio, acabou coincidindo com o pragmatismo evidenciado pela administração municipal. Desviamos da problemática das barragens para estas atividades, estabelecendo, com isso, um movimento oposto àquele no qual o grupo entendeu como orientação da proposta educativa segundo às prioridades da população. Consideramos este movimento como uma anti-proposta ao que aprendemos: direções e sentidos diversos da realidade percebida pelo coordenador e grupo:

(...) Com a Prefeitura, foi um consenso: todo mundo começou a ficar meio desgostoso. Eles não entendiam muito bem o que a gente tava querendo fazer (...) (estagiário 3)

Mesmo desestimulados pelo que nos deparamos, cedemos, então, aos propósitos da coordenação a fim de que mantivéssemos o vínculo ao grupo e à população criado na experiência da extensão universitária. Evitamos focar o tema das barragens, o qual acarretaria, pelo que já expomos, a interrupção do projeto. Nesta exposição, demonstramos o encaminhamento que demos ao “Projeto Água”, após esta mudança de abordagens. Neste encaminhamento, desvendamos as representações sobre o papel dos participantes deste projeto no processo educativo que esta etapa abrigou, através das atividades que aí desenvolvemos.

Paralelamente à implantação dos subprojetos da criação de animais e das hortas escolares realizamos a Campanha dos Calçados (*vide anexo 4*). Esta campanha foi justificada pelo coordenador como uma conquista de espaço junto à Prefeitura, visto que a nossa atuação desagradou esta administração por motivos já expostos no início deste subcapítulo. Além deles, a inexistência de entrosamento entre a “equipe do Projeto Água” e a primeira-dama, presidente do S.O.S. (Serviço de Obras Sociais), responsável pela operacionalização do nosso trabalho (transporte, alimentação, acomodação), agravou o relacionamento entre os conveniados.

O grupo aderiu a esta campanha a partir do que descrevemos a seguir:

A Campanha do Calçado era pra ganhar o espaço do grupo que tava se perdendo - eu entendi a posição do coordenador e até acreditava que aquilo era importante, mas desde que a gente impressionasse a Prefeita (era importante isso porque é a política), e por outro lado, fizesse um trabalho com a população, com Educação mesmo, faltou isso. (estagiário 3)

Vimos o fornecimento de calçados à população, destituído de proposta educativa como pano de fundo como assistencialista:

Teve assistencialismo quando a gente pegava as garrafas, os sapatos (aqui, a gente foi com o caminhão da Prefeitura coletar quilo de alimento pra levar pra lá). (...) não tinha um fundo maior - Educação. E por isso que se resumiu em assistencialismo - não era um passo para uma formação do indivíduo(...) (estagiário 3)

Incrementamos o fornecimento de conceitos técnicos relativos ao tratamento da água com a distribuição de frascos de cloro às famílias e com as propostas de instalação de pontos de captação de água (caixas d'água comunitárias) e de destino dos dejetos (fossas sanitárias). Encaramos estes incrementos como viabilizadores do caráter do processo educativo que delineamos nestas etapas, identificando-o como assistencialista:

(...) tinha algumas coisas que pra fazer essa educação precisava - fornecer cloro pra ele, instrumentalizar em termos de como você ia fazer uma fossa, um poço e conceitos mesmo que a gente ia jogando. (estagiário 3)

O quadro que descrevemos acima denunciou uma educação dependente de fases assistencialistas - doação de frascos de cloro ou de calçados - recursos utilizados para cobrir e abastecer materialmente as falhas por ela não supridas, como as condições precárias de saneamento básico e saúde ribeirinhas, efeitos destacados de um sistema de desenvolvimento dizimador do ser humano.

Esta postura pedagógica recaiu sobre os efeitos das condições precárias da realidade do Vale do Ribeira, sem no entanto, visualizá-la conjunturalmente.

Foi uma coisa que pra população você não matou o mal pela raiz nenhum pouco(...) (estagiário 12)

Estamos diante de um modelo de educação sanitária centrada nos hábitos de higiene da população (no pontual, em alguns dos componentes do conjunto Vale do Ribeira) desvinculada do global (a compreensão da somatória destes elementos no sistema sócio-político-cultural e econômico local).

Procuramos amenizar os nossos conflitos por meio de gestos pontuais - distribuição de informações, frascos de cloro, calçados e garrafas. Comovemo-nos pela precariedade das condições econômicas e sanitárias do ribeirinho que nos remeteram a uma postura compassiva quanto ao sentido do não ter para ele próprio, configurado diante da constatação da diversidade de nossos mundos.

Eu entrava em dilemas profundos, principalmente depois que a gente ia embora, que eu ia pra minha casa. Você olha sua cama, entra no quarto. Não têm parâmetro de comparação como é a vida deles e a nossa: essa diferença (...) A falta de tudo que aquela população tem, de coisas materiais(...) (estagiário 11)

Diante disso, expressamos uma postura de compaixão ou solidariedade: participando da Campanha do Calçado e das demais atividades desta fase. Um olhar compassivo ou solidário de contribuição e ajuda mínima, mediador da nossa ação pedagógica, que se apresentou como alternativa diante das tensão ligada à possibilidade de interrupção do “Projeto Água” pela prefeitura. Face a esta tensão, que não elaboramos, nos relacionamos com o morador do Vale a partir daquilo que este foi desprovido - do saneamento à arcada dentária, dos anos de escola ao lápis de cor, do carro ao calçado, da ponte ao asfalto, da televisão ao teatro:

Quando eu voltava pra casa do Vale, meus pais, minhas irmãs falavam - “toda vez que você volta de lá, você volta desgastado, com uma expressão meio triste”. Porque realmente eu ficava assim, eu tinha uma impressão de um povo sofrido. (...) O quadro geral que eu vi era sofrível. Sempre que eu ia pra lá, eu falava - o mínimo que eu tô aqui com esse pessoal fazendo alguma coisa, já tá sendo fantástico pra ele. (estagiário 1)

Perdemo-nos naquilo que é conflitante: ao mesmo tempo que nos encontramos na atuação do imediato, do que nos sensibilizava instantaneamente, garantindo a permanência no Vale, continuamos a desenvolver nosso interesse pelas barragens, informalmente, entre as atividades desta fase:

algumas pessoas do grupo iam pras comunidades e desenvolviam e discussões que tavam permeadas pelas questões que a gente acreditava. Mesmo nesse esquema que a coordenação montou, que a Prefeitura montou, a gente conseguiu achar brecha pra tentar atuar de forma que acreditava (...) (estagiário 6)

Seguramo-nos, assim, a um estado real, material, paupável e visível - composto por indivíduos desnutridos, descalças, onde o solúvel era que supríssemos estas carências, através da nossa doação de informação, frascos de cloro, calçados. Realidade organizada, simplificada por esta atitude, onde cada um tinha o seu lugar: universitários doaram e ribeirinhos receberam:

A gente fazia mais a parte de saúde Porque era o que chamava mais atenção. E a gente via os problemas, eram muito mais nítidos - o pessoal com bereba na pele, magrelo com barriga de verme e desnutrição... (estagiário 3)

Esta metodologia descrita se vinculou ao objetivo de contribuir para a “melhoria da qualidade de vida” daqueles moradores da região do Campus Avançado da Unesp no Vale do Ribeira” proposto pela coordenação da “Equipe Água” diante da contaminação da água verificada, a qual se expressou a seguir:

(...) você tem que educar as pessoas, fornecer informações e dar alternativas

(...) Inicialmente mostrar para a população o problema, convencê-la de que o problema existe, fornecer alternativas para que isso surja efeito (...) para terem qualidade de vida (...) que é ter menos doença, é ter um alimento melhor, é beber uma água com mais qualidade, não contaminada.

(...) você precisa convencer a comunidade e mostrar que o rio está assoreando, que as crianças estão com verminose(...) porque isso só deixará de existir se você der alternativas pra eles de melhoria de qualidade de vida e as pessoas tiverem conhecimento dos problemas de uma maneira mais organizada, estas pessoas se sentirão mais úteis e colaborarão (...)

A existência dessa metodologia e desse objetivo denunciou uma concepção de educação impregnada pela concepção de que “o homem aprende a ‘viver melhor’ em um sistema que o oprime essencialmente (...) aprende a modificar-se para que o sistema sócio-político não precise transformar-se” (BARREIRO, 1980). Podemos traçar um paralelo com a situação vivida: um quadro onde o morador do Vale do Ribeira deveria tomar água clorada para “melhorar sua qualidade de vida”:

estagiário - a gente tá tentando prevenir pra não ficar doente agora(...) a criançada às vezes tá nadando e bebe água do rio, isto não pode...

moradora - aqui eles faz direto. Nossa, mas tudo nós aqui bebemo...

estagiário - Uma água limpinha, clarinha, é isso que a gente quer mostrar pra vocês. Tem aquele aparelho, já ouviram falar de microscópio? Você pega a água clarinha e põe na lâmina e vê um monte de bichinho se mexendo, quando tá aqui dentro da barriga começa a crescer, forma aqueles vermes enormes...

moradora - Eles diz tá limpinha, tá pura, bebe depois. Zé já tá com a barriga cheia de bichinho, Zé?

No entanto, concomitantemente a isso que foi passado a este morador, o sistema sócio-político local se mantém caótico e injusto: há falta de recursos financeiros de seus habitantes para a compra de remédios e de passagem para se transportar até o hospital onde o atendimento é precário e problemático, além do descaso das autoridades administrativas quanto ao sistema de saúde e às condições de saneamento desta região.

Acreditamos que os problemas da população rural do município de Eldorado possam ser relatados com maior clareza e conhecimento através dos versos da “cobrança de promessa” de uma de suas moradoras feita à administração municipal:

Vocês estão lembrado das enchentes, de tudo o que aconteceu.
Arrancou o nosso arroz,
a nossa cana arrancou nossas bananas quanta tristeza nos deu.
Nós queria que o prefeito, olhasse isso direito.
Ele arrumou uma desculpa
igual que é nós que temos culpas, mas nem lá apareceu.

A ajuda que o governo mandou no nosso bairro
não chegou, eu não sei porque razão. "Nós estamos
desprezados e sem razão. Mas temos Deus do nosso
lado nosso amigo, nosso irmão.

Vocês lembram daquele cidadão quando se candidatou
Ele fez pra nós tantas promessa agora é nós que
temos pressa, mas ele nos desprezou. "Cade a água
encanada e luz na estrada, e o postinho de saúde que
você nos prometeu

E depois que ele se elegeu, e de nós se esqueceu, mas nós não se esquecemos não.

O povo votam consiente, os puliticos só iludem a gente mas espero que nunca mais

Vocês conhecem o rio Ribeira, quanto peixe ele nos dá.

Aí que quanta vida boa, lá eu ando de canoa, lá também posso nadar.

Quando eu lembro até suspiro, este tal de Antonio Ermirio, querendo nos afogar. Mas nós somos um povo bem unidos, jamais seremos vencidos, não adianta nem tentar.)

Amigos vejam só que sacanagem, ainda querem fazer barragem, aqui no nosso lugar.

Esses grandes são incompetente, só querem pisar na gente, mas nós não vamos deixar. **(25)**

A percepção do contexto sócio-político pelo nosso grupo, descrito acima no subcapítulo anterior, ainda ocorreu nesta fase em que conduzimos nosso projeto de acordo com as diretrizes da administração municipal. Um dos bairros - Ivaporunduva - se recusou a participar da nossa proposta de horta escolar, por nos vincular à prefeitura local, a qual fizeram oposição política:

(25)A autora desta letra é Iolanda Aparecida Rosa, moradora do Bairro de Sapatu, que junto às mulheres desse bairro, cantou esta música em uma reunião que comemorava o "Dia Internacional da Mulher", em 08 de março de 1995, contando com a presença da primeira dama do prefeito municipal de Eldorado.) *Vide anexo II*: os originaís desta música nos enviado por carta pela autora.

lute com a comunidade, encare as luta da comunidade, seja livre do Convênio, da Prefeitura... (morador 4)

Voltamos, a partir deste fato, a repensar a nossa proposta de trabalho conforme os interesses da comunidade, o que intensificou o conflito entre o grupo e a coordenação:

(...) durante o ano, o grupo achava (...) que realmente a comunidade é que ia colocar pra eles as prioridades, não o grupo ia lá e ia colocar pra eles as prioridades. Só que aí começou a ocorrer um conflito político entre o grupo e a coordenação (...) (estagiário 6)

Colocamos o nosso desagrado à coordenação, visto que o convênio subjugou as prioridades da população:

(...) conforme o trabalho foi se desenvolvendo a gente foi percebendo que havia essa dependência das opiniões e direcionamento da Prefeitura e foi criando um atrito (...) (estagiário 6)

Nosso grupo experimentou o que Brandão preconizou no momento em que abordou as mudanças ocorridas na metodologia das ciências sociais - um surgimento de críticas por parte de pesquisadores e pesquisados brotadas de

perguntas que os próprios cientistas por muito tempo esqueceram de fazer, feitas por pessoas das classes populares das comunidades indígenas ou rurais ou periferias. (Brandão, 1984).

Ainda como parte desta discussão, este autor se referiu à descoberta da “artimanha” feita pouco a pouco por aqueles envolvidos em “projetos de promoção”, “mudança”, “desenvolvimento social”, “transformação de estruturas” ou outros de denominação semelhante. Acreditamos que a elaboração de críticas pelos participantes do “Projeto Água” denunciou uma descoberta semelhante:

Confesso que achei muito difícil trabalhar com a população(...) tentando fazer algo de bom e sem interesses e conviver com interesses absurdos em Eldorado (...) mas foi bom pra ver e aprender muita coisa sobre a própria raça humana, seus ridículos interesses e falsidade! *(estagiário 1)*

Ao longo do tempo consideramos a nossa atuação como uma existência de subprojetos (da horta, criação de animais) justapostos desarticuladamente, traduzida em etapas não concluídas e não avaliadas:

(...) À medida que o pessoal começou a querer derivar demais os assuntos a serem tratados dentro do trabalho do Vale do Ribeira, os objetivos passaram a não ser mais claros. No início, sempre tinha como objetivo trabalhar a questão da água, daí no outro momento, queria trabalhar a água, o lixo, a terra. Não demos mais uma direção pro projeto, abrimos o leque. (...) Ficou uma coisa que não tinha objetivo comum, tinham vários objetivos paralelos, todos muitos abrangentes. Nunca teve em nenhum momento uma forma de avaliação do que você tava fazendo. *(estagiário 4)*

Encaramos o que descrevemos acima como um quadro de estagnação do grupo, gerador do desgaste e conseqüente saída de alguns integrantes do projeto:

(...) Aí eu acabei me desligando mesmo, ainda valorizava aquilo, eu ainda sentia muito assim lá dentro - "eu tô abandonando o Vale" (...) Esse processo era desgastante (essa é a palavra), porque não é uma coisa cansativa: podia ser, mas se você tá chegando a um objetivo, o objetivo compensa e é uma coisa prazerosa de fazer. Mas começou a patinar, a patinar, todo mundo já tava com o saco cheio daquilo (eu via que não era só eu, tinha mais gente, a moçada não ia na reunião, ia, ficava meio apático). Foi uma coisa que o grupo mesmo mostrou pra mim, porque se o grupo tivesse me puxado, estivesse ali. Mas não teve isso também. Por mim, eu tava querendo sair, mas se de repente alguma coisa me atraísse de volta, mas todo mundo tava assim meio saindo. (estagiário 3)

Apontamos inúmeras críticas ao Projeto Água - quanto aos seus objetivos, sua metodologia e às instâncias políticas implicadas no convênio - feitas pelos integrantes do grupo no momento das entrevistas ou durante sua presença no campus avançado. Porém, sua sistematização nos mostrou muitas contradições entre a prática desenvolvida na época de sua atuação e a compreensão que estes sujeitos possuíram da mesma atualmente, ou seja, a reflexão de hoje negou a ação de ontem: são nelas que a aprendizagem se engendrou.

Assim, descrevemos situações contraditórias, porque ao mesmo tempo que passamos por tantos questionamentos quanto à nossa prática educativa e acabamos por estabelecer um diálogo (no interior da equipe, bem como entre seus integrantes e a população), continuamos desenvolvendo aquela proposta de extensão, vinculada a interesses de uma coordenação e de uma prefeitura.

O nosso diálogo negou a nossa própria prática. Percebemos esta contradição traduzida na dicotomia do ontem e do hoje do processo educativo. Anteriormente fomos sujeitos que monitoraram palestras, cursos, teatros, visitas às residências - centradas na transmissão de conteúdo de aspecto preventivo -, da elaboração de projetos de criação de animais e da “Campanha da Horta” - ações dissociadas do que acreditamos como prioridades da população local. No entanto, tais contradições não invalidaram o que experimentamos no decorrer deste projeto, já que contribuíram na constituição do próprio processo educativo, o que expressamos:

quando entrei no grupo eu não tinha muito definido o objetivo do trabalho, sentia que era apenas um trabalho que visava ajudar aquelas pessoas, aquelas comunidades(...) Hoje eu acredito que a minha visão não é mais a de ajudar aquelas pessoas (paternalismo e assistencialismo) e sim de orientá-las a partir do momento que elas tomem consciência das suas condições e lhes proporcionar um reconhecimento de si mesmos, o que possibilita um crescimento interior se optarem por isso *(estagiário 8)*

Reconhecemos que a postura do coordenador no grupo, nos fez perceber os aspectos políticos implicados nos projetos educativos desta natureza:

Vimos a interrupção dos anseios do grupo pela solicitação de trabalhos práticos pela prefeitura à coordenação como parte da complexidade da interação entre aqueles sujeitos envolvidos em um projeto educativo - o conflito da intersubjetividade:

(..)Falo na interação entre pessoas, gente: você trabalhar com gente é muito difícil. Uma das coisas que eu aprendi no Vale - isso é positivo - trabalhar com pessoas é muito mais complicado do que a gente pensa, porque as pessoas pensam de forma diferente. Nem sempre o que a gente tá querendo levar é o que elas querem, nem sempre o que elas querem é o que a gente quer levar. (...) Faz parte do aprendizado isso: você parte de uma coisa que parece muito simples, que você vai dominar ela, que você vai fazer e acontecer. E de repente você bate de frente com a coisa, e vê que é muito maior do que pensava. *(estagiário 7)*

Ao longo do tempo consideramos a nossa atuação como uma existência de subprojetos (da horta, criação de animais) justapostos desarticuladamente, traduzida em etapas não concluídas e não avaliadas:

(...) À medida que o pessoal começou a querer derivar demais os assuntos a serem tratados dentro do trabalho do Vale do Ribeira, os objetivos passaram a não ser mais claros. No início, sempre tinha como objetivo trabalhar a questão da água, daí no outro momento, queria trabalhar a água, o lixo, a terra. Não demos mais uma direção pro projeto, abrimos o leque. (...) Ficou uma coisa que não tinha objetivo comum, tinham vários objetivos paralelos, todos muitos abrangentes. Nunca teve em nenhum momento uma forma de avaliação do que você tava fazendo. *(estagiário 4)*

Encaramos o que descrevemos acima como um quadro de estagnação do grupo, gerador do desgaste e conseqüente saída de alguns integrantes do projeto:

(...) Aí eu acabei me desligando mesmo, ainda valorizava aquilo, eu ainda sentia muito assim lá dentro - "eu tô abandonando o Vale" (...) Esse processo era desgastante (essa é a palavra), porque não é uma coisa cansativa: podia ser, mas se você tá chegando a um objetivo, o objetivo compensa e é uma coisa prazerosa de fazer. Mas começou a patinar, a patinar (...) a moçada não ia na reunião, ia, ficava meio apático. Foi uma coisa que o grupo mesmo mostrou pra mim, porque se o grupo tivesse me puxado, estivesse ali. Mas não teve isso também. Por mim, eu tava querendo sair, mas se de repente alguma coisa me atraísse de volta, mas todo mundo tava assim meio saindo. (estagiário 3)

Nesta fase de estagnação do grupo, afloramos, mais uma vez, o nosso descontentamento frente a ausência de autonomia que nos defrontamos:

(...)o pior problema que eu vi lá foi a politicagem, foram os interesses, isso que foi me afastando do grupo, do trabalho, muitas vezes, quando eu via que tinha que mexer com muitos interesses ali. Se você tivesse um espaço aberto pra fazer o trabalho, não tem problema, eu trabalharia dezesseis horas por dia com isso, se as pessoas tivessem realmente querendo que a gente fizesse aquilo, tivesse aberto pra aquele trabalho e tivesse respeito pelo nosso trabalho. Mas não, a gente tinha que ficar toda hora diplomaticamente adequando os interesses deles ao nosso trabalho(...) Isso é uma coisa que me afastou do grupo, a maior dificuldade - os interesses pessoais, não do grupo, da classe dominante da região - da Prefeitura. (...) você não tem liberdade de dialogar com o povo, a população sobre quais são os interesses deles. (estagiário 1)

Desta forma, a saída dos componentes do "Projeto Água" determinada pelo que já expressamos acima, elementos que o enfraqueceram na sua estrutura e metodologia - também vivenciados pelos que se mantiveram no grupo - ocorreu concomitantemente ao

pedido de bloqueio da nossa atuação pela Prefeitura. Ou seja, no momento de tal bloqueio o trabalho já vinha definhando, sendo que a própria administração municipal contribuiu nesse enfraquecimento.

Especificadas as causas do término do projeto, necessitamos acrescentar que a partir daí, travamos um embate entre o crítico e o afetivo, o racional e o emocional, no instante em que concebemos a continuidade da nossa atuação - mesmo diante dos inúmeros conflitos e falhas - como um apego ao grupo e à população. Visto que definimos tal apego ao grupo, como fruto da amizade entre os seus integrantes, da situação de convivência no Campus Avançado. Enquanto que expressamos aquele vínculo à população pela nosso propósito de contribuir para amenizar o quadro de miséria que presenciamos (através do desenvolvimento das atividades da primeira e última fase do "Projeto Água") ou de voltar o projeto para o que os ribeirinhos priorizaram.

A história do trabalho se iniciou como evento - algo que seria feito no período das férias - e por alguns momentos se manteve assim, tentou se preservar assim para garantir sua existência. Sua prática - foi pontual e suas fases foram desarticuladas: ensino preventivo de técnicas sanitárias, cloração da água, mapeamento, horta, curso para professores. Pontual na ação, global na reflexão: quando idealizou a interdisciplinaridade em relação aos participantes dos vários cursos e à articulação da atividades propostas.

Além do trabalho acabar se caracterizando por fases eventuais e pontuais, desarticuladas pela ausência de avaliação, de uma em relação a outra. A coordenação (pressionada pela Prefeitura) não elaborou a coesão destes cortes, destes espaços de fragmentação da abordagem do “Projeto Água”. Somada à sua inexperiência em avaliar tais fases, esta pressão impediu que os membros do grupo se voltassem mais para a prática, à atividade, à ação do que à articulação do idealizado com o praticado, através de uma reflexão sobre cada etapa do projeto.

Ou seja, o reflexo da desintegração entre o nosso filosofar e a nossa ação era esta ausência de avaliação das nossas atividades.

Criticado pela prefeitura por se envolver com os interesses da comunidade, o grupo direcionou sua atuação para um seqüencial pragmático. Essas atividades eventuais e descontínuas levaram à participação de parte do grupo somente nas viagens, em detrimento da presença nas reuniões, onde, no início refletimos e avaliamos as nossas atividades

Esse certo panorama da forma que se encadearam as relações entre os sujeitos envolvidos nesta etapa do projeto nos propiciou introduzir as causas que levaram a administração municipal a romper o convênio com a universidade e conseqüentemente impedir a atuação do “Projeto Água”.

Tais causas se relacionaram à publicação da reportagem “S. O. S. Eldorado” no Jornal da Unesp em outubro de 1994 (*vide anexo 12*). O coordenador, o diretor do campus e alguns membros do grupo forneceram depoimentos sobre a nossa participação em um projeto de extensão universitária para a elaboração desse artigo.

Considerando esta reportagem de caráter promocional do “Projeto Água” às custas de um conteúdo, que segundo os membros da prefeitura denegriu a imagem da cidade, esta administração nos impediu que continuássemos a atuar em Eldorado. Achamos conveniente expor o que nos relatou o diretor do campus a respeito destas circunstâncias:

(...) O dia em que eu cheguei em Eldorado que o Prefeito tomou conhecimento deste jornal, ele imediatamente já tinha telefonado umas quatro ou cinco vezes lá pra sede do campus, querendo falar comigo, eu fui imediatamente conversar com ele e ele se mostrou muito magoado. Os termos que ele utilizou para comigo foram os seguintes: “professor, nós recebemos vocês da Universidade de braços abertos e olha a consideração que vocês têm conosco!”. Com relação a essa manchete, essas foram as primeiras palavras dele. E depois, a partir daí, se desencadeou uma série de problemas(...) No segundo dia em que eu cheguei em Eldorado, o Prefeito me disse que infelizmente ele não tinha outra forma de agir a não ser denunciar o convênio(...)

(...) Em novembro/dezembro de 94, o Prefeito me notificou do descontentamento dele com a atuação da Universidade, dizendo que o Convênio iria ser denunciado em razão da publicação no “Jornal da Unesp”, segundo ele, inverídicas (...)

Além disso, os participantes do “Projeto Água” expressaram suas críticas relativas ao conteúdo desta matéria:

completamente distorcida, nada do que a gente disse foi reproduzido fielmente (...) eles falaram que a gente já tinha solucionado o problema de verminose no Vale do Ribeira. A gente não solucionou nada, e nem era a nossa intenção solucionar. Era simplesmente questionar e fazer com que as pessoas estivessem procurando se prevenir a isso. *(estagiário 12)*

absurdos técnicos... a própria manchete - muito trabalho, uma coisa assim... nós temos trabalho de extensão, a universidade tá fazendo, não tá parada, tá cumprindo com o seu dever - foi mais propaganda pra quem não tava perto, divulgação... Foi mais uma das desculpas pra firarem a gente da parada. *(estagiário 6)*

Interrompendo o Convênio, a prefeitura local requisitou ao diretor do campus a casa onde as equipes da universidade se alojaram, a qual lhe pertencia:

(...) o prefeito me pediu que desocupasse a casa, porque a Santa Casa de Misericórdia estava pressionando a Prefeitura para que aí se instalasse um 'Consultório Médico'. Nestas condições, o Prefeito ofereceu uma outra casa para que nós pudéssemos abrigar provisoriamente os nossos móveis. *(diretor do campus)*

Além disso, à repercussão da reportagem se somou ao anterior desagrado da Prefeitura que ocorreu com relação ao trabalho da nossa equipe, devido ao nosso vínculo à população. Percebemos o conjunto das causas que levaram à interrupção do projeto:

(...)o problema maior foi o medo de colocar a população contra eles, porque tinha muito daquele negócio da gente falar - "não, mas a Prefeitura tem que dar o cloro pra vocês ou "as barragens vão acabar com isso aqui, não é bom, eles tão falando que vai ter emprego mas não vai ter (...)
(estagiário 12)

(...)a Prefeitura soube aproveitar muito bem essa reportagem, porque ela queria já cortar o Convênio de alguma forma e quando eles pegaram a reportagem, viram lá uma frase, um título que, entre aspas, denegria a imagem de Eldorado - "S.O.S. Eldorado" - explicando a carência da cidade e pegaram isso como um suporte pra se acabar com o Convênio.
(estagiário 6)

A nossa atuação contribuiu para que as a população reivindicasse a melhoria das condições de saneamento básico dos bairros em que atuamos, o que fez com que a prefeitura tivesse uma reação contrária a projetos que envolvessem atividades educativas e favorável a projetos técnicos. Nestes últimos, segundo esta administração não implicaria num relacionamento mais próximo da população, o que poderia vir a gerar "envolvimento político".

(...)não é bom pra nós, porque as mesmas pessoas, pertencentes a uma mesma equipe, vindo pra cá com muita freqüência, essas pessoas vão se entrosando muito, vão se deixando levar emocionalmente e deixam de realizar o trabalho que deveria ser feito e passam a ser levadas pelo lado emocional, resultado: começam a se intrometer em coisa que não é alçada deles, como em política e outras coisas como acabou acontecendo com a equipe da água.(...) . Esta era a opinião do Prefeito de Eldorado sobre o nosso trabalho que havíamos desenvolvido em seu município. (diretor de campus)

Lidamos com as cicatrizes do término do “Projeto Água”, expressando as “marcas” deixadas pela interrupção da nossa atuação no campus avançado:

(...) O que aconteceu deixou algumas marcas (...) ficou uma marca dentro do coração dessas pessoas - a relação de amizade entre as pessoas eu acho uma coisa muito bonita, forte mesmo. O Projeto do Vale teve momentos de plena alegria, de plena felicidade, idealismo, mas teve momentos de plena angústia, decepção, dor mesmo, de a gente ver coisas que a gente queria fazer, coisa que a gente errou, por falta de experiência. Então, isso tudo, essa soma toda, a resultante dela foi extremamente enriquecedora. *(estagiário 6)*

Até hoje quando sai alguma coisa das barragens, eu fico ligada. Eu ouço Vale do Ribeira e dá aquele negócio por dentro, sabe, quando dá um aperto? Porque eu gostava mesmo do trabalho com a população, do grupo lá *(estagiário 3)*

Vamos refletir a seguir sobre o que estas marcas abrigaram. Os participantes do “Projeto do Vale” expressaram os frutos delas - nossa aprendizagem - inseridos na abordagem da educação extra-escolar na qualidade de extensão universitária.

III.5. As marcas deixadas pela intersubjetividade na extensão universitária: aprendizes⁽²⁶⁾

A convivência com os moradores nos estimulou a conhecer mais, a cultivar uma amplitude de nossos elos de conhecimento - elos consigo e com o outro, abertos e em ponto de encaixe...

(...)esse trabalho contribuiu muito por tudo o que aconteceu ali, eu aprendi muita coisa, e pra população em geral teve muita coisa muito boa. (...) Teve muitos pontos positivos tanto pro meu aprendizado quanto pra população. O contato com a população foi uma das primeiras coisas que aconteceu pra minha formação, de eu ver pra eu trabalhar em alguma área que eu lide com as pessoas, em contato das pessoas. Se eu tô agora na licenciatura, é porque eu tô vendo muita a necessidade de tá em contato com as pessoas, passando conhecimento (lógico, eles também sentem essa troca, eu tô ensinando, eles tão passando alguma coisa pra mim).(estagiário 1)

O contato com a população nos estimulou a conceber as dimensões da temática ambiental além dos aspectos biológicos, mas sociais, voltados para a educação de adultos, estimulados pela nossa atuação no campus avançado:

(26) justificamos a extensão dos depoimentos aqui apresentados, pelo anseio de expressão que os participantes demonstraram no momento em que os indagamos diretamente sobre o significado que atribuíram ao "Projeto Água". Este anseio se revelou mais intenso do que nos outros momentos da nossa entrevista. Cedemos, então, parte do nosso texto, neste item, à sua voz.

eu tenho que aprender (...) um monte de coisa pra poder fazer um trabalho de Educação Ambiental legal. E não só o ambiente, essa parte da Biologia - mas (...) conhecer muito a parte social - eu quero trabalhar com um público adulto, em geral (mesmo um parque, uma escola de Botucatu). E muita coisa eu lembro do Vale(...) eu lembro dos adultos - a fascinação que eles tinham por tá fazendo um monte de coisa (que a gente tinha programado pra criança): desenho, pintura, o teatro (eles vibravam com o teatro que a gente apresentava à noite pra eles), assistiam os vídeos. (estagiário 3)

Tem toda uma situação de beleza, de natureza, que todo o biólogo gosta (...) de ar puro - isso impressiona. Mas impressiona também você ver tanta beleza e tanta gente no meio da beleza com uma pobreza imensa, com carências primárias, que chocam um pouco. (...) Eu me senti bastante intrigada com a situação do pessoal lá do Vale(...) (estagiário 4)

Tô trabalhando na Ecologia com poluição de água e na Educação com Educação Ambiental: direcionou bastante, foi uma coisa que me marcou mesmo na minha formação. (...) foi uma experiência boa, gostei - não foram todos os momentos, bons, mas em termos de avaliação, faço uma avaliação positiva do que aconteceu. Tentei trabalhar na Anatomia, com célula - tentei conhecer outras coisas pra não ficar tão direcionada, mas no fim não teve escapatória. Percebi que gostava daquilo e percebi a importância da Educação Ambiental e da Ecologia - não aquela Ecologia pura (acho até importante, mas a nível de contexto ambiental atual é importante a gente tá estudando o ambiente poluído e tentar recuperar mesmo, evitar que se polua é uma saída e outra é tentar limpar).(estagiário 3)

**Nestes elos, a latente socialização do saber...
compartilhar conhecimento com aqueles que não estão na escola,
tendo como referência a problemática do ensino - da evasão escolar:**

Eu vi que é uma necessidade fazer um trabalho com o público em geral - população mais adulta, livre da escola (...) Porque a educação, no nosso sistema já é falho, as crianças não ficam na escola muito tempo (a gente percebe que da primeira pra segunda série, metade das crianças já foram embora da escola, até que chega na Universidade e só tem um por cento da população). (...) é muito importante trabalhar fora da escola, porque é esse pessoal tá precisando ser formado (estagiário 4)

Aprendemos com a diferença do outro no sentido em que valorizamos a sua cultura:

Eles não têm o conhecimento que é dado na faculdade, mas têm o costume deles, a cultura deles (...) (estagiário 10)

Ficaram algumas marcas configuradas na desarticulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão:

(...) aquela coisa fechadinha, acadêmica mesmo: o cara fica no laboratório dele pesquisando e vê que aquilo é o melhor. Só que a hora que você vai lá fora é diferente! (estagiário 12)

Apontamos o questionamento do ensino a partir deste embate entre a prática da pesquisa e sua aplicação, o que vivemos no “Projeto Água”:

A faculdade te ingessa muito com as coisas... o que a gente mais escuta dentro da faculdade é que o agrônomo tem que ter bom-senso e que o agrônomo não pode usar receita de bolo, desde o meu primeiro ano eu escuto isso. Só que a única coisa que eles fazem é passar receita de bolo pra gente. (...) nesse trabalho quando você tá saindo fora, que você tá se ferrando, que você vai lá e faz do jeito que os caras falaram pra você fazer e

não dá certo, é que você vê. Porque lá eles te cortam completamente a imaginação, a criatividade, com raríssimas exceções. Eles te ingessam mesmo, você não tem direito de exercer sua criatividade, sua curiosidade.(estagiário 12)

Muitas concepções do mundo do universitário demonstraram um desejo de articulação do tripé acadêmico - ensino, pesquisa e extensão:

(...) um trabalho que é pra minha monografia é muito de extensão, porque é a comunidade que tá me interessando ali (...) (estagiário 3)

A identidade da população percebida pelos integrantes da equipe influenciaram a sua cosmovisão atual:

(...) Eu me lembro que a gente teve uma discussão no ônibus que partiu até pra filosofia: começou a falar de princípios básicos do ser humano - dignidade, sobrevivência, necessidades básicas do ser humano; o quanto que o pastor, com a religião, com aquela idéia do divino não tava embutindo na cabeça e derrubando coisas básicas do próprio indivíduo, do ser humano mesmo. (...) Pelo menos pra mim, marcou muito esse negócio, porque hoje eu tenho um pouco dessa preocupação com o que a Igreja não faz em nome de Deus. (estagiário 3)

Formamos uma concepção quanto à aprendizagem possibilitada pelo trabalho em grupo:

Havia também momentos que eu queria desistir de tudo, mas sabia que cada um tinha o seu papel, e cada um deveria contribuir para tirar o grupo do buraco - isso também é ter um aprendizado - ter responsabilidade e fazer com que o grupo cresça como um todo, sem desistir no meio. (estagiário 2)

Precisamos também levar em consideração aspectos que não foram ensinados formalmente, mas aprendidos pelos seus integrantes com a sua própria prática, como o trabalho em grupo, a cooperação, o lúdico, o prazer (LIMA, 1979), há algum tempo divorciados da maioria dos trabalhos no meio universitário.

a relação do grupo que foi mais forte, essa relação de troca, de união, de empolgação, de busca, de reflexão permanente - isso foi uma coisa que impulsionou o grupo o tempo inteiro, até nas divergências (...) houve momentos de desânimo, por parte dos participantes, mas por sorte não foram momentos coincidentes, sempre que um desanimava pela própria circunstância, pela motivação dos outros do grupo, acabava levantando de novo o astral (estagiário 2)

O trabalho em grupo pra mim foi muito importante, porque eu tive uma experiência depois do Vale, que foi o melhor trabalho em grupo que a gente já teve - a Semana da Bio 95 e o Centro Acadêmico. no ano passado - os dois trabalhos que você pensa em grupo, com um grupo de pessoas organizando, foram excelentes (a gente trabalhou, planejou, distribuiu as pessoas e realizou quase tudo que a gente queria, saiu quase perfeito como a gente tinha planejado). O Vale contribuiu muito também pra minha formação quanto a trabalho em grupo, foi uma das primeiras coisas que eu comecei com trabalho em grupo. (estagiário 1)

A criatividade vivenciada pelo grupo na elaboração de suas atividades estimulou os estudantes a darem vazão a este estado em outras instâncias do meio acadêmico:

(...) me influenciou em outras coisas, eu tô fazendo um trabalho agora na licenciatura que é produção de material didático, tem que criar muita coisa (peguei muita coisa do Vale também). (estagiário 1)

Estímulo para aqueles não participantes do projeto mas conhecedores dele na discussão da extensão na universidade...

a palavra até talvez seja magia pro Projeto do Vale, porque foi um projeto que contaminou as pessoas, não só do grupo, mas o pessoal da Universidade. Todo mundo queria saber o que tava acontecendo lá (...) isso é importante na formação, não só nossa, isso tá trazendo o quê? Contribuições pra gente tentar estimular, conversar isso dentro da Universidade, estimular esses novos graduandos que tão entrando aí, esse pessoal, queira ou não queira, se espelha no que o pessoal fez. Isso tá sendo super importante, essa questão - não só o jovem tá precisando - mas o mundo inteiro tá precisando de incentivo, de experiências bonitas, de experiências que deram certo. Se você chegar e contaminar aquela pessoa com amor, com idealismo, com essa vontade de fazer as coisas. Isso é uma coisa que tá faltando. E isso é uma coisa que eu reparei: por que é que o pessoal se identificava com o grupo? O grupo emanava isso, teve um determinado momento na fase do grupo, que o pessoal emanava esse idealismo, essa vontade. Então, as pessoas se aproximavam pra saber o que é que tava acontecendo, pra trocar experiência. Então, isso foi uma coisa mágica, essa palavra que define. (estagiário 6)

Percebemos a existência de um conjunto sistema ensino-aprendizagem entre os sujeitos:

Esse projeto foi fundamental no processo de formação minha. Primeiro, de ter um contato com uma realidade que eu não conhecia, de ter esse privilégio de ter esse contato. Foi um processo educativo nessa troca com a comunidade, foi um processo educativo que enriqueceu muito minha formação, o trabalho, a relação intra-grupo, entre as pessoas do grupo, acho que isso foi uma coisa assim que eu nunca mais vou esquecer na minha vida, foram as pessoas muito especiais que a gente conseguiu trabalhar, não só dentro do grupo, mas, o pessoal da comunidade. Foi uma experiência pra ver os entranhas da questão política, da universidade, da prefeitura. Então, isso foi uma experiência extremamente enriquecedora pra mim. (estagiário 6)

Descrevemos a experiência da extensão universitária que compartilhamos como aprendizado, destacando-a como a mais marcante no sentido pedagógico, em comparação com outras práticas acadêmicas:

eu vou deixar como depoimento, eu já deixei publicamente algumas vezes assim, de tudo o que eu fiz na Universidade, de disciplinas de graduação, de Pet, de Centro Acadêmico, de estágios, de Congregação, de tudo o que eu fiz, o Projeto do Vale, com certeza, foi o projeto que mais me enriqueceu, de toda a minha época de graduação. É uma forma de aprendizado que a gente teve pra complementar nossa formação acadêmica, sensacional.

Encaramos todos estes fatores descritos como um processo de aprendizado na intersubjetividade propiciado pela educação extra-escolar desenvolvida como extensão universitária:

trabalho, a relação intra-grupo, entre as pessoas do grupo. Isso foi uma coisa que eu nunca mais vou me esquecer na minha vida, foram as pessoas muito especiais que a gente conseguiu trabalhar, não só dentro do grupo, mas, o pessoal da comunidade (...) foi uma experiência pra ver os viés, os entranhas da questão política da Pró-Reitoria, da Prefeitura. (estagiário 6)

apesar do trabalho tá usando subsídios produzidos pela biologia, pela química, pela medicina, pela antropologia, pela própria educação (...) a nossa vivência enquanto grupo foi claramente educativa, não-formal. A nossa vivência com a população também (...) ela teve presente o tempo todo(...) (estagiário 2)

O confronto entre o conhecimento tradicional e o inovador ocorreu no “locus” definido no trânsito entre as representações e o real, o individual e o coletivo. Precisamos compreender nesse trabalho qual a inter-relação entre cada um. Este confronto aconteceu a partir de um trabalho de extensão universitária, o qual se depara com uma realidade diversa - a região, a população, a política universitária e municipal, através do trabalho em grupo.

O trânsito entre a idealização e o real foi rico em elementos que caracterizaram o processo educativo por nós vivenciado. No entanto, este cenário não amenizou a desarticulação existente na percepção dos problemas “reais”: idealização de um trabalho que correspondesse às nossas expectativas de transformação da realidade e choque entre essa idealização e a postura da coordenação e da prefeitura.

Como parte destes pressupostos, a integração e a interação de sujeitos quanto ao conhecimento foi pontual e global respectivamente. Ou seja, tanto no interior do grupo como em relação à população, integramos conhecimento quando justapomos nossas informações técnicas a nossas histórias de vida repletas de outros conhecimentos delas distintos. Já, interagimos nesse contexto, quando conseguimos ir além do técnico previamente proposto - solidariedade, afetividade (fomos sensibilizados pela possibilidade de construção das barragens mais por esse motivo do que pelo técnico e profissional), colocando nossa personalidade (autenticidade). Extrapolamos conforme sonhamos perspectivas para o “Projeto do Vale” na sua abordagem, abrangência e a atuação, como por exemplo, a possibilidade de criação de um grupo transdisciplinar de extensão universitária, com uma base no Campus de Botucatu e outra em Eldorado.

III.6. O “Projeto Água” para os ribeirinhos: qual a mensagem que deixamos?

Ressaltamos, antes, o papel dos ribeirinhos na nossa transformação de extensionistas a aprendizes - somado ao do grupo - como essencial. Percorremos, assim, toda a nossa discussão sobre a nossa experiência na extensão universitária.

Tivemos os ribeirinhos como agentes do nossa aprendizagem. Estes sujeitos nos despertaram para o questionamento da intervenção que criamos. Alertaram-nos para o início de uma concepção da temática ambiental além do âmbito natural, da fauna e da flora locais. Mostrando-nos, assim, os condicionantes sociais desta abordagem, através do comprometimento da sobrevivência (com a perda da moradia e da terra, fonte de seu sustento) daqueles atingidos pelas barragens. Entrando em contato com os ribeirinhos reformulamos nossos conceitos de qualidade de vida, anteriormente centrados nos nossos padrões e pontos-de-partida. Hoje, acreditamos que este conceito, quando balanceado entre aqueles que participam de um projeto educativo promove uma troca de conhecimentos, diante do que presenciamos em algumas etapas do “Projeto Água”. No entanto, estamos cientes de que esta troca possuiu na nossa experiência um viés político determinado pelas implicações do Convênio. A

apresentação das expressões dos ribeirinhos que fazemos a seguir ajudaram-nos a sedimentar este aprendizado.

(...) a partir do momento que a gente conhecer a realidade, começam a aprender o que a gente deseja a coisa vai começar a andar. (...) (morador 5)

Já mencionamos os resultados da nossa experiência de extensão universitária para o “Grupo do Vale”, consideramos necessário nos referir a tais resultados para os ribeirinhos. Como estes sujeitos conceberam o nosso projeto?

Reproduziremos agora algum dos nossos encontros com os moradores, em algumas visitas que realizamos após o término do “Projeto Água”, onde mais uma vez, entramos em contato com “um mundo da atividade docente de um sem-número de pessoas que, sem diploma ou créditos em didática, ensinam sem saber”: (Alves, 1981)

O desenvolvimento das atividades na comunidade foi importante à medida que levou as informações voltadas para a necessidade de tratamento da água e de saneamento básico, na prevenção contra as doenças:

No entanto, nos apontaram que a aplicação destas informações em seu dia-a-dia está subordinado a variáveis precedentes a elas, como a política local e as más condições de saúde da população:

(...) o trabalho foi bom. Teve muita coisa que a gente aprendeu, eu por exemplo, aprendi e sei que é bom. Agora, como aplicar isso? Aí que tá o problema, da política que nós vivemos aqui. Na questão da saúde, que a gente aprendeu em Eldorado, um negócio muito importante, que eu aprendi - e eu não sabia, eu acredito que a maioria - eu aprendi como se faz uma fossa. Se aquela fossa tá ajudando na educação da saúde, a gente sabe que a fossa é útil, é bom, mas o como devolver a saúde, eu acredito que é meio estranho ainda (...) (morador 5)

apesar da gente assim aprendeu bastante coisa boa, mas num pode fazer... a questão da saúde mesmo, da higiene, do banheiro, essas coisas, a gente aprendeu aqui, mas num tem jeito de fazer, um banheiro bom, no fim num consegue fazer, sem ajuda do Prefeito num tem jeito de fazer fossa, o pessoal sabe que é bom, mas num pode. (morador 6)

Os ribeirinhos viram nosso projeto como um alerta à melhoria das condições de saúde, entendendo aí o papel da informação como contribuição no processo educativo da comunidade.

eu gostei (...) eu aprendi mais(...) além da gente aprender sobre higiene, a gente aprende mais e como prevenir os vermes e como tratar também, sobre também o verme de porco que... sei lá pra mim teve bastante orientação, aprendi mais sobre esse negócio da carne do porco. E outra coisa também que é, além de higiene, a educação: as crianças eles ficavam assim com aquelas brincadeiras, o teatrinho, eles se desenvolviam mais. (...) Também a orientação de fossa, essas coisas, eu gostei. (morador 7)

Com isso, expressaram a articulação entre a saúde e a educação no contexto social:

(...) mas o que que é a saúde e o que que é a educação? A gente aprendeu que a saúde é útil, mas eu sei que tem a educação, como apricá essa educação? Estudano. Daí que eu falei, nós dependemo do governo... uma coisa chama a outra, valeu a experiência, é válida... (morador 5)

Ademais, associaram a saúde a outros fatores, além do uso de medicamentos ou de cuidados com a higiene, apontando os problemas de subnutrição vividos naquela região:

Exprica da água é útil? Bão. Fazer o banheiro é útil? Bão. Mas eu tenho que ter alimentação, porque eu vou usar o banheiro a partir do momento em que eu uso o alimento, eu vou usar o banheiro, porque sem o alimento não teve jeito. Então, esse alicerce, é por aí, eu não sei se vocês concordam, mas o alicerce da coisa é por aí(...) (morador 5)

Com isso, deixaram transparecer que nossas informações vieram desarticuladas de outros condicionantes pertencentes a esferas além da cloração da água:

(..)O pessoal pensa que a saúde é tomá um comprimido e aí resorveu o pobrema... mas é o contrário, a saúde é começado pela alimentação, o começo é pela alimentação. O camarada, ele toma um comprimido pra baixa a pressão, daí baixa a pressão, mas ele precisa de comê, daí ele vai tomá outro comprimido pra enchê o estômago?! Num tem jeito. Ele tá cuma uma gripe, um resfriado, (tá sem apetite, num consegue comê nada), tomô uma injeção pra baixa a febre, vem a fome. Então, o começo das coisa tem que sê a alimentação, higiene, essa uma questão que a gente sempre discute (...)

Consideraram nosso projeto como um espaço de aprendizados, um sujeito ensinou ao outro:

(...) É aprendendo esse tipo de coisa pra fazer a vida memo porque... é isso uma coisa que a gente pode tá precisando aprende, se a gente num se uni uma pessoa a outra, cada um fica parado de um lado...num vai nem pra lá nem pra cá... Vocês famém aprendero ensinando aquilo pra gente. E o trabaio num parô aí, vai devagarinho

Perceberam que nosso projeto teve como ponto-de-partida os nossos interesses, traduzidos no enfoque da contaminação da água, mediado pela influência da administração municipal. Enfatizaram que tornando tal ponto-de-partida comum como essencial a um trabalho com uma comunidade:

Pra trabaiaá com comunidade cê tem que sabê o que eles querem... num é virá trabaiaá com a comunidade sem sabê o que ela qué, um vai num rumo, outro vai no outro rumo... se a gente discuti o que a gente qué daí a gente pega a linha certa, agora trabaiaá meio pela cabeça um do outro, ceis trabaia com a minha cabeça e eu trabaio com a cabeça de vocês, daí fica ruim, cê tem que ir num rumo{...}

No momento desta colocação, exprimiram sua concepção de política, diante da nossa justificativa dada quanto ao término do “Projeto Água”, quando manifestamos o envolvimento da administração municipal:

O que que é a política? Alguns vão dizê que é a campanha, esse tipo de coisa... Política pra nós, é cuidá desse menino [*tocando na cabeça de uma criança do bairro*], que ele tenha saúde, que ele cresça sadio, que aprenda, tenha uma vida mais digna. Num é o fazê politicage de vereador, de político... Tem que ficá bem craro na cabeça, que ele cresça sadio, forte e tenha essa vida digna, tenha sua moradia, sua casa e assim mais.(morador 5)

Nossa transmissão de informações à comunidade, em alguns momentos foi importante para que esta cobrasse a prefeitura local, reivindicando maior atenção ao saneamento dos bairros:

(...) Não fui pressionar lá, mas muita gente foi (...) o Prefeito só deu em cima das costa de vocês, que foi pedido, que vocês tava fazendo uma coisa até boa pro bairro da gente. Vocês chega e faz uma pergunta pro cara aí - "como foi a nossa vinda aqui". Pra mim, já miorou, muita gente se aproveitou dessa boa-vontade de vocês - ter mostrado muita coisa boa aqui no município, que o Prefeito tava apagado, tava enterrado. Pegaro nas costa de vocês e muita gente canalizaro água em cima desse trabalho duro que vocês viero fazer aqui na cidade de Eldorado. Se vocês querem saber vão na casa de mais pessoa, faça esse trabalho bonito que vocês tão fazendo que vocês vão ver. (...) Pegaram a oportunidade que vocês viero aqui, pediro caixa pro Prefeito e todo mundo aqui ganhou mangueira, cimento.
(morador 3)

A interrupção do projeto levou a administração municipal a cessar o fornecimento de material para a comunidade que os reivindicou a partir da nossa atuação, o que foi visto como falha da universidade:

o que eu num gostei foi o negócio da fossa: porque a Unesp exprico pra nós como que era as fossa, né, mas, sobre saúde, mas o material tinha que vim da Prefeitura. Nós fomo falar na Prefeitura, falei com o vereador e falei com o prefeito, e recebi a mesma resposta que isso aí era por conta da Unesp. Então, quer dizer, que num ponto-de-vista, pra nós, a Unesp falhou um pouquinho.

Os ribeirinhos entenderam a nossa presença na região como geradora desta reivindicação, além de considerá-la como uma cobrança a esta administração:

Cloro tinha quando ceis tava aqui, é lógico vocês tava cutucando, como diz o outro, a gente ia lá e achava, mas depois disso... Eu mesmo, cada vez que eu vou procurar lá, eu num acho... (morador 7)

Consideraram o convênio com aquela administração como comprometedor da participação democrática da comunidade e do grupo na consecução dos objetivos:

Isso era uma coisa que só atende o lugar, mas sem apoio o povo fica prejudicado. A gente tava acostumado com as coisa depois o trabalho acaba, daí o povo fica prejudicado, num dero apoio. A não ser que a gente queira ir fazendo pela gente memo e num depender de Prefeitura. Isso aí é um apoio que num deveria ser convênio com prefeitura, deveria ser das famia, da diretora, dos pai das criança, porque daí ficaria melhor sem a Prefeitura. Porque daí ficam dando uma idéia, dando outra e aí em vez de ajeitar, estraga. Um convênio feito assim só vai dar política, por isso tem que fazer só com o povo. (morador 8)

Desejamos, com estas expressões, contribuir para que os sujeitos envolvidos nos projetos de extensão universitária ou de educação ambiental analisem os reflexos de sua prática em relação aos outros sujeitos, tendo aí, como referencial o movimento do auto e do alter na realidade em que tomam contato.

de cada sujeito envolvido em um processo educativo, considerando-a como viabilizadora de um intercâmbio de conhecimentos acadêmico e não-acadêmico promovidos nas suas realidades: seja no Vale do Ribeira ou em uma sala de aula.

CONCLUSÃO

A experiência pedagógica abordada neste estudo nos permite refletir sobre a existência de correlação entre a educação ambiental e a extensão universitária. O que poderiam ter em comum tais temas? Nossa vivência da atuação realizada no Campus Avançado nos permite convergir a discussão da extensão universitária ou da educação ambiental, para um ponto, como partes de um mesmo movimento: a educação.

Assim, demonstramos qual o processo educativo desencadeado na atuação de um grupo de universitários no Campus Avançado do Vale do Ribeira, através do desenvolvimento nesta região de um projeto ambiental. Desejamos expressar o movimento pedagógico descrito pelas interações entre os acadêmicos e a população, mediadas por tal proposta.

Concebemos a atuação no Campus Avançado como um espaço onde experienciamos o educativo nas relações entre o homem do ambiente da Universidade com aquele do ambiente do Vale do Ribeira. Dimensionamos a extensão universitária como um campo capaz de proporcionar um questionamento da forma de intervenção da Universidade na relação homem-ambiente, inserido em propostas de caráter ambientalista como a que desenvolvemos.

Intervimos neste contexto baseados no pressuposto de melhoria de qualidade de vida de população carente, miserável, inserida em um meio ambiente remanescente de um ecossistema - a Mata Atlântica - dizimado pela degradação ambiental (desmatamento, queimadas, monocultura, poluição dos recursos hídricos, por exemplo), dada à exploração econômica aí desenvolvida. Um pressuposto de melhoria segundo os nossos padrões, nossas lentes de observar o mundo.

À medida em que atuamos, questionamos este intento centrado nos nossos pontos-de-vista a partir da descoberta de que a transmissão de informação sobre a contaminação da água se contrapunha à problemática da luta pela terra que a comunidade vinha enfrentando diante da possibilidade de instalação de barragens naquela região. Estivemos frente a uma prioridade dos ribeirinhos - a posse da terra - e outra da Universidade - transmissão de informação. Criticamos esta diferença de olhar para a realidade de uma mesma região.

Portanto, consideramos o que relatamos - o questionamento do nosso pressuposto de melhoria - como um aprendizado, já que houve uma mudança da nossa postura inicial, rígida e reprodutora da proposta formulada pela coordenação para outra crítica, estruturada na flexibilidade de uma abordagem dos problemas ambientais de uma realidade de acordo com o conhecimento daqueles que a vivenciam. Nossa atuação centrada na preocupação com a contaminação dos recursos hídricos pelos moradores da região do Vale do Ribeira e o comprometimento de sua

saúde desencadeou o aparecimento de inúmeras indagações quanto ao nosso papel como universitários e interventores de uma realidade. Ilustramos o que experimentamos com tais indagações ao sentido dado por Japiassu (apud Pereira 1991) à dúvida na aprendizagem:

O gosto da incerteza e a dor íntima do desamparo frente a uma aprendizagem relativizante, incapaz de parâmetros absolutos, são fatores de saúde intelectual que não podem ser desprezados pela pedagogia científica.

Relacionamos, ainda, este aprendizado com as dúvidas do nosso intervir através da extensão universitária com a colocação feita por Lerer (1994), a qual aponta os problemas ambientais como um potencial para o enraizamento da universidade na sociedade.

Aprendemos com o diálogo nos momentos livres e informais - as caminhadas noturnas até a ponte do Ribeira (lá atirávamos desde pedras a decepções, de sonhos a conquistas). Repensando o sentido da nossa presença naquela região, o papel de cada um no grupo, o encontro do subjetivo com o intersubjetivo. O bom era retomado lá; aconchego da cidade e da casa proporcionando interação, afetividade (o sentir), a sensação de ampliação do tempo - "*lá, o tempo rendia*". Todos estes aspectos fluíam num estado prazeroso... estado educativo. Neste conjunto, a população sem rosto das nossas expectativas - no sentido impessoal - ganhava rosto expressivo - de comunidade - fonte do nosso aprendizado. Traços marcantes, olhares profundos que nos inqueriam sobre o nosso estar ali, ao mesmo tempo que emanavam receptividade. Criamos um

estado de comunicação, de “feedback” promovidos na nossa relação intragrupal e naquela com a comunidade - estado de vivificação da ação pedagógica em mutação, dúvida, auto-questionamento... aproximação:

Nosso envolvimento com os ribeirinhos ocorreu quando nos permitimos o desapego da posição de “professor”, “monitor”, emissor de informação para aquela de aprendiz de um novo mundo - o do Vale do Ribeira, das prioridades da população e da diferença do outro. Podemos ilustrar este desapegar quando nos reportamos à realização das peças teatrais, quando rejeitamos a rigidez dos papéis de transmissores de conhecimento em favor da expressão do que percebemos da realidade através de uma imagem especular, onde o povo se vê na linguagem, nos hábitos, na paisagem aí representados. Além disso, esta rejeição se manifesta no espetacular, naquilo que é grandioso, sublime, indicados pela interpretação de algumas personagens vinculadas ao fantástico (como o Super Cloro).

Nosso primeiro atrativo para participarmos das atividades de um Campus Avançado foi a imagem de contribuição e ajuda a uma “população pobre”, vítima da verminose. Oscilamos entre a compreensão da participação do intelectual em trabalhos comunitários como um indivíduo disposto para o sacrifício, dotado de poder messiânico e a de troca de conhecimentos - científico e popular - como assessoria à camada da população que não teve acesso ao ensino. Sendo que é enfatizada nesta assessoria um anseio de socialização do saber.

Houve uma mudança destes papéis, à medida que trocamos esta postura messiânica (de salvador) pela de aprendiz na intersubjetividade: os ribeirinhos nos ensinam a questionar nossa intervenção, o que aprendemos também nas relações intra-grupais. Estabelecemos um processo educativo onde tanto a comunidade como o grupo se tornaram ativos na aprendizagem do questionamento, criando uma aproximação.

No exercício da extensão - na atuação - vivenciamos dicotomias delineadas na noção de distância, ora inexistente ora minimizada “in locu”, mas, ampliada na sala de aula, no laboratório, na biblioteca, nos gabinetes administrativos, enfim no cotidiano universitário.

Transformamos os bairros da região do Campus Avançado na “nossa sala-de-aula”: aí se verifica um aprendizado na intersubjetividade dado no “Grupo do Vale” e na sua relação com os moradores, gerado no interrogar mútuo. Encontramo-nos todos juntos - universitários e ribeirinhos em um estranhamento: “quem era aquela gente, da onde vinha, o que queria?” - indagações comuns a sujeitos do mundo acadêmico e daquele não acadêmico, originadas no campo do auto e do alter. Um estranhamento que *Dauster (1989)* define como

além da simples surpresa face ao diferente, implicando na relevância de entender como os outros sujeitos percebem e ponderam sobre a sua realidade -

Os elementos discutidos até aqui - o aprendizado com a diferença do outro (da comunidade ou do grupo) e de suas realidades, de seus mundos contribuem para a compreensão do significado da Educação Ambiental no desenvolvimento do “Projeto Água”.

O agravamento da degradação ambiental, elemento comprometedor da vida das espécies no planeta, inclusive a humana, despertou a preocupação de vários segmentos da sociedade como os movimentos sociais e as instituições de ensino nas últimas três décadas. Neste contexto, a educação ambiental despontou como alternativa capaz de minimizar esta degradação, ocupando desde então, posição de evidência na sociedade atual.

Já a extensão universitária possuiu similarmente a sua época áurea de destaque. Époça em que o Governo Militar (1964) acaba incorporando o discurso de poder das camadas populares inserido nas reivindicações dos movimentos de esquerda, como o estudantil, sentindo-se por eles ameaçados, criou o Projeto Rondon, que, neste período, teve suas linhas de atuação determinadas em um encontro para debate do ensino superior, promovido pela Escola Superior de Guerra. A vontade dos jovens universitários de que os anseios populares fossem priorizados na administração do país, por exemplo, através de uma universidade mais atuante na sociedade é cooptada pelo Estado. É no Projeto Rondon que isto se dá, por meio de uma prestação de serviços - “integrar para não entregar” - às regiões carentes e distantes dos grandes centros urbanos pela universidade. (MONTEIRO, 1990)

Pereira (1991) nos chama a atenção para as intenções da ênfase dada à integração na área de educação pelo governo neste período: criar uma “sensação” de realização de um trabalho coletivo, na realidade, uma desarticulação de saberes.

Uma assistência que maquiou um desejo de dominação e controle das classes populares, bem como do segmento acadêmico brasileiros (MONTEIRO, 1990). Com a extinção do Projeto Rondon, em 1985, a extensão universitária não é mais ponto enfático no meio acadêmico como no período em que descrevemos.

Devido à cobrança da sociedade para que se manifeste diante da problemática ambiental, a Universidade inicia uma reflexão a respeito de uma discussão nascida nos movimentos populares. Aí, novamente nos deparamos com a cooptação, onde o “discurso verde”, originado nestes movimentos vem sendo incorporado pelo poder, chegando até aos domínios do ensino superior. Diante deste processo, a universidade, ao tratar dos danos ambientais, acaba definindo uma linha auxiliar dos interesses do Estado que a mantém e não da sociedade que a necessita (LERER, 1994).

Contextualizada a posição da Universidade quanto às suas respostas à sociedade, de sua função social, através do breve histórico até agora apresentado, podemos realizar um paralelo quanto à influência do poder no desenvolvimento do “Projeto Água”. Possível, desde que nos recordemos que sua proposição ocorreu a partir de uma cobrança da administração municipal conveniada à

universidade para que este acordo fosse colocado em prática. Desde então, durante o desenrolar do nosso projeto foi estabelecida uma parceria entre a universidade e esta administração em oposição a uma outra parceria - a do grupo dos estudantes e a população. A primeira parceria é determinada à medida que as atividades desenvolvidas na região do Campus Avançado procuraram satisfazer as solicitações de prestação de serviço da Prefeitura. Diante destes parâmetros, entendemos que mesmo havendo uma cooptação do tema meio ambiente, traduzida na proposta do coordenador que buscou atender as exigências do poder municipal, a segunda parceria (estudantes-moradores) nos mostra uma resistência a tal poder. Resistência definida pela própria crítica às premissas do “Projeto Água” ocorrida no momento da nossa atuação ou após seu término, já descrito anteriormente. É oportuno aqui o refletir de Lorer (1994) sobre estas ambigüidades:

A Universidade é compartimentada em blocos, paredes e relações de poder (...) Prensada de cima pelo Estado e de baixo pela sociedade, a Universidade acaba assumindo uma posição ambígua.

Apesar dos conflitos enfrentados pelos estudantes na relação com o coordenador e com a prefeitura, não desmerecemos o espaço de aprendizagem intersubjetiva proporcionada pela nossa participação em uma experiência de extensão universitária no âmbito do poder e do saber. Um aprender com o outro, seja aquele do meio acadêmico (alunos e coordenador), seja aquele da comunidade. Estes conflitos sinalizaram um aprendizado na crítica, crítica dos modelos de conhecimento e poder pré-estabelecidos, simbolizados aqui pela própria proposta do “Projeto Água” e pela política

universitária e municipal. Assim, a Educação gerada nestas instâncias permite: a ampliação dos campos de possibilidades nas experiências de poder: poder ensinar, poder pensar, agir, discutir.

Cada um de nós expressou uma alteração da visão da função social da universidade, do nosso papel como cidadãos. Experienciamos o que Pereira (1991) relaciona à vivência nas instâncias do poder:

no grupo, há possibilidade de que a cooperação supere a competição por intermédio do questionamento permanente sobre as relações de poder. Pereira

Cidadania enraizada neste aprendizado: todos os depoimentos afluíam uma preocupação com a interação dos nossos conhecimentos como cidadão, estabelecendo aí

(...) um processo educativo maior, sinalizado para a conquista ou reconquista da cidadania. É a nova "ponte" entre a sabedoria popular e a consciência técnico-científica. Um artifício e uma escadaria para se escapar da impotência e infertilidade da torre de marfim, e esgrimir no céu aberto do cotidiano (AB' SABER, 1991).

Abandonamos a postura de missionários extensionistas em contato com uma população carente, para criarmos uma massa de sujeitos "querentes": desejosos da mudança do sistema opressor - universidade, Vale do Ribeira, sociedade. Um conjunto de indivíduos de realidades diversas (profissionais liberais, lavradores, donas de casa, professores). No entanto as igualamos neste desejo de

transformação pela crítica, pela negação do que não nasce da nossa subjetividade, do que nos é imposto como sujeitos, porém é contestado e rejeitado na intersubjetividade.

Compreendemos a proposta do projeto “Água, suas Inter-relações e Educação Ambiental” - a melhoria de qualidade de vida - como uma maneira de equacionar as diversas peculiaridades dos sujeitos e de sua realidade segundo os nossos padrões de sanar. Criamos a partir deles fórmulas de “melhoria da qualidade de vida” deduzidas em algumas atividades do “Projeto Água”: desde o fornecimento de informações preventivas e frascos de cloro à distribuição de calçados e de técnicas para a implantação de hortas escolares. Esbarramos nossa fórmula nos hábitos dos ribeirinhos, acostumados a passar parte do seu dia roçando e não assistindo a aulas, palestras, a tomar água diretamente do rio, a andar descalço, a fazer hortas com técnicas passadas de pai para filho e não de estudante para ribeirinho. Cremos que as colocações de Rocha (1985) nos auxiliam a compreender este embate:

A sociedade do “eu” é a melhor, a superior... espaço da cultura e da civilização por excelência. É onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade do “outro” é atrasado. São os selvagens, os bárbaros. O selvagem é o que vem da floresta, da selva, que lembra, de alguma maneira, a vida animal. O “outro” é o “aquém” ou o “além”, nunca o “igual” ao “eu”. O etnocentrismo passa exatamente por um julgamento de valor da cultura do “outro” nos termos da cultura do grupo do “eu”.

Conforme valorizamos, no estabelecimento das parcerias grupo-comunidade, as prioridades da população (luta pela terra), demonstramos com isso o que Dauster (1989) concebe como

relativizar: o conhecimento do outro nos seus próprios termos, a partir do seu ponto de vista. Esta autora ainda nos fala da contribuição do “olhar relativizador” para o questionamento de valores, dos conhecimentos, dos modos, dos códigos dominantes e das atitudes etnocêntricas, além de considerá-lo como uma abertura para a desconstrução de estereótipos e percepções homogeneizadoras inseridos nas diferenças sociais.

À medida que percebemos as contradições da nossa atuação elaboramos um conceito de Educação Ambiental centrado na alteridade, no conhecer da realidade do outro. Sensibilizamo-nos com a nossa experiência pela prioridade de conhecer as realidades dos ambientes diferentes do nosso, fazendo do melhorar algo brotado na interação de conhecimento possível entre sujeitos inseridos em ambientes externos ou internos aos muros da Universidade

Transitamos entre o campo circunscrito na tecnologia - no significado singular, imutável - aquele das Ciências Biológicas, das Ciências Agronômicas, da Medicina Humana, da Química - e aquele da Educação - tecido nas simbologias, nas interpretações plurais do humano. Pluralidade que enxergamos na temática das barragens. Anteriormente nosso primeira atenção se resumiu à preocupação com o comprometimento do ecossistema da região diante da possibilidade da construção destas represas. Porém, ampliamos estes limites da visão do tema do meio ambiente somente pelo verde - aprendendo a conceber o lado social deste tema. Traduzimos este lado como os danos que tal construção causaria também à população

local que estaria desabrigada. Nesta fase, esboçamos uma associação entre o ecológico e o social.

Estabelecemos uma interação grupal e entendimento mútuo, o que nos possibilitou expressar uma cosmovisão alicerçada em um compromisso social nas diversas especialidades a áreas que pertencemos (Ciências Biológicas, Ciências Agrônômicas, Medicina Humana).

Deixamos, no desenvolvimento do “Projeto Água”, tanto a antiga noção de avançar, no sentido de estender os conhecimentos a sujeitos desprovidos deles como aquela de integrá-los aos nossos padrões de observar o mundo, interagindo conflitos e questionamento. Acreditamos que com este aprendizado que conquistamos na extensão universitária, iniciamos a formação de uma concepção de Educação Ambiental que clama pelo relativizar:

Para atingir seus objetivos, a Educação Ambiental (...) exige uma sensibilidade especial para as coisas da natureza e a melhoria da estrutura da sociedade. Logo, carece de um certo conhecimento articulado sobre a região que serve de suporte, para homens-habitantes, homens-produtores (...) É impossível consolidar um corolário de Educação Ambiental exclusivamente em atendendo à escala planetária ou à escala nacional. Pelo contrário, ele envolve todas as escalas. Começa em casa. Atinge a rua e a praça. Engloba o bairro. Abrange a cidade ou a Metrópole. Ultrapassa as periferias. Repensa os destinos dos bolsões de pobreza. Penetra na intimidade dos espaços ditos “opressores”. Atinge as peculiaridades e diversidades regionais. Para só, depois, integrar em mosaico, os espaços nacionais. E, assim colaborar com os diferentes níveis de sanidade exigidas pela escala planetária (...) (AB’ SABER, 1991).

Encontramo-nos, portanto, com o auto - sujeito em si mesmo - se deparando com o alter - o outro. Entendemos as representações sobre o alter como partes tanto deste campo de indagações como do caminhar paralelo. Quando nos integramos descrevemos um etnocentrismo, quando interagimos fomos capazes de relativizar. Mencionados o etnocentrismo e a relativização, compartilhamos dos conceitos de Rocha (1985), onde:

O etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é existência. (...) No plano intelectual, visto como a dificuldade de pensarmos a diferença e no plano afetivo, sentimentos de estranheza, medo, hostilidade.

A relativização se opõe ao etnocentrismo. As verdades da vida são encaradas como uma questão de posição, um ato visto no contexto em que acontece, há compreensão do "outro" nos seus próprios valores e não nos nossos, o ver as coisas do mundo como relação entre elas. A verdade está mais no olhar do que naquilo que é olhado - relativizar - não transformar a diferença em hierarquia, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença.

Ao nos integrarmos colocamos lado a lado nossos conhecimentos subjetivos: por exemplo, o conhecimento tecnológico (científico) do qual somos dotados como acadêmicos, se dispõe paralelamente a aquele do ribeirinho (o conhecimento popular) mesma.

(...) Ao outro negamos aquele mínimo de autonomia necessária para falar de si mesmo. (...) O "outro" e sua cultura, da qual falamos na nossa sociedade, são apenas uma representação, uma imagem distorcida que é manipulada como bem entendemos(...) Aqueles que são diferentes do grupo do eu - os diversos "outros" deste mundo - por não poderem dizer algo de si mesmos, acabam representados pela ótica etnocêntrica e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados momentos. (...) (ROCHA, 1985)

Ultrapassamos a justaposição a que nos referimos há pouco através do questionamento das nossas representações de identidade e de atitude subjetivas nas dimensões do auto e do alter. Geramos tal questionamento através da interação das nossas experiências, íntimas ou extrínsecas à atuação no Campus Avançado. Sendo possível refletirmos sobre o auto através do alter, aprendendo com esta reflexão.

Consideramos a negação da postura etnocêntrica como sinalização de uma aprendizagem - onde houve mudança de um padrão de cosmovisão em si mesmo - bloco monolítico - sensibilizado pelo estranhamento do alter, intercambiando a partir daí conhecimentos centrados em pontos-de-vista diversos sobre uma mesma realidade - aquela do Vale do Ribeira.

O espaço-tempo Vale nos proporcionou um entendimento do significado da relação entre os integrantes do grupo, bem como deles com a comunidade. Mencionaremos primeiramente a primeira relação, para posteriormente nos atermos àquela da equipe com os ribeirinhos, quando será oportuno introduzirmos nossa concepção de comunidade.

No Capítulo I, caracterizamos a origem do “Projeto Água”, dimensionando-o na proposta de extensão universitária da Unesp. Pudemos com isso realizar um paralelo entre a origem deste projeto e as bases históricas da extensão universitária. Tal paralelo nos auxiliou a contextualizar

No capítulo II, justificamos nosso processo educativo através da intersubjetividade, o terreno pedagógico da relação de um sujeito com o outro como terreno.

Pudemos, então, introduzir o Capítulo III, onde desenvolvemos o propósito do nosso estudo, expressando, assim o perfil deste aprendizado. A seguir, expomos o que refletimos ao longo deste capítulo.

Os relatos das expectativas do coordenador e dos estudantes revelaram suas representações quanto aos ribeirinhos. Tais relatos contribuíram para que pudéssemos verificar como tais representações se desenvolveram ao longo do “Projeto Água”. Consideramos, portanto, a extensão universitária como espaço de aprendizado, à medida que sua prática nos proporcionou uma

mudança das representações dos estudantes em relação à sua concepção de ensino-aprendizagem. Diante do embate entre as parcerias- estudantes-população e coordenador-administração municipal, fomos levados a tomar ciência de que a relação entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem extra-escolar que vivenciamos tomou dimensões diferentes daqueles do nosso mundo interno da universidade. Neste último, a que nos vinculamos, as relações entre o professor e o aluno, o pesquisador e o objeto de pesquisa são estáveis, passíveis de controle técnico. Assim, aquelas relações no âmbito extra-escolar que delineamos no “Projeto Água” fugiram deste tipo de controle que nos habituamos pelo seu estado de conflito, tensões, imprevisibilidade - “difícil trabalhar com gente” - nos dissemos muitas vezes nas nossas reuniões ou em meio ao trabalho de campo. Desta forma, enxergamos os conflitos vividos aí como um estímulo para que repensemos as relações ensino-pesquisa-extensão nas salas de aula e nos laboratórios, trazendo-os para o seu interior. Verificamos que este processo de mutação que os sujeitos as submeteram através da intersubjetividade denunciou o que aprendemos com a a experiência de extensão universitária. Detalhamos este processo na apresentação a seguir.

Percebemos que houve uma inversão de papéis. De meros receptores de informação, os ribeirinhos passaram a agentes do questionamento da postura do grupo. Esta alteração na representação dos estudantes quanto aos ribeirinhos ocorreu conforme os universitários foram indagados pelos segundos quanto à origem e objetivos de sua atuação. A problemática das barragens enfrentada pela população - sua prioridade, naquele momento,

desencadeou esta modificação da imagem do ribeirinho. Portanto, na experiência da extensão universitária, fomos sensibilizados pela diferença do alter no processo da aprendizagem: a nossa prioridade - ensinar sobre a contaminação da água - diferiu daquela dos moradores do Vale do Ribeira.

Concebemos, face ao que constatamos até agora, os participantes do “Projeto Água” não mais como extensionistas - aqueles que estenderam o seu conhecimento a moradores que não o possuíam. Mas como sujeitos receptivos a estabelecer um canal de aprendizagem mútua, viabilizado na interação entre eles e outros sujeitos inseridos em um mundo diverso do seu - a realidade não acadêmica. Esta reciprocidade do aprender que mencionamos se referiu tanto à contribuição do grupo, como da população.

Quanto ao coordenador, sua presença igualmente foi importante no nosso processo educativo, pois além de nos proporcionar um espaço para geração deste processo, pela sua iniciativa de proposta do “Projeto Água”, nos mostrou no desenrolar do projeto, os entraves políticos envolvidos na prática pedagógica. Isso ocorreu à medida que esta coordenação procurou satisfazer os propósitos da administração municipal. devido às instâncias do Convênio que já discutimos. Estas se definiram pela prestação de serviço da universidade em troca de parte de subsídio material (acomodação, transporte, alimentação), o que gerou o comprometimento de maior liberdade para priorizar os propósitos do projeto, segundo as diretrizes da população e do grupo de estudantes.

Tal comprometimento nos proporcionou levantar algumas questões quanto à própria autonomia universitária na sociedade atual. Para tanto, fizemos uma retrospectiva da posição dos sujeitos neste acordo. Entendemos que o Convênio firmado entre a universidade e a administração municipal - onde a proposta do "Projeto Água" se inseriu - se desdobrou em duas parcerias: uma, entre o coordenador do "Projeto Água" e esta administração; e outra, entre os estudantes e a população. Contextualizamos o processo educativo caracterizado nesta conclusão no âmbito destas parcerias. Desejamos, com esta colocação, propor uma reflexão quanto ao significado pedagógico dos desdobramentos dos projetos de parceria entre a universidade e a sociedade como o que citamos.

Nossa transformação em aprendizes nos levou a experienciar a Educação que procuramos definir nesta conclusão: um início da transposição de limites de nossa formação acadêmica na área das Ciências Biológicas para aquela da Educação. Viabilizamos este percurso pela prática da extensão universitária e da educação ambiental. Portanto, pelo que abordamos até aqui, acreditamos que nosso aprendizado é indissociável: convergem para a área da Educação em si. Nela, a experiência pedagógica da intersubjetividade entre o auto e o alter, que demonstramos, equacionam a extensão universitária e o tema do meio ambiente.

No capítulo III, apresentamos o nosso percurso de extensionistas a aprendizes. Partimos de uma concepção prévia de extensão universitária e de educação ambiental construída na transmissão de um conteúdo - a contaminação da água.

Determinamos, portanto, a nossa abordagem daquela realidade anteriormente à ida para a região do Campus Avançado. Neste sentido, fomos extensionistas, detentores dos rumos do processo educativo.

No entanto, a problemática das barragens, que tomamos conhecimento na nossa primeira atuação, nos fez elaborar um outro conceito, no qual alicerçamos o ponto de partida do desenvolvimento da nossa proposta educativa (de extensão universitária e de educação ambiental) nos interesses da comunidade. Encaramos tal ponto de partida como um catalisador da troca de conhecimentos acadêmico e não-acadêmico. Porém, no momento em que elaboramos este nosso conceito, os entraves políticos existentes no convênio entre a universidade e a administração municipal da região onde atuamos não permitiram que o colocássemos em prática. Apenas insistimos para que isto ocorresse junto à nossa coordenação, desencadeando um conflito entre esta e os universitários.

Pretendíamos, assim, dar ao “Projeto Água” uma orientação do processo educativo sedimentada nos interesses da comunidade (representada aí pela sua preocupação com a perda de moradia gerada pela possível instalação de barragens). Porém, tais interesses não corresponderam àquele da administração municipal conveniada com a nossa universidade. Diante disso, nossa coordenação voltou nossas atividades para aquelas correspondentes aos anseios desta administração, visto que, desagrandando-a nosso projeto seria interrompido.

Cedemos a este comprometimento político, mesmo contrariados em nossa concepção do processo educativo instaurado na troca de conhecimentos. Desta forma, continuamos a desenvolver o “Projeto Água” segundo os moldes da administração municipal, permanecendo no “Grupo do Vale” pelo vínculo afetivo que criamos entre os componentes do grupo e a população. Justificamos este vínculo pela nossa valorização da extensão universitária como um campo distinto do ensino e da pesquisa que nos habituamos, conforme atribuímos a ele um meio que estimulou a nossa cooperação, a nossa solidariedade, a nossa disponibilidade em conhecer uma cultura diferente a que nos enquadrámos (aquela dos ribeirinhos).

Além disso, identificamos as atividades desempenhadas neste período de permanência na equipe, após um direcionamento do projeto que nos desagradou, como assistencialistas (a Campanha do Calçado e as hortas escolares, por exemplo). Mas percebemos em nossos depoimentos uma crítica a esta prática assistencialista e compassiva com relação à comunidade. Desdobramos tal crítica em uma busca pela troca de conhecimento nas nossas atividades acadêmicas atuais após o término deste projeto - uma busca gerada nas marcas que a aprendizagem do “Projeto Água” nos deixou. Retomamos, assim, nossa concepção educativa inicial, que mesmo não colocada em prática na atuação no campus avançado, tornou-se diretriz da nossa formação pessoal e profissional. Descartamos a idéia de estender, abraçamos agora a de aprender no intercâmbio de conhecimentos: de extensionistas a aprendizes.

Descrevemos nesta exposição, uma aprendizagem afluída do convívio do auto com o alter, os quais desencadearam o intercâmbio de suas experiências, permeado pelas instâncias do poder e do saber nos conflitos e tensões da intersubjetividade.

BIBLIOGRAFIA

- AB' SABER, A.N. (Re)conceituando Educação Ambiental. São Paulo: CNPq/MAST, 1991.
- ALMEIDA, M. Z. C. M. Extensão universitária: uma terceira função. Campinas: UNICAMP, 1991. 200 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- ALVES, R. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo: Cortez, 1981
- _____ A alegria de ensinar. São Paulo: Ars Poética, 1994.
- ANDRADE, M. A segunda geração de novos sujeitos sociais no campo. Campinas: Faculdade de Educação, Unicamp, 1993. 16 p..
- AROUCA, L. S. Educação extra-escolar e a realidade brasileira (política governamental para a formação de recursos humanos). São Paulo: PUC, 1983. 439 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontífice Universidade Católica, 1983.
- BARREIRO, J. Educação popular e processo de conscientização. Petrópolis: Vozes, 1980.

BRANDÃO, C. R. O que é educação? 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 116 p.

_____. Pesquisa participante. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 211p.

_____. Lutar com a palavra. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 186 p.

_____. A educação como cultura. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 195 p.

_____. Repensando a pesquisa participante. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 252p.

CREMA, R. Introdução à Visão Holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus, 1989. p. 89.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências sociais e humanas. São Paulo: Cortez, 1991.

DAUSTER, T. Relativização e educação: usos da antropologia na educação. Rio de Janeiro: Pontífice Universidade Católica, 1989. 15 p.

DEMARTINNI, Z. Observações sociológicas sobre um tema controverso: população rural e educação em São Paulo. Tese de Doutorado. Depto. de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP/SP, 1979.

FAZENDA, I. (org.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

FAGUNDES, J. O compromisso social da universidade medido pela extensão. Educação Brasileira, Brasília, n. 17, p. 105 , 1986.

FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, P. Extensão ou Comunicação? 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 75 p.

GARCIA, P. B. Educação popular: algumas reflexões em torno do saber. In: BRANDÃO, C. R. A questão política da educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 90-109.

GARRIDO, S. D. V. ; CÉSAR, C. M. A questão da educação e da identidade segundo Paul Ricoeur. Trajetos, Campinas, n. 1, 1994.

GUATARRI, F. As três ecologias. Campinas: Papirus, 1990. 56 p.

- LERER, D. (comp). Ciência, tecnologia e meio ambiente: a universidade na educação ambiental. Cadernos do III Fórum de Educação Ambiental, São Paulo, n. 1, 1994.
- LIMA, L. O. Mutações em educação segundo McLuhan. São Paulo: Vozes, 1979
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. EPU, 1986.99 p.
- MONTEIRO, R. C. CACS (Campus Avançado de Cruzeiro do Sul): uma análise crítica. Campinas: UNICAMP, 1990. 211 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1990.
- MORAIS, J. F. R. Sobre a questão das extensões universitárias. Proposições, Campinas, n.4, 1991, p. 59.
- _____. Universidade: seus desafios neste final de século. Proposições, Campinas, v. 3, n. 2, p. 51- 65, 1992.
- MOSCOVICI, S. Prefácio. In: JOVCHELOVITCH, S, GUARESCHI, P. (orgs) Textos em representações sociais. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 7.
- PEREIRA, M. C. I; LEITE, M. T. M; CAVOUR, R. M. A. A interdisciplinaridade no fazer pedagógico. Educação e Sociedade, Campinas, n. 39, p. 286-296, 1991.

- PEREIRA, E. M. A. Universidade: uma questão de identidade. Proposições, Campinas, v. 5, n.2, 1994.
- POSEY, D. A etnobiologia: teoria e prática, in RIBEIRO, B. (coord.). Etnobiologia. Suma etnológica brasileira, FINEP. Petrópolis: 1986.
- ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Cadernos de Subjetividade, (s.n.t.)
- ROCHA, E. P. G. O que é etnocentrismo. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- SÃO PAULO. CESP. Aproveitamento hidroelétrico do Rio Ribeira. Relatório de impacto ambiental. Mar. 1992a.
- _____. Secretaria da Educação. Secretaria . Programa de Educação Ambiental do Vale do Ribeira. 2. ed. São Paulo. 1992b.
- SAVIANI, D. Escola e democracia. 2. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 1992. 104 p.
- SOBRINHO, J. D. Autonomia universitária. Proposições, Campinas, v. 4, n. 2, p. 53-59, 1993.

FOTOS

Fotos:

- 1 - Visão do Rio Ribeira do Bairro de Ivaporunduva. Também vegetação típica de Mata Atlântica, entrecortada pela prática da monocultura da banana, difundida em toda região do Vale do Ribeira.
- 2 - Vista parcial da cidade de Eldorado, na região urbana, margeada pelo Rio Ribeira. Ainda, ao fundo, as formações montanhosas típicas do local, as quais indicam a presença de inúmeras cavernas aí encontradas.
- 3 - Um integrante do nosso grupo esperando, junto de um ribeirinho, um canoero para realizar a travessia do Rio Ribeira. A canoa é um meio de transporte típico da região, amplamente irrigada por rios. Ao fundo, o Bairro de Ivaporunduva e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída na época dos quilombos, indicando este bairro como um de seus remanescentes.
- 4 - Moradora utilizando-se do rio para lavar os utensílios domésticos.
- 5 - Estagiária realizando coleta de água para análise laboratorial.
- 6 - Verme encontrado em um dos esgotos a céu aberto.
- 7 e 8 - Crianças da região. Estas foram as meninas que olhamos no momento das nossas indagações quanto aos rumos do projeto.
- 9 - Um momento da realização do diagnóstico social na casa de uma moradora. São desta senhora, as falas sobre o nosso vínculo com a construção das barragens, na página 79. Abaixada, ao centro, a autora desta dissertação e integrante do “Grupo do Vale”.
- 10 - Ribeirinho observa, no interior de sua casa, a orientação de um integrante do grupo quanto à cloração da água.
- 11 - O “Grupo do Vale” realizando a travessia do Rio Ribeira para atuação em um dos bairros.

- 12 - O "Grupo do Vale" no primeiro dia de chegada a Eldorado, ao fundo a casa, sede do Campus Avançado.
- 13 - As famílias de do Bairro de André Lopes vêem o grupo e as crianças dali encenando.
14. Integrantes do grupo realizando coleta de solo para análise em função da realização das hortas escolares.
15. Integrantes do grupo realizando o "diagnóstico social".
- 16- Uma das palestras realizadas no Centro Comunitário de Eldorado.
- 17 - Grupo de mulheres do Bairro de Ivaporunduva participando de uma atividade com uso de argila.
- 18 - Exposição dos trabalhos artesanais realizados, os quais retrataram elementos do cotidiano destas mulheres: dos utensílios domésticos ao meio de transporte mais comum na região - a canoa (objeto à direita, ao centro).
- 19 - Adultos se interessaram pelas atividades de desenho que propomos às crianças.
- 20 - Crianças da região realizando o que chamavam de "pedágio" na entrada da Caverna do Diabo. Neste momento, pediam uma contribuição aos visitantes.
21. Mãe e filhas no Bairro de Ivaporunduva trabalhando no "tráfego"- utilizado para produzir farinha de mandioca.
22. Um dos jornais do Bairro de Ivaporunduva contra a construção das barragens e a presença de aviões que averigüavam a região para tal construção.
- 23 - Exterior da antiga sede do Campus Avançado da Unesp no Vale do Ribeira.
- 24 e 25. Interior desta antiga sede.
- 26 - Casa onde a equipe do "Projeto Água" se instalou. Atualmente aí funciona um consultório médico municipal.

(1)



(2)



(3)



(4)



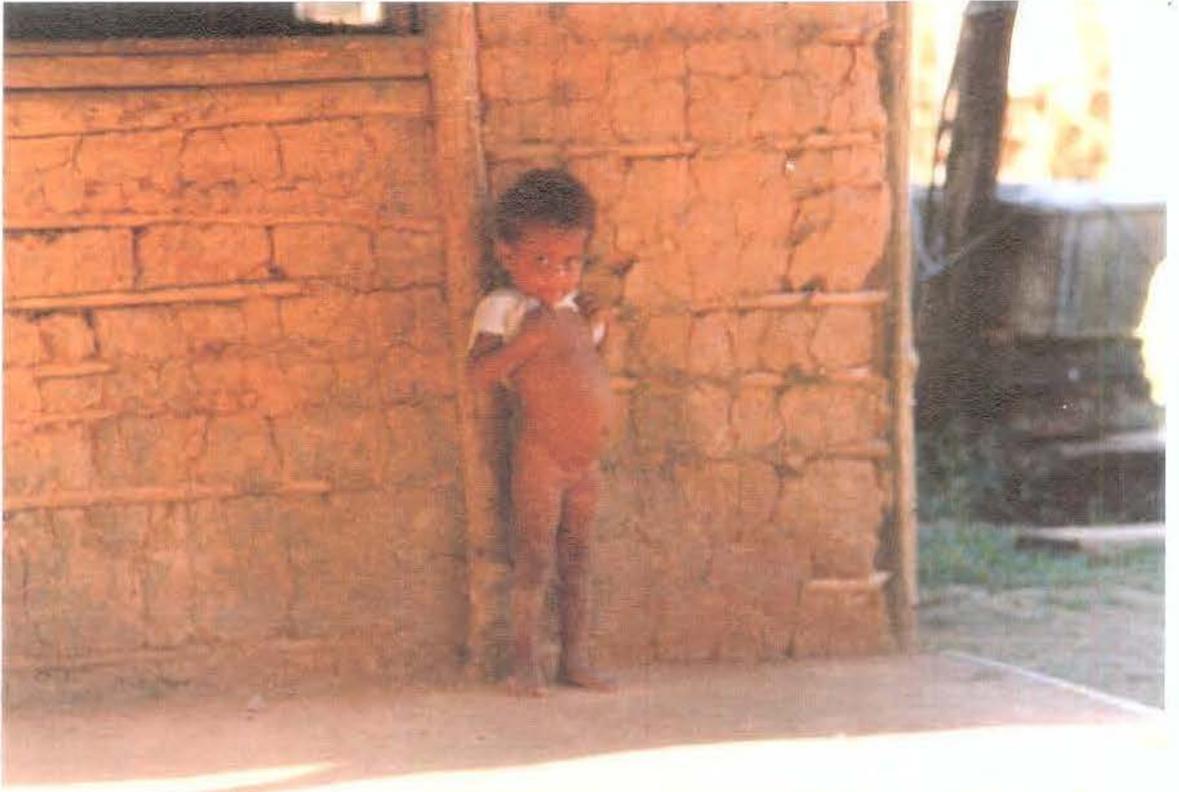
(5)



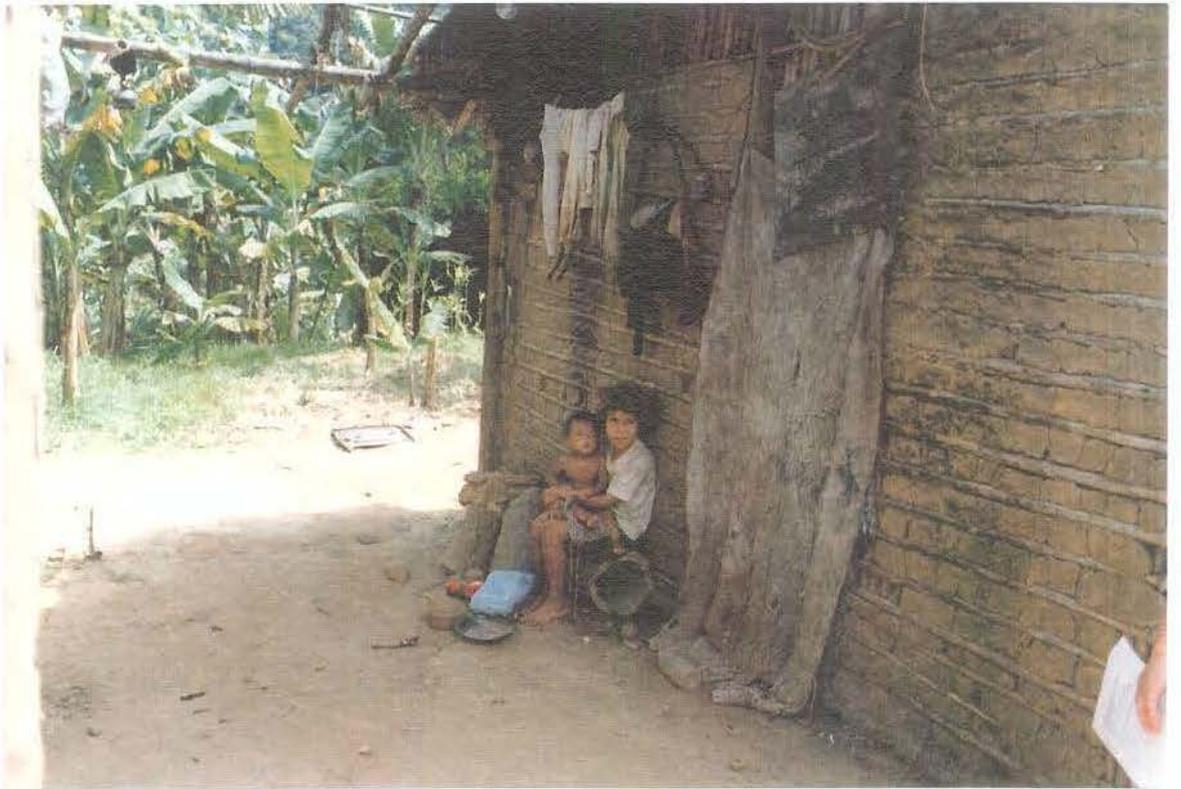
(6)



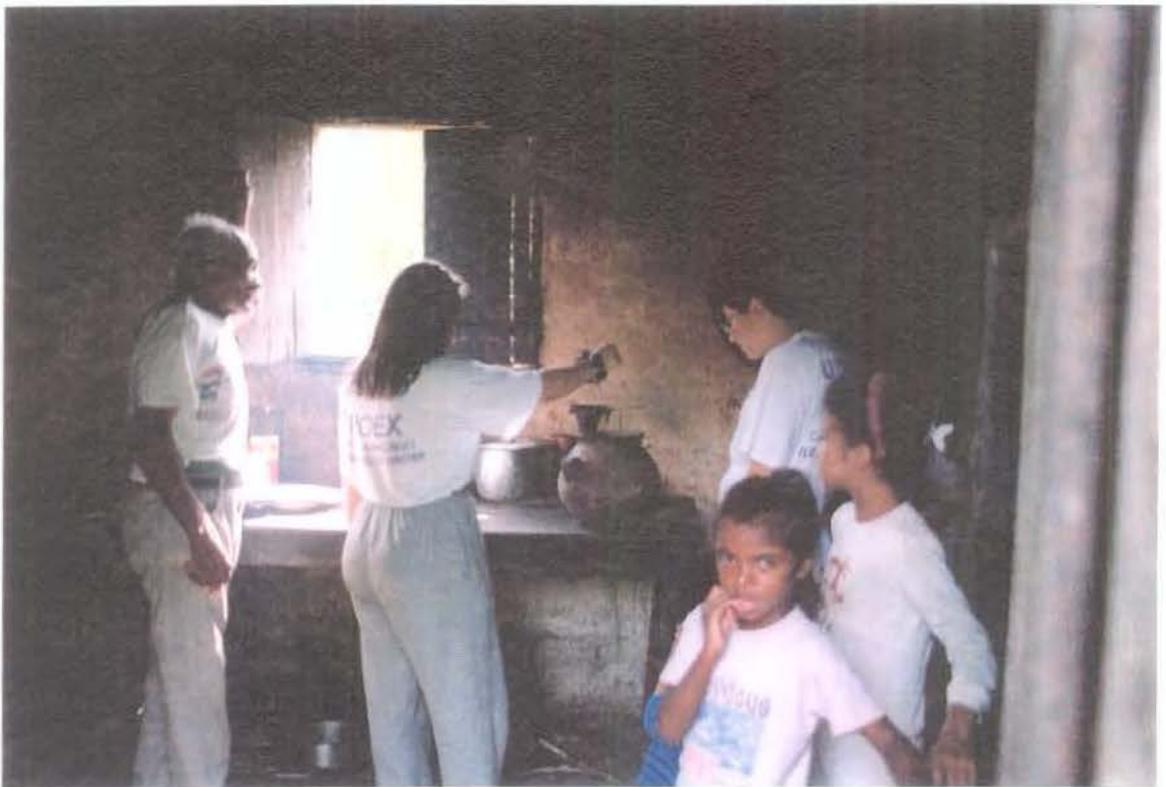
(7)



(8)







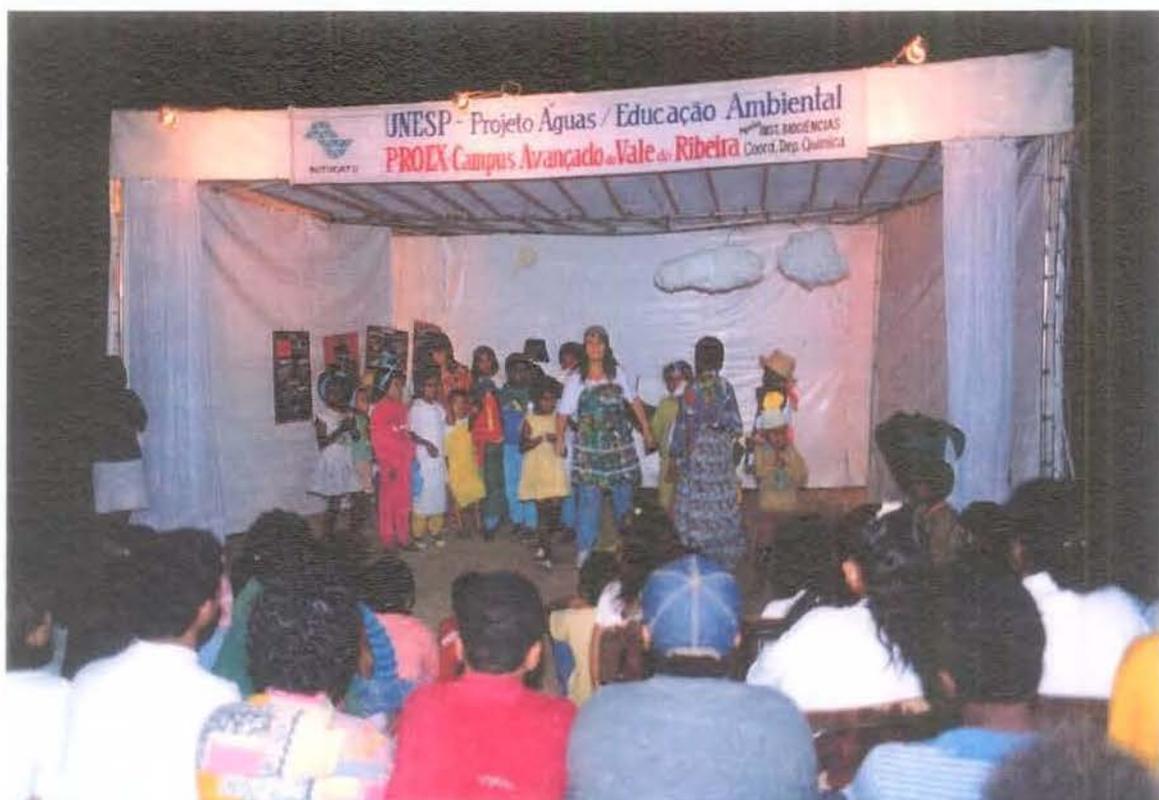
(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



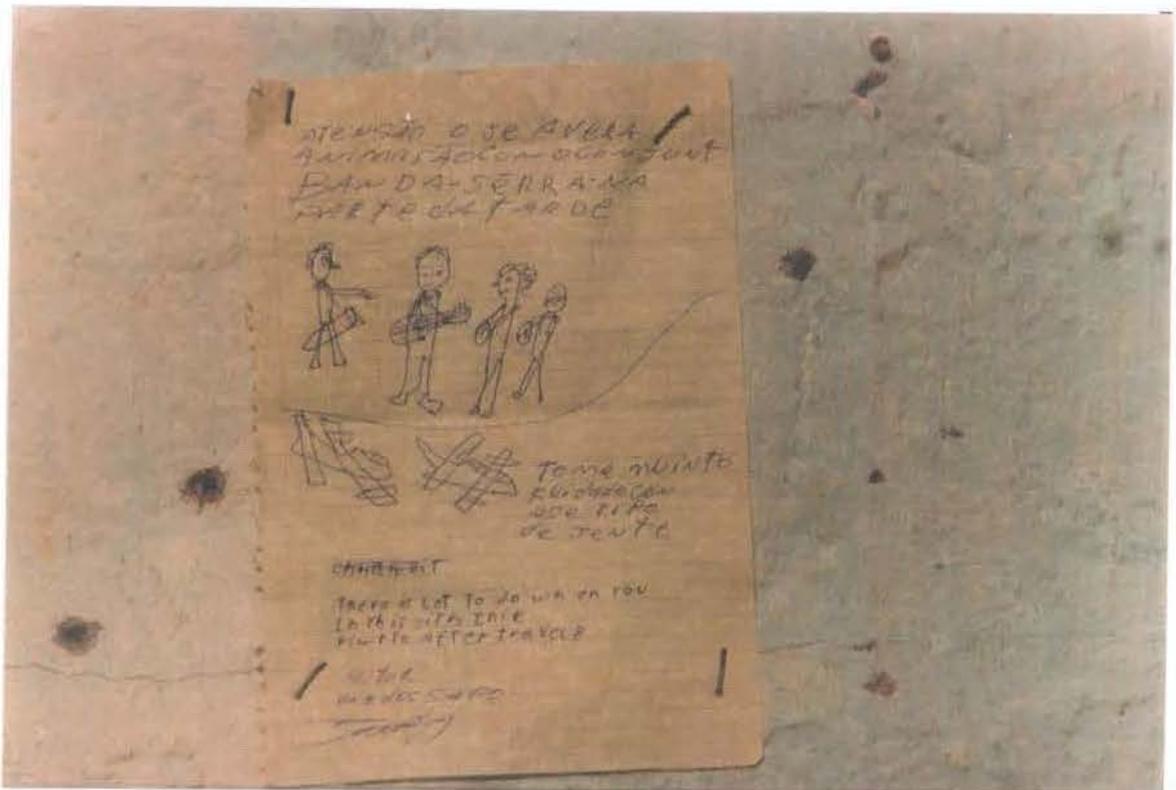
(20)



(21)



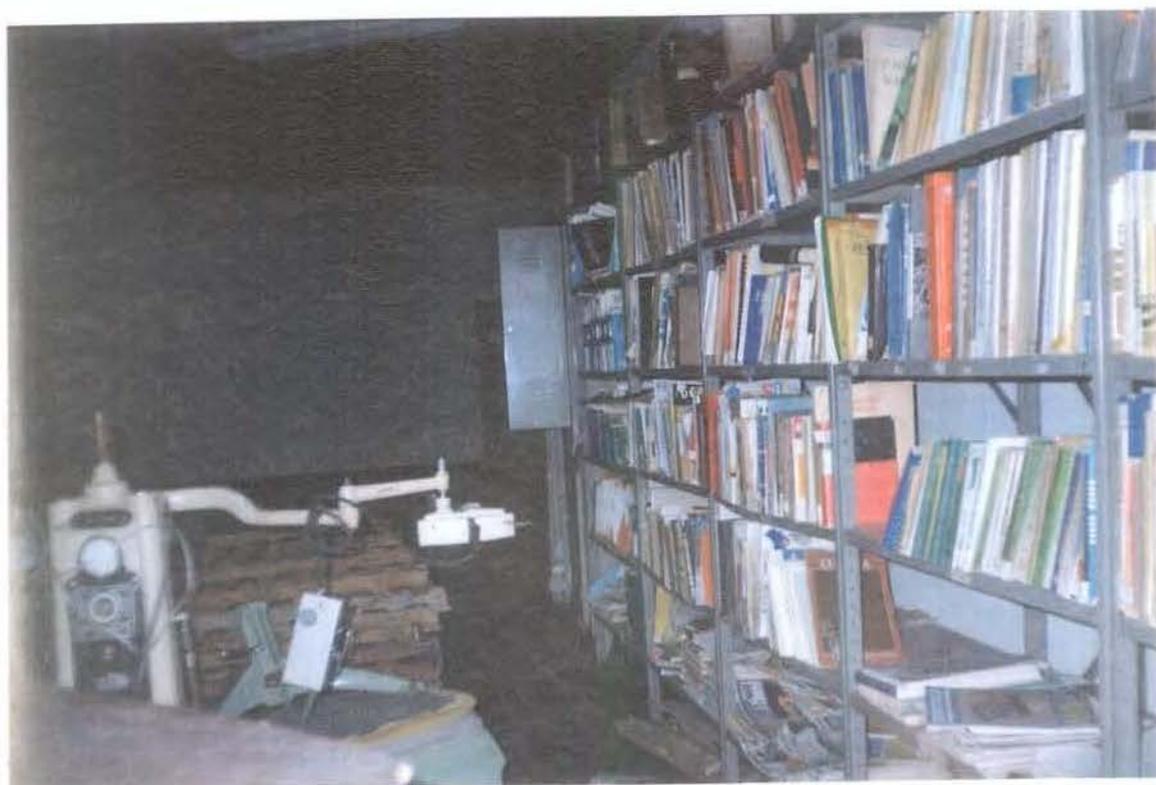
(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



ANEXOS

ANEXO 1

ANA MARGARIDA THEODORO CAMINHAS

MEMORIAL

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
1995**

Quando entrei para o curso de Biologia na Unesp de Botucatu, já tinha definido uma coisa: queria ser “professora de biologia”. Essa vontade tinha surgido desde a época da 7a. série, quando participava de uma atividade solicitada pela minha professora de ciências: cada aluno deveria apresentar sua pesquisa para os colegas da sala e de outras salas. Aquilo pra mim não sei explicar bem, era uma alegria - só sei, que falar para outros alunos sobre a minha “Sociedade de Formigas” (o meu tema de pesquisa) explicando como aqueles insetos se organizavam me empolgava, gostava de falar alto as definições: *“sociedade é uma associação entre animais da mesma espécie na qual cada indivíduo tem uma tarefa a cumprir...”* - essa frase ficou na minha cabeça...

Tinha esquematizado os recortes de revista, os desenhos que havia feito em um cartaz e em cada momento que ia “dar a minha aula” fixá-lo na lousa era uma espécie de “o show vai começar” - não num sentido esnobe de que minha “aula” fosse um espetáculo magnífico, mas uma preparação para um momento especial, aonde poderia me expressar para outras pessoas diferentes de mim, me dava uma coisa engraçada, uma emoção.

Assim, levei essa vontade de ensinar para o meu curso de Biologia. No entanto, logo no primeiro ano fui descobrindo que pra trabalhar com educação não precisava ser professora, estar dentro da sala. Quando estava com meus amigos do centro acadêmico aprendíamos juntos, tínhamos prazer em discutir o nosso curso, a universidade, os nossos sonhos. Percebi então que educação é interação entre pessoas que estão exprimindo suas vontades, seus

sonhos, suas decepções... É compartilhar algo com alguém, é um ato de comunicação - aquele "tornar comum uma experiência".

Então, minha idéia sobre educação ia sendo construída: ia associando novas descobertas e com isso, me autoquestionava, queria saber como é que eu poderia trabalhar com pessoas que não estavam na universidade, na escola. Enquanto tinha que memorizar os nomes científicos, as famílias dos vegetais, nas minhas aulas de Sistemática Vegetal, olhava da janela da sala e via o jardineiro que sabia o que era e não era bom para que suas plantas simplesmente crescessem... Sabia o que fazia bem para as rosas e os hibiscos ou para as "rosáceas" e "malváceas", como as classificava naquele momento o livro de Sistemática Vegetal. Também percebia outros cenários: de onde assistia as aulas da minha licenciatura e fazia estágio - do Departamento de Educação - podia ver parte de uma ferrovia e depois dela, casas de pessoas que moram no Distrito de Rubião Júnior, onde se localiza o campus da universidade em que fiz meu curso de graduação. Quando olhava para aquela linha de trem e aquelas casas, aquilo tudo tinha um significado simbólico para mim: era como se a universidade fosse até aquela linha e não chegasse até seus moradores, como se houvesse uma fronteira de mundos: aqui é a Universidade , lá é a População.

Todas essas inquietações que vinham ocorrendo me aproximavam cada vez mais da Educação, sabia que poderia encontrar algumas respostas através dela, já que tinha sido Ela mesma que havia me levado a fazer a Biologia, a entrar para a universidade. Diante disso, resolvi prestar o mestrado na Faculdade

de Educação da Unicamp. Quando lia as linhas de pesquisa dessa faculdade, delirava, percebia que tudo aquilo que eu sentia poderia ser racionalizado, poderia ser pesquisado, ou seja, havia uma forma, através da pesquisa, em que eu poderia associar aquela minha vontade de trabalhar com a população com a minha formação profissional/ acadêmica.

Considerarei todas essas possibilidades, me entusiasmei e elaborei o meu projeto de mestrado, que em linhas gerais, objetivava indagar sobre o processo educativo gerado na relação dos movimentos sociais com a questão ambiental. A partir desse tema, poderia participar destes movimentos com a minha formação da Biologia e da Educação. Se antes, era levada para a Biologia pela Educação, agora, a situação se invertia: era levada para a Educação pela Biologia. Fui aprovada. Começava uma nova etapa, novos professores, novas salas de aula, outros amigos, outras paisagens...outra universidade, outros questionamentos sobre Ela - a Educação.

No momento da minha aprovação no mestrado, no segundo semestre de 1993, como recém-formada, estava participando do trabalho de extensão universitária com o grupo da Unesp de Botucatu no Campus Avançado no Vale do Ribeira, já que começaria a cursar o mestrado apenas no próximo ano, 1994. Nesse espaço de tempo, enquanto estava na expectativa de iniciar a pós-graduação, me envolvia cada vez mais com o que estávamos desenvolvendo no Vale, com a população, com o grupo. Todo este envolvimento me distanciava um pouco do tema de pesquisa que havia proposto para

ingresso no mestrado (a relação entre os movimentos sociais e a questão ambiental). Nascia, assim, meu novo projeto para o mestrado: que educação vinha sido gerada nas relações vividas por uma equipe de extensão universitária.

Atravessar de canoa, passar para outra margem do rio, lá estava a

Comunidade, a história viva... sentia no ar um espírito de luta, da luta dos escravos, da luta das pessoas que trabalham com as populações pobres. A liberdade, a coragem, estava tudo ali, passado e presente. Mas sentia também um clima de invasão, de domesticação, de catequização. Quem eram aqueles que chegavam? “Civilizados” da cultura universitária em contato com um “povo que bebia água contaminada, morava em casa de pau-a-pique e andava descalço”? Mas os “civilizados” talvez percebessem que alguma coisa não estava bem. Talvez, recitar os “versículos” da cartilha do saneamento para o povo do Vale do Ribeira não era suficiente para que eles alcançassem o Nosso Paraíso era muito pouco... Começavam a aparecer as dúvidas na cabeça dos “catecistas” - “eles querem o Paraíso?”, “essa educação pode contribuir pra fazer com que eles lutem contra as injustiças sociais?” Logo nas primeiras aulas, a iniciante nas “ciências sociais aplicadas à educação” imaginava, perguntava, quanta dúvida - “será, será, será?”.

Durante os momentos em que realizava minha pesquisa junto ao grupo, vivia a realidade de três locais diferentes: a universidade onde me graduei - a Unesp, a nova universidade - a Unicamp e o Vale do Ribeira. Entre disciplinas da pós-graduação na

Unicamp e as viagens para o Vale do Ribeira com o pessoal de Botucatu, procurava passar o que aprendia para outros apaixonados pela Educação. Lembro-me direitinho das nossas reuniões em Botucatu, quando abria a minha pasta “estufada” com textos de Educação Popular... e saíamos de lá cheios de sonhos, às vezes desanimados com a nossa coordenação, com a Prefeitura... Mas era voltar para o Vale, ir para os bairros e ver nascer os sonhos. Lá percebíamos que a mesquinha de algumas pessoas que nos abalavam era um grandessíssimo nada diante da Grandeza daquele lugar, daquelas pessoas. Muitas vezes, enquanto complicávamos, elas com seu jeito sincero simplificavam...

Hoje, em meio à correria dos preparativos para a qualificação, recebi a carta de Iolanda do Bairro de Sapatu, neste momento tive uma sensação de igualdade, desse sem-fronteira que me referi no início, na verdade, me emocionei (e fiquei com vergonha de chorar na frente da minha mãe que me via recebendo e lendo a carta). Cada vez mais sinto que valeu à pena. Em cada ida para o Vale vivo um reencontro com amigos, não há mais aquela barreira por eu ser da Universidade... Talvez esse entendimento ocorra menos pelas palavras (já que às vezes me enrolo com elas), mais pelo que sinto. Acontece um reencontro comigo, com as coisas que acredito, com um SONHO onde Anas, Iolandas, Josés, Antonios, Marias, Beneditos possam viver uma VIDA com humanidade, justiça, dignidade, amor... Onde vidas não sejam reduzidas a números no frio do ar condicionado de gabinetes.

Nestas horas, me lembro de uma das definições da “Sociedade de Formigas” da minha 7a. série: “... numa sociedade todos os seres são beneficiados pelo trabalho coletivo...” E assim...

Sonho com um dia onde não haja mais divisões de mundo: o mundo do cientista (intelectual) e do trabalhador, dos pais e dos filhos, do professor e do aluno, do preto e do branco, do empregado e do patrão, do rico e do pobre, da mulher e do homem, do primeiro e do terceiro mundo... TODOS serão UM, uma grande comunidade unida pela comunhão do fato de ser formada por SERES HUMANOS.

A junção dos conhecimentos - científico e popular - é um dos caminhos para a quebra dos paradigmas e dogmas (de ambos os conhecimentos) que até agora vêm imperrando a expressão completa de cada ser humano, sob a benção do preconceito, apatia e indiferença. Tal junção ocorre através da percepção de sua Realidade, do seu ambiente, do seu “habitat” e nicho social.

Além disso, tal junção poderá promover um autoquestionamento dos indivíduos dos meios acadêmicos e do meio não-acadêmico, algo tão necessário em dias de final de século, em dias em que em sua busca por saber quem é (consciente ou inconscientemente), o homem é indagado pelo outro - “...o que vocês estudam...? como é que é o estudo de vocês...?”, “... *o que vocês são?...*” (perguntas que nos foram feitas durante as atividades de extensão).

Esse homem faz da cultura sua própria imagem que reflete um pouco dessa busca. Transformando (ou transtornando) a natureza, muitas vezes esse homem não a reconhece mais, nem se reconhece, há uma irreconhecibilidade. É dela que partem a injustiça, a desigualdade, a fome, a guerra, a ganância: nessa irreconhecibilidade de si, do outro e da Terra em que vive sofre na ignorância. Porém se resgata no outro e na Terra, quando pode expressar o que pensa, o que sente, num período de gestação, quando gera a Educação: filha da gente das ruas, dos pontos de ônibus, das rodoviárias, das escolas, do sinal fechado, da cozinha das mães, da escola de samba, da padaria, dos corredores das faculdades, da enxada, da pescaria, das roças, das canoas... Quando nasce a Filha Educação, esse homem chora de alegria, porque finalmente Mãe-Pai e Filha se encontram, na Casa da Solidariedade. Nessa Casa, os Pais cuidam da Filha, dos seus primeiros passos, mas um dia ela vai embora, torna-se independente. Mas será eternamente uma criança para aqueles homens, que estão nova e eternamente grávidos de outras Filhas. Recomeçando uma nova gestação, reaprendem com cada uma, ao mesmo tempo em que descobrem um pouco de sua “infância”, um resgate... da FILHA EDUCAÇÃO:

*“A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
são as cócegas que ela me faz,
brincando nas orelhas.
Ela dorme dento da minha alma
e às vezes acorda de noite
e brinca com os meus sonhos.
Vira uns de perna para o ar.
Põe uns em cima dos outros
e bate as palmas sozinho
sorrindo para o meu sono...
A Criança Nova que habita onde vivo
dá-me uma mão a mim
e a outra a tudo que existe
e assim vamos os três pelo caminho que houver,
saltando e cantando e rindo
e gozando
o nosso segredo comum
que é o de saber por toda a parte
que não há mistério no mundo
e que tudo vale a pena.” (*)*

(*) ALVES, RUBEM. A alegria de ensinar. 4. ed. São Paulo: Ars Poetica, 1994, p. 62-63.

ANEXO 2

18
1951
MFF

RESOLUÇÃO UNESP N 57 , de 14 de JULHO de 1992

Aprova o Regimento Interno
do CAMPUS AVANÇADO DO
VALE DO RIBEIRA

O REITOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JULIO DE MESQUITA FILHO", no uso das atribuições legais que lhe foram conferidas pelo inciso IX do artigo 24 do Regimento Geral e tendo em vista o deliberado pelo Conselho Universitário em sessão de 25 de junho de 1992, baixa seguinte

R E S O L U Ç A O :

Artigo 1 - Fica aprovado o Regimento Interno do Câmpus Avançado do Vale do Ribeira, anexo a esta resolução.

Artigo 2 - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

REGIMENTO INTERNO DO CAMPUS AVANÇADO DO VALE DO RIBEIRA

TITULO I

Da Constituição e dos Objetivos

Artigo 1 - O Câmpus Avançado de Vale do Ribeira constitui-se numa área de extensão de serviços da Universidade Estadual Paulista - UNESP, patrocinada e financiada pelas Prefeituras conveniadas.

Parágrafo único - Para todos os efeitos a administração do Câmpus Avançado do Vale do Ribeira está subordinada à Comissão Coordenadora do Programa Vale do Ribeira (CCPVR), criado pela Portaria UNESP, de 11 de maio de 1990.

Artigo 2 - A UNESP participará dos programas desenvolvidos pelas comunidades onde atue, abrangidas pelo Câmpus Avançado do Vale do Ribeira, especialmente nas atividades relacionadas a ações na área Agropecuária, de Educação, de Saúde, Sócio Econômica e Tecnologia.

Artigo 3 - São objetivos a serem atingidos pelo Câmpus Avançado do Vale do Ribeira a curto, médio e longo prazo:

I - propiciar aos universitários o conhecimento da realidade local e de seus problemas, e a oportunidade de estagiar em trabalho integrado com a comunidade;

II - contribuir, através de atuação de estagiários na promoção de medidas que visem melhorar as condições de vida das populações abrangidas;

REITORIA

**TERMO DE CONVÊNIO QUE ENTRE SI
CELEBRAM A PREFEITURA MUNICIPAL
DE ELDDORADO, E A UNIVERSIDADE
ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE
MESQUITA FILHO". - VISANDO O
DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES SÓCIO-
EDUCACIONAIS NO CAMPUS AVANÇADO
- "VALE DO RIBEIRA"**

Aos 8 dias do mês de outubro do ano de 1990, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", doravante denominada apenas "Universidade" representada pelo Reitor, Professor Doutor PAULO MILTON BARBOSA LANDIM, e a Prefeitura Municipal de Eldorado, doravante denominada "Prefeitura" neste ato representada pelo Sr. Prefeito ARY MARIANO PEREIRA, devidamente referendado pela Câmara Municipal, resolvem celebrar o presente convênio mediante as seguintes cláusulas e condições:

CLÁUSULA PRIMEIRA - DO OBJETO:

O presente convênio visa possibilitar o funcionamento de uma área de ensino, pesquisa, estágio curricular e extensão da Universidade, no Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo, com sede no município de Eldorado.

CLÁUSULA SEGUNDA - DO OBJETIVO:

I - Possibilitar à Universidade participação efetiva no desenvolvimento sócio-econômico e político-cultural regional visando a concretização da política de extensão universitária, bem como da política de ensino e de pesquisa.

II - Possibilitar aos universitários aprendizado socio-profissional, vinculado às necessidades do país e da comunidade local, mediante participação em trabalhos integrados aos currículos e conteúdos programáticos da Universidade.

III - Contribuir com recursos humanos qualificados, para o desenvolvimento local e para a melhoria das condições de vida da comunidade, mediante trabalho conjunto com órgãos e entidades públicas e privadas a nível nacional, regional e local sob a forma de estágios, pesquisas, prestação de serviços e outras modalidades de atuação.

IV - Possibilitar a participação da comunidade no seu próprio processo de desenvolvimento.

HL
Mariano

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Gabinete do Reitor

REITORIA

V - Estimular a fixação de recursos humanos qualificados no Campus Avançado "Vale do Ribeira"

CLÁUSULA TERCEIRA - COMPETE A UNIVERSIDADE:

I - Organizar a Comissão Coordenadora, no âmbito da Universidade, das atividades previstas para o Campus Avançado "Vale do Ribeira", devendo a mesma ficar vinculada à Comissão Central de Extensão Universitária e a Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da Universidade.

II - Baixar atos regulamentando a participação do corpo docente e discente nas ações objeto deste convênio, estabelecendo a incorporação dos projetos e atividades aos currículos, programas e calendários escolares em consequência de seu funcionamento como unidade de Ensino, Pesquisa e Extensão.

III - Selecionar e treinar, através de seus Departamentos as equipes de universitários bem como o pessoal do corpo docente e administrativo que se destinarem à Area de Atuação.

IV - Atender às despesas com ajuda de custo, transporte e diárias a que venham fazer jus os integrantes do corpo docente e administrativo da Universidade quando a serviço das atividades objeto do presente convênio.

Parágrafo Único - Prever em seu orçamento anual recursos destinados a fazer frente a estas despesas.

V - Designar professor da Universidade para coordenar, acompanhar e avaliar a execução, na area de atuação, das ações previstas neste acordo.

VI - Atualizar e manter em funcionamento o Regulamento Interno do Campus Avançado.

VII - Criar uma sistemática permanente de divulgação e esclarecimento sobre a finalidade e o significado das atividades serem desenvolvidas no Campus Avançado, de maneira que Departamentos e demais segmentos da Universidade possam conhecê-las e aproveitá-las como forma alternativa para seus programas de Ensino, Estágio, Pesquisa e Extensão.

VIII - Estimular e promover a participação das comunidades envolvidas na elaboração, execução e avaliação das atividades.

IX - Compatibilizar o planejamento dos trabalhos a serem desenvolvidos no Campus Avançado com as políticas de desenvolvimento regional, estadual e local.

ful
Atenciosamente

COPY

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Gabinete do Reitor

REITORIA

X - Elaborar, executar, supervisionar e avaliar a programação das atividades através de seus Departamentos e da Comissão Coordenadora do Programa Vale do Ribeira.

XI - Apresentar à Prefeitura para conhecimento e análise:

a - Planejamento anual para o Campus Avançado

b - Relatório operacional da execução de projetos e atividades

c - Avaliação dos Trabalhos

d - Outras informações que resultem no melhor alcance dos objetivos deste convênio.

CLÁUSULA QUARTA - COMPETE À PREFEITURA

I - Participar da elaboração do Plano Anual de Trabalho da Universidade para o Campus Avançado

II - Promover, juntamente com a Universidade, órgãos envolvidos e comunidade, a integração das ações previstas para o Campus Avançado aos planos, programas e projetos dos órgãos federais, regionais, estaduais e municipais, visando a efetiva adequação em suas políticas de educação e desenvolvimento.

III - Participar, em conjunto com a Universidade, do acompanhamento e da avaliação das atividades em termos de sua coerência em relação aos aspectos conceituais e operacionais propostos.

IV - Promover a divulgação das atividades no Campus Avançado e suas potencialidades junto à comunidade, órgãos públicos ou entidades a fim de motivar o necessário interesse e colaboração.

V - Participar do Treinamento das equipes de universitários.

VI - Responsabilizar-se pela promoção, coordenação e execução das atividades relacionadas ao transporte e remanejamento das equipes constituídas pela Universidade.

VII - Responsabilizar-se pelo alojamento, alimentação e transporte das equipes, da sede aos locais de atuação.

VIII - Atuar junto aos órgãos do Governo do Estado de São Paulo, encaminhando os projetos elaborados pela Universidade, para obtenção dos recursos necessários ao desenvolvimento das atividades programadas.

HL
Atenciosamente

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Gabinete do Reitor

REITORIA

CLÁUSULA QUINTA - DOS BENS MÓVEIS:

Os bens móveis a serem utilizados para o desenvolvimento das atividades no Campus Avançado, serão de responsabilidade da Prefeitura.

CLÁUSULA SEXTA - DOS RECURSOS:

Os recursos financeiros necessários ao funcionamento das atividades previstas para o Campus Avançado, de responsabilidade da Prefeitura, serão aplicados de acordo com o Plano Anual de Trabalho da Comissão Coordenadora do Programa Vale do Ribeira.

Parágrafo Único - A Prefeitura, com apoio da Universidade, deverá entrar em entendimento com órgãos regionais de desenvolvimento e com entidades públicas e privadas a fim de compatibilizarem suas programações, visando estabelecer convênios, ajustes e contratos, bem como deverão buscar formas de captação de recursos que possibilitem reforço às ações no Campus Avançado.

CLÁUSULA SÉTIMA - DA AMPLITUDE:

O presente convênio, durante sua vigência, poderá ter a participação de outras Instituições de Ensino Superior, mantido o objetivo a que se refere a cláusula Primeira mediante convênio com a Universidade.

CLÁUSULA OITAVA - DO PRAZO E VIGÊNCIA:

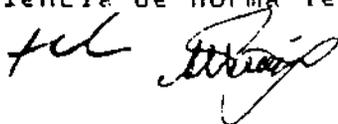
O presente convênio vigorará pelo prazo de 05 (cinco) anos, contar da data de sua assinatura, podendo ser prorrogado a critério das partes convenientes.

CLÁUSULA NONA - DAS ALTERAÇÕES:

As alterações ou revisões dos objetivos e obrigações estabelecidos neste convênio deverão ser formalizadas por lavratura de Termos Aditivos.

CLÁUSULA DÉCIMA - DA DENÚNCIA:

O presente convênio poderá ser denunciado de comum acordo entre as partes mediante aviso prévio de 3 (três) meses, por inadimplemento de qualquer das obrigações assumidas ou pela superveniência de norma legal que o torne inexecutável.



UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Gabinete do Reitor

REITORIA

CLÁUSULA DÉCIMA PRIMEIRA - DO FORO:

Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir toda e qualquer dúvida oriunda do presente convênio.

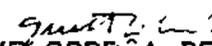
E, por estarem de acordo foi lavrado o presente termo que depois de lido e achado conforme vai assinado pelas partes em 05 (cinco) vias de igual teor, na presença das testemunhas abaixo que também o subscrevem.

São Paulo, 08 de outubro de 1990.


Prof. Dr. PAULO MILTON BARBOSA LANDIM
Reitor da UNESP


Sr. ARY MARIANO PEREIRA
Prefeito de Eldorado

TESTEMUNHAS:

1- 
GUILHERME CORRÊA DE TOLEDO
Chefe de Gabinete da UNESP

2- 

Sr. PEDRO LIMA
Diretor Adm: istrativo da Santa
Casa de Eldorado.

**ZETINHO ABRE O JOGO COM O PESSOAL DA
UNESP: "QUEREMOS RESULTADO PRÁTICO"**

Numa concorrida reunião ocorrida no último dia 17, segunda-feira, no gabinete do prefeito Donizete de Oliveira, o popular "Zetinho", líder da nova administração da jovem equipe de administradores da Prefeitura Municipal de Eldorado, deixou muito claro aos professores doutores José Carlos Martínez, coordenador do Programa UNESP de Campus Avançado; Antonio Marinho de Oliveira, novo diretor do Projeto UNESP do Vale do Ribeira, com sede em Eldorado (ele substitui o professor Euridice Zacchi, representante da área agropecuária) e Jorge Jim, PhD em Zoologia, que Eldorado vê com bons olhos a implantação de um Campus Avançado no município, entretanto — disse o prefeito — "queremos resultados práticos".

Participaram também da importante reunião o presidente da Câmara de Eldorado "Totó" Ribeiro, a diretora de Educação, Iraci de Oliveira, a equipe de reportagem do JNH. Durante aproximadamente três horas, todos puderam externar os seus pontos de vista e principalmente "definir os pontos pendentes deixados pela administração anterior.

Segundo apuramos, o "Campus" já existia há mais de 2 anos, ocupou um espaço na cidade, mas não saiu do teórico. Alguns entraves ainda existem, principalmente quanto ao local que o Campus Avançado deve ser instalado, entretanto, após essa importante reunião, vários pontos foram esclarecidos e somente alguns pormenores ainda estão sendo estudados. A antiga Escola Agrícola, por exemplo, está sendo cogitada para sedear o "Campus Avançado", contudo, para que isso aconteça, algumas amarrações políticas ainda devem ser "costuradas". Pelo que podemos notar durante o encontro, desta vez parece que finalmente Eldorado terá um Campus Avançado no município, tanto por interesse da nova administração que pretende reverter o quadro cultural, como também pelo lado dos professores doutores da importante instituição educacional UNESP — Universidade de São Paulo, que pretendem o mais rápido possível colocar em nossa cidade todos os serviços culturais, sociais e de saúde à população eldoradense.

Para o prefeito Zetinho, a instalação desse Campus Avançado em Eldorado irá trazer um desenvolvimento cultural e econômico jamais visto na região e certamente ajudará a população a deixar definitivamente o vazio cultural. "Nesse sentido — disse Zetinho — já estamos agendando uma reunião com a reitoria da UNESP para resolver o mais rápido possível essa importante questão. Tenho certeza que todos iremos ganhar com a implantação desse segmento universitário em nossa terra".

JORNAL REGIONAL

Ano I - Nº 50 - Registro, 22 de Julho de 1994

Unesp põe em prática projetos comunitários

Eldorado- Vários projetos em benefício da comunidade estão sendo desenvolvidos em Eldorado por alunos e professores de várias áreas da Unesp. Os principais são de tecnologia, coordenado pelo professor Antonio de Pádua, que vem executando a reurbanização da Praça Nossa Senhora da Guia e construção de uma ponte no Ivaporunduva; e os da área de saúde, com destaque para a qualidade da água e educação ambiental, diabetes e pressão alta.

O projeto integrado "pressão alta", coordenado pelo professor Francisco Habermann, é multidisciplinar, de investigação epidemiológica, com acompanhamento clínico e laboratorial da população negra remanescente do Quilombo de Ivaporunduva, que possibilitará conhecimentos importantes, inclusive, de hereditariedade das 83 famílias residentes no bairro.

O trabalho será desenvolvido por três grupos de trabalho: campus avançado, laboratorial e de apoio. Cada morador terá uma ficha de controle de hipertensão arterial e as amostras de sangue coletadas possibilitarão o mapeamento da saúde do paciente que se constituirá em um dado a mais para os médicos da Santa Casa, que os atenderá. Outro trabalho na área de saúde visa a reciclagem do corpo médico do município com a promoção de palestras.

O diretor do campus avançado de Eldorado é o professor Antonio Marinho de Oliveira e os trabalhos são desenvolvidos por alunos quartanistas de várias áreas, formando uma equipe multidisciplinar com 25 componentes. Na medida do possível, o trabalho é ilustrado com apresentação de teatro como vem ocorrendo com o trabalho sobre a potabilidade da água.

O trabalho de qualidade da água e educação ambiental vem descobrindo dados importantes, como por exemplo o alto índice de coliformes fecais detectado nas análises de água de poço, bicas e outros. Para explicar melhor o problema, os alunos montaram a peça "Dona Tênia contra o supercloro" levada em vários bairros esta semana.

O campus avançado foi criado após a extinção do Projeto Rondon, que chegou a ter uma base em Jacupiranga e para ocupar o espaço da escola agrícola de Eldorado, que ainda não está sendo utilizada porque precisa de reformas nos sistemas elétricos e hidráulicos, telhado e outros. A ampliação dos trabalhos da Unesp para outros municípios depende do interesse dos prefeitos.

SIGA ESTE
CAMINHO E



ENTRE EM AÇÃO

**Campanha do Sapato para o
Vale do Ribeira**

DOACÕES: * Secretarias dos Departamentos do IB
* Biblioteca

ANEXO 5

O Vale do Ribeira

O Vale do Ribeira abrange uma área total de 18.116 km², dispersa em vinte municípios alocados ao longo do litoral e da região sul, fazendo divisa com o Estado do Paraná. Caracteriza-se por ser o maior remanescente de Mata Atlântica contínua do país e reconhecidamente a região mais carente do Estado de São Paulo, só comparável com o Pontal do Paranapanema (SÃO PAULO, 1992 a).

O sistema ecológico com fauna e flora originais, mantinha uma relativa harmonia entre as comunidades que o compunham. Nestes últimos vinte anos, a área vem sendo visivelmente devastada, resultando em sérias alterações no habitat das espécies vegetais e animais, com a redução ou mesmo a eliminação de populações inteiras (SÃO PAULO, 1992 b).

Estas predações ao ecossistema, principalmente das decorrentes de desmatamentos e queimadas, são resultado da prática agrícola, que é a base econômica da região. Grandes áreas da Mata Atlântica são destruídas, sendo substituídas por chá, banana e arroz, produtos mais cultivados na região. Os maiores responsáveis pelas grandes áreas devastadas são os proprietários de latifúndios, pois como afirma DEMARTINNI (1979), em relação à concentração de terras:

Existia nesta região a clássica associação latifúndio/minifúndio: mais de 90 % dos estabelecimentos cobre menos de 30 % das áreas municipais, enquanto menos de 10 % ocupam mais de 65 % da área.

A base econômica do Vale do Ribeira é a agricultura, no entanto *"(...) o aproveitamento da terra nos municípios era muito baixo, não ultrapassando 10 % das mesmas, enquanto a média de aproveitamento de terras rurais, no restante do estado, era de 50 % nesta época"* (DEMARTINNI, 1979). Esta diferença não se alterou muito até os dias de hoje e se dá, principalmente pelas características geomorfológicas da região e por muitos municípios estarem localizados no interior de Parques e Reservas de Proteção Ambiental. Então, o pleno desenvolvimento da agricultura fica limitado, causando um atraso econômico na região, em relação as outras regiões do Estado de São Paulo.

Ao mesmo tempo que o Vale do Ribeira tenta participar do desenvolvimento, ao passo que, em algumas áreas a agricultura está deixando de ser para o consumo direto para servir também à comercialização, zonas urbanas sendo eletrificadas e servindo-se de água encanada e tratada, algumas estradas já pavimentadas, este mesmo desenvolvimento pode ser a causa de todos os seus males. *"(...) se as águas dos esgotos forem jogadas nas ribeiras, destruindo sua fauna e flora, se a tecnologia agrária infestar de agrotóxicos a região, se as estradas destruírem morros e encostas, assim como as construções em busca de areia e terra, tudo será sinônimo de sua própria decadência* (SÃO PAULO, 1992 b).

Os moradores praticam uma agricultura, onde tudo - ou quase tudo - que é produzido é consumido por eles (foto 21). Algumas famílias produzem um excedente no cultivo da banana, que é vendido aos atravessadores por um preço muito abaixo do que o estabelecido pela Ceagesp.

Existe também, nesta região do Vale do Ribeira, uma grande concentração de artesãos que tiram sua renda de manufaturas realizadas em argila, madeira, sucata, taboa (planta comum na região).

ANEXO 6

Pretendemos contribuir para a melhoria da qualidade de vida de comunidades da zona rural (que não possuem água tratada) e organização da mesma, para que as pessoas façam tratamento caseiro da mesma e protejam o meio ambiente e em particular os recursos hídricos. Pretendemos, no caso das crianças, que as mesmas tenham água segura não só em casa como na escola e no "campo", e que os alunos, educados, atuem como agentes de pressão para as melhorias em suas casas.

Por outro lado há uma carência de tecnologias para atuação em comunidades carentes com as características do Vale do Ribeira, assim pretendemos desenvolver um modelo novo, que possa ser desenvolvido por outros grupos.

METODOLOGIA DETALHADA:

a) Determinações Físicas, Químicas e Biológicas:

Os métodos utilizados serão os recomendados pelo Standard Methods for the Examination for Water and Wastewater, 18th edn. 1992 (American Public Health Association, American Water Works Association, and Water Pollution Control Federation), e normas da CETESB.

b) Diagnóstico Ambiental:

Vide anexo

c) Diagnóstico Social:

Vide anexo

d) EDUCAÇÃO AMBIENTAL:

Atividades nos períodos de férias (primeira etapa):

Será instalado um Núcleo Central de Atendimento na cidade de Eldorado onde haverá ambientes para microscópio, lupas, cartazes educativos, vídeos, slides, teatro, teatro de fantoche, marionetes, jogos educativos, pintura, colagem, painel eletrônico, brincadeiras educativas, etc. Parte destes recursos, como teatro, vídeos e slides poderão ser deslocados para apresentação em igrejas nas comunidades das zonas rurais.

Nos bairros da zona rural as famílias serão visitadas por 2 estagiários (após a subdivisão da equipe em duplas) para fazerem um diagnóstico social e trabalho de educação ambiental de modo informal. As crianças serão convidadas para irem ao Central de Atendimento na cidade no período da tarde, e os adultos no período da noite ou dia seguinte. As crianças gostando do trabalho deverão fazer propaganda em casa estimulando os pais indecisos a irem a Central de atendimento na cidade, a noite ou no dia seguinte.

d1) Diagnóstico social e educação ambiental nos bairros da zona rural:

Um ônibus da Prefeitura Municipal de Eldorado transportará o grupo da sede do Campus Avançado ao bairro a ser diagnosticado. Caso o Bairro tiver algum tipo de organização comunitária (Associação de moradores, de mulheres, Igreja, etc.) os membros da equipe se apresentarão às lideranças da comunidade, onde os objetivos da visita serão mencionados. Em seguida 2 estagiários (após a subdivisão da equipe em duplas) visitarão as casas. A visita consistirá na aplicação de um questionário (anexo) onde de maneira informal serão discutidos problemas de saneamento básico, principalmente da água. Será distribuído um frasco conta-gotas de hipoclorito de sódio (cloro) para cada família e ensinado como clorar a água e a importância disto, e distribuído um folheto (anexo) onde será enfatizado, principalmente, os cuidados para se evitar a verminose (quase 100% entre as crianças na zona rural). Os estagiários ensinarão a colocar cloro na água de forma prática: será pedido ao morador da casa o recipiente utilizado para colocar água, e

calculado o número de gotas de cloro a ser usado e em seguida, após esperar 30 minutos, os próprios monitores beberão esta água clorada. Isto deverá ser um dos aspectos positivos à credibilidade por parte da população no uso do cloro. Será feito um convite para as crianças e adultos participarem das atividades no Central de Atendimento na cidade.

Terminada esta etapa, o ônibus retornará com o grupo para a Central em Eldorado.

d2) Atividades com as crianças:

O ônibus da Prefeitura voltará ao Bairro já diagnosticado às 13:00 h para buscar as crianças.

No Núcleo da Central de Atendimento, inicialmente, as crianças assistirão vídeos e slides que explicam as doenças transmitidas pela água e falta de higiene, principalmente a verminose. Também será trabalhado as maneiras de se evitar uma contaminação. As apresentações de slides serão feitas na forma de historinha onde a participação das crianças será estimulada com brincadeiras e mímicas durante a sua execução, juntamente com a equipe de apresentadores. Este procedimento será feito também com vídeos, o som será desligado para evitar os termos técnicos e adequar as situações diagnosticadas nos Bairros.

Terminada essa fase, as crianças serão divididas em grupos, monitorados por pelo menos 2 integrantes do projeto, cada criança será pintada no rosto de acordo com a "cor do grupo" que ela pertencerá, com tinta, com uma cor.

Cada grupo dirigirá uma atividade, que variará entre: microscópio, teatro de fantoches, teatro de marionetes, pintura, colagem, jogo do ovinho, jogo das fichas e painel eletrônico. Haverá rodízio entre os grupos.

Enquanto o grupo do teatro se prepara, as crianças tomarão um lanche e brincarão com os monitores que não participam da peça.

O teatro apresentado fará uma síntese visando reforçar todo o conhecimento adquirido durante as atividades.

Ao término das atividades será aplicado um questionário individual para cada criança (em anexo), com o objetivo de avaliar a eficiência do trabalho e o aprendizado.

O ônibus da prefeitura levará as crianças de volta ao Bairro de origem.

d3) Atividades com os adultos:

Receberemos primeiro as crianças na Centra de Atendimento na cidade e esperamos que estas motivem os adultos indecisos a virem em seguida.

O trabalho com os adultos consistirá na apresentação de vídeos, slides e discussões, microscópio e teatro.

A apresentação desses recursos será feita de maneira bastante informal para que os adultos se sentissem a vontade para esclarecer suas dúvidas no desenvolver das atividades, os adultos serão levados de volta ao Bairro por um ônibus da Prefeitura.

Período de aulas:

Grupos menores revesarão todos os meses para trabalhar com as lideranças, agentes de saúde, professores, etc. Neste período também haverá trabalhos em escolas juntamente com professores e alunos. As equipes serão subdivididas em grupos menores para estudarem problemas e estratégias para atuação no Vale do Ribeira, de acordo com: Temas Básico a Serem Desenvolvidos Pelos Grupos, em anexo. Cada grupo dará seminários de seus temas para os outros grupos. Haverá reuniões toda a semana com todos os integrantes da equipe.

A metodologia será flexível.

os integrantes do grupo irão para o Vale do Ribeira - Eldorado, para trabalhar diretamente com a população.

4. Fazer coletas mensais de água nos rios, ribeirões, córregos, minas, poços d'água das comunidades e torneiras públicas (principalmente das Escolas). Os locais de coletas serão, preferencialmente, os utilizados pelas comunidades para captação (sem tratamento), e indicados por esta, além de outros que permitam fazer correlações. Os resultados serão correlacionados e divulgados. Serão feitos, também, análises de solo e fezes.

5. Montar peças de teatros com pessoas e fantoches (educativos). Serão feitos vídeos profissionais das peças, além de manuais para que as mesmas possam ser reproduzidas. Será feito também um vídeo documentário.

6. Fazer uma "barraca-palco", desmontável e móvel para a peça de teatro.

7. Fazer uma cartilha de Educação Ambiental e folhetos educativos (ilustrados) sobre temas da cartilha e problemas identificados.

8. Montar e ministrar cursos de educação ambiental (incluindo educação sanitária e da saúde) para professores e reconhecer o mesmo na Coordenadoria de Normas Pedagógica (CENP).

9 No final do projeto será publicado um livro com as experiências do grupo.

10. Em anexo: Temas básicos a serem desenvolvidos pelos grupos.

II. JUSTIFICATIVA:

O Vale do Ribeira é a região mais pobre do Estado de São Paulo, possui um dos maiores índices de mortalidade infantil do Brasil. A região de Eldorado é Área de Proteção Ambiental (APA - 80% de Mata Atlântica) e possui um dos maiores recursos hídricos do mundo, mas os mesmos estão contaminados. Nos bairros da zona rural o índice de verminose entre as crianças é praticamente de 100%, consequência, principalmente, da ingestão de água inadequada e do hábito de andar descalço. As pessoas andam descalças e acabam pisando nas fezes de animais e pessoas. Os porcos, por

exemplo, são criados soltos porque seus donos não têm condições de criá-los em chiqueiros, a maioria das pessoas não possuem latrina, e fazem suas necessidades atrás das bananeiras. Grande parte da população mora em casas de pau-a-pique com cobertura de sapé. A economia é baseada principalmente na banana, e não existem muitas áreas disponíveis para a agricultura. A população reclama da falta de emprego e desenvolvimento da região, o que é limitado pela necessidade de preservação ambiental do local. O desenvolvimento da região com crescimento populacional, e sem educação ambiental, provocaria, fatalmente, uma maior destruição da natureza. Sendo a manutenção deste santuário ecológico importante para o país e o mundo, as comunidades mais privilegiadas economicamente deveriam ajudar a população desta região para a melhoria da qualidade de vida local.

A água poluída ou contaminada afeta, através de doenças infecciosas, mais de um bilhão de pessoas por ano nos países em desenvolvimento. Ocorrendo por ano, mais de 900 milhões de casos de doenças diarréicas (matam 3 milhões de pessoas por ano, sobretudo crianças), 900 milhões de casos de verminose, 4 milhões de casos de filariose e 200 milhões de casos de esquistossomose (BANCO MUNDIAL, 1992). No Brasil, de acordo com dados do IBGE obtidos em 4.415 cidades brasileiras entre 1989 e 1990, 80% das consultas hospitalares, e 65% das internações foram consequência da falta de saneamento básico. 92% dos municípios não possuem sistema de tratamento de esgoto, 59% não possuem local adequado para destinar o lixo e 50% não possuem água tratada. No Estado de São Paulo, segundo declaração do Governador Luiz Antônio Fleury Filho, em 1993, 60% dos doentes que ocupam os leitos do Estado devem-se à água contaminada. Assim a conservação dos recursos hídricos e controle da qualidade da água é de fundamental importância para a melhoria da qualidade de vida das populações, além da conscientização através da educação ambiental.

Uma pessoa doente trabalha menos tempo, onera o Estado, e tem menos iniciativa e capacidade de assumir riscos. Além disso, as doenças interferem na educação e desenvolvimento do corpo e da mente causando prejuízos ao desenvolvimento do país.

Em 1986 a CETESB, fez análise de águas em 11 Escolas em Eldorado (SÃO PAULO, 1989b) e verificou que as mesmas estavam contaminadas. Recentemente fizemos algumas análises da água nas torneiras das Escolas e verificamos que a mesma continua contaminada apesar de muitas escolas terem substituído a água de poço pela água de minas, rios, etc.

PROJETO MULTIDISCIPLINAR

QUALIDADE DA ÁGUA, SUAS INTERELAÇÕES E EDUCAÇÃO AMBIENTAL - Vale do Ribeira - Eldorado.

OBJETIVOS:

Os objetivos norteadores são os estabelecidos pela agenda 21 (NAÇÕES UNIDAS, 1993), mais especificamente:

- 1) Envolver as crianças em estudos locais e regionais sobre a saúde ambiental, incluindo água potável segura, saneamento, alimentos e ecossistemas.
- 2) Promover programas de educação de adultos baseados em problemas relacionados ao meio ambiente e ao desenvolvimento.
- 3) Os recursos de água doce devem ser levantados e protegidos. Também é necessário fazer pesquisas, armazenar dados, planejar e disseminar amplamente as informações ligadas a essa questão. A relação entre aprimentos de água doce e o impacto do desenvolvimento deve ser claramente estabelecida e projetada para permitir o planejamento adequado.
- 4) Os pobres devem ter acesso à água doce e ao saneamento básico.
- 5) O desenvolvimento real não é possível sem uma população sadia.
- 6) Medidas de controle ambiental são indispensáveis, especialmente na área de fornecimento de água e infra-estrutura sanitária, para evitar doenças transmissíveis, como cólera, malária, esquistossomose e doenças diarréicas.
- 7) Melhorar a qualidade social, econômica e ambiental dos assentamentos humanos e as condições de vida e de trabalho para todos os povos, particularmente os pobres das zonas rurais.

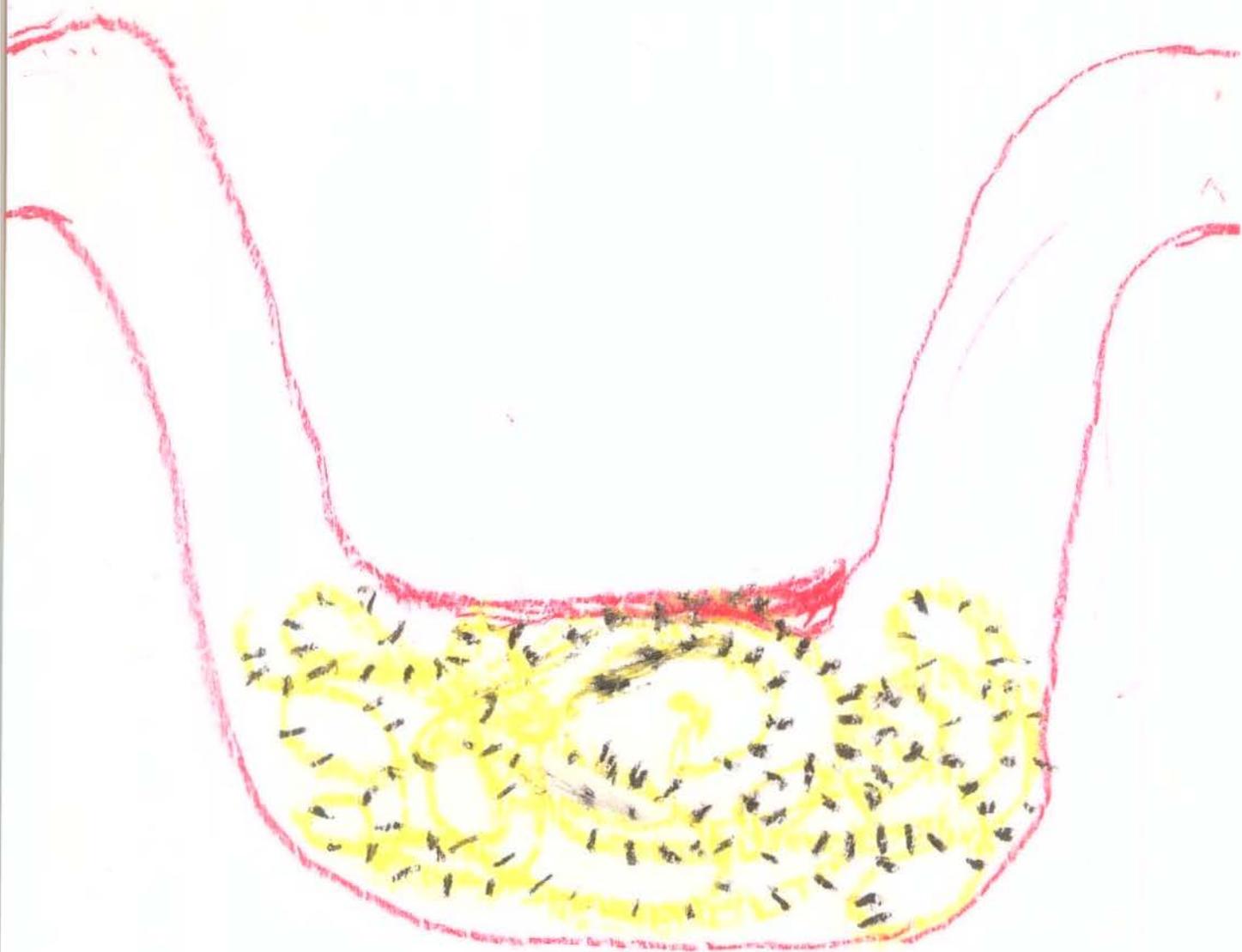
Mais especificamente pretendemos:

- 1) Avaliar a qualidade da água (rios, represas, minas, caixas d'água, torneiras de Escolas, etc.).
- 2) Identificar pontos críticos e propor soluções para a melhoria da qualidade de água e da vida.

- 3) Diagnosticar as fontes poluidoras.
- 4) Fazer diagnósticos ambiental e social.
- 5) Manter a comunidade informada e refletindo sobre a importância dos recursos hídricos, ecossistemas, uso do solo, saneamento básico (água, esgoto e lixo), etc.
- 6) Promover a educação ambiental (incluindo a educação sanitária e da saúde) para que os cidadãos protejam a saúde, e tenham uma postura que leve proteger o meio ambiente.
- 7) Colaborar na organização das comunidades (zonas rurais e distritos) para administração do uso da água e proteção dos recursos hídricos
- 8) Colaborar com as comunidades para o desenvolvimento da qualidade ambiental e social das mesmas.
- 9) Fornecer informações e material para educação ambiental (incluindo educação sanitária e da saúde) para Escolas.
- 10) Fazer análises de água, solo e fezes.
- 11) Manter grupos estudando e propondo soluções para auto-sustentação de comunidades carentes, a princípio, em: saneamento básico, solo, horta, chiqueiro, saúde, nutrição, plantas medicinais, cursos para professores, material educativo (folhetos, vídeos, teatro, etc.), artesanato, energia, métodos alternativos para aproveitamento de recursos da região, etc.

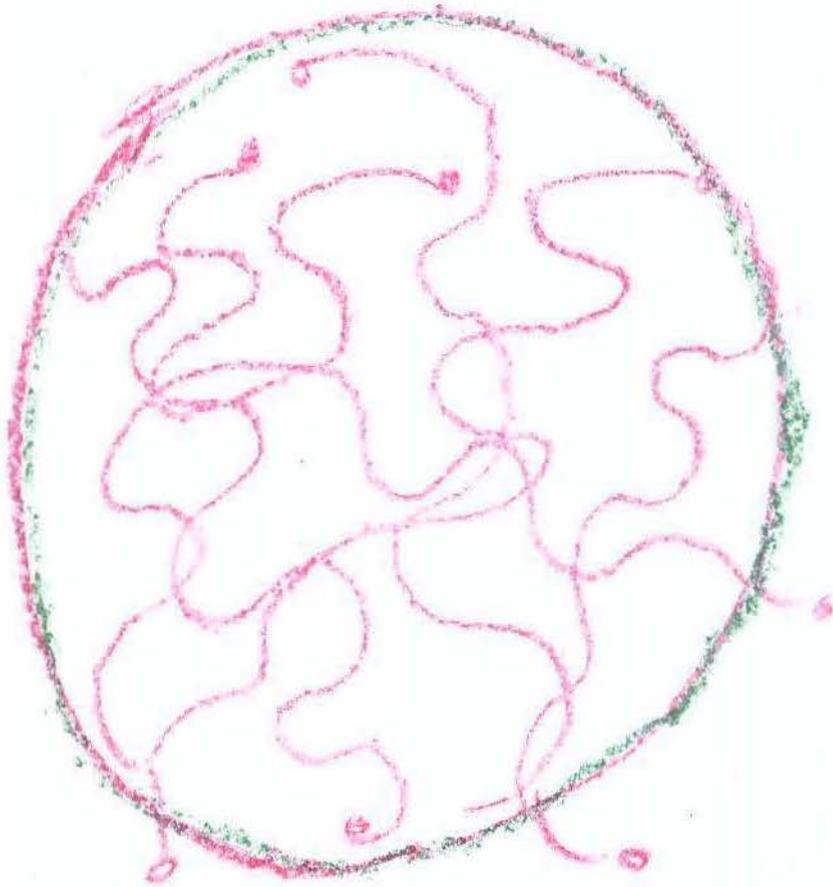
METAS:

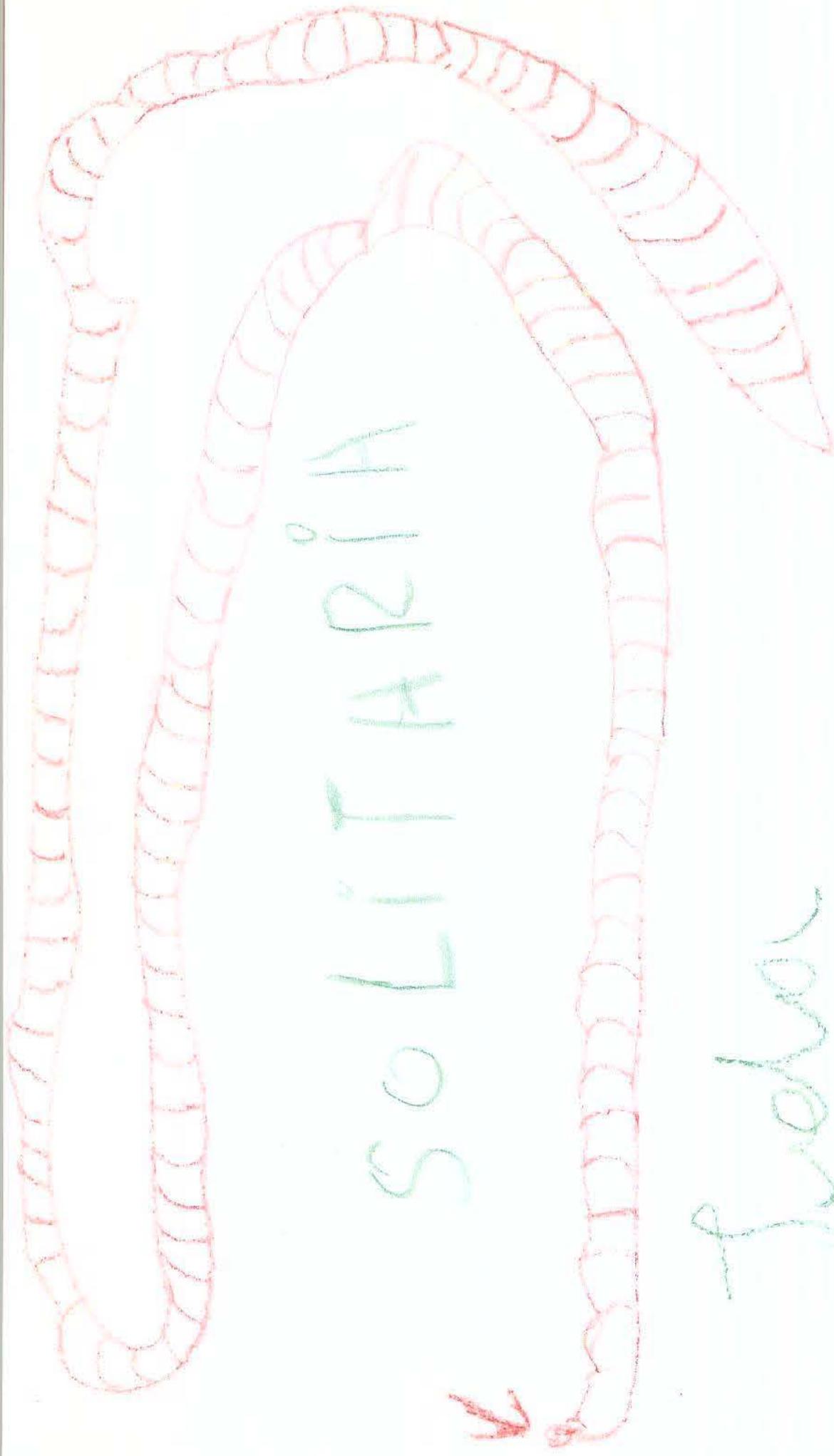
1. Manter uma equipe de 30 estagiários (monitores) se aperfeiçoando, trabalhando e desenvolvendo trabalhos de educação ambiental (incluindo educação sanitária e da saúde) e soluções para o desenvolvimento das comunidades trabalhadas no Vale do Ribeira - Eldorado.
2. Desenvolver um modelo de atuação que possa futuramente ser aplicado em outras comunidades carentes e com características semelhantes, por outros grupos.
3. Todos os meses equipes de estagiários (monitores) revesarão para ir trabalhar nas comunidades com as lideranças e nas Escolas. Nas férias todos



Edinabasa

Lami





SOLITARIA

Tridax

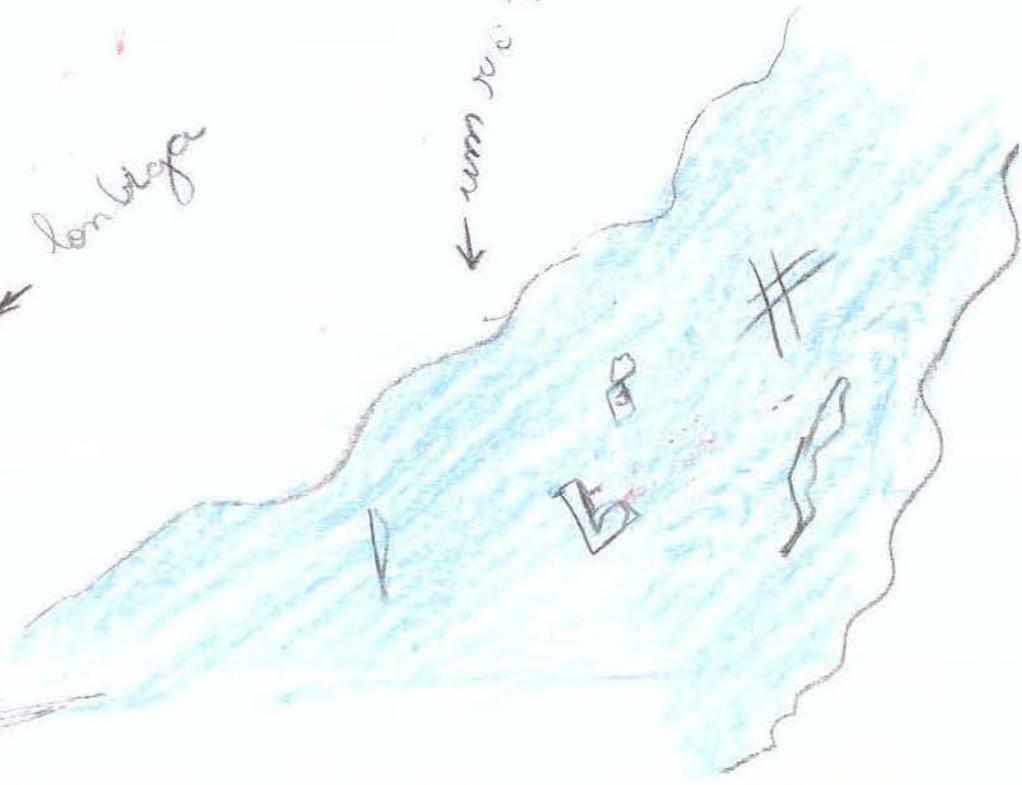
Rosemeire



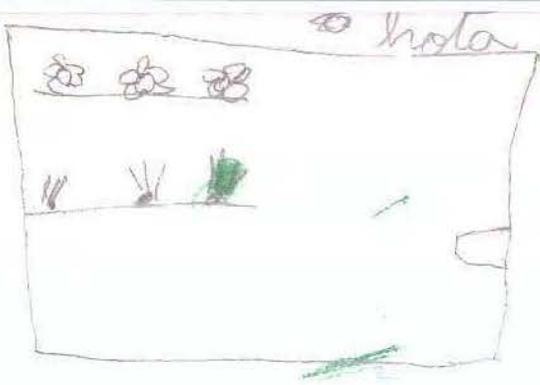
Eu estou ~~protegido~~ protegido contra as doenças.



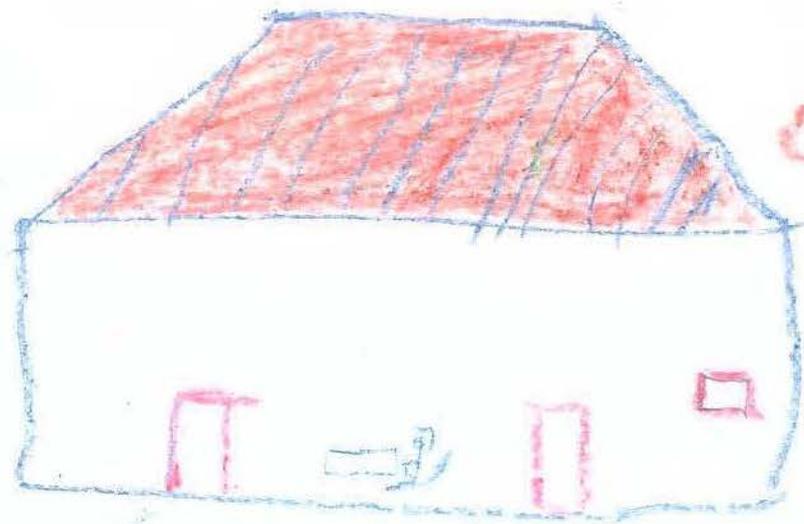
lombaga



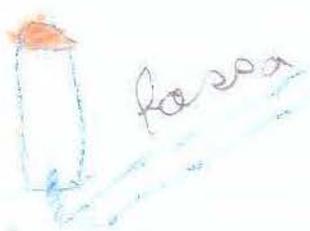
← com os poluidos



Casa

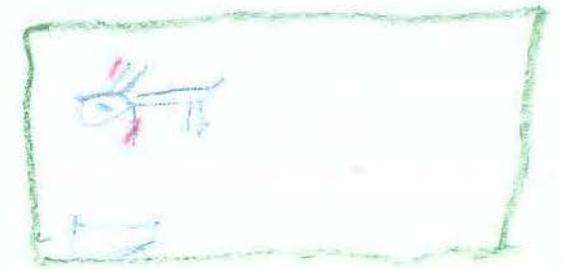


vase

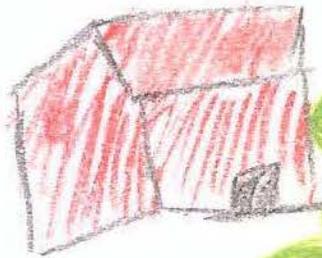


forsoa

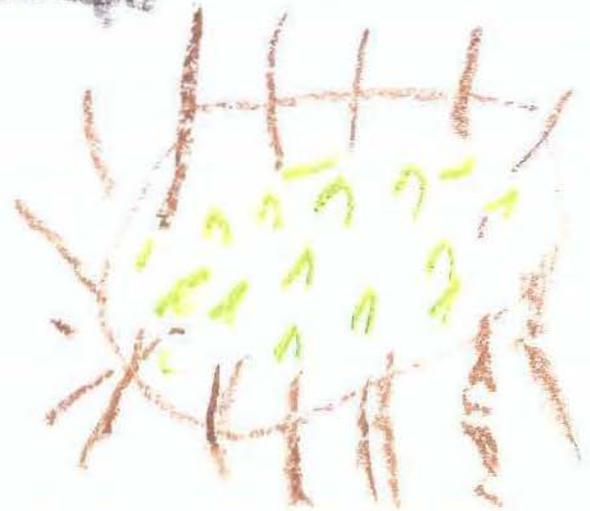
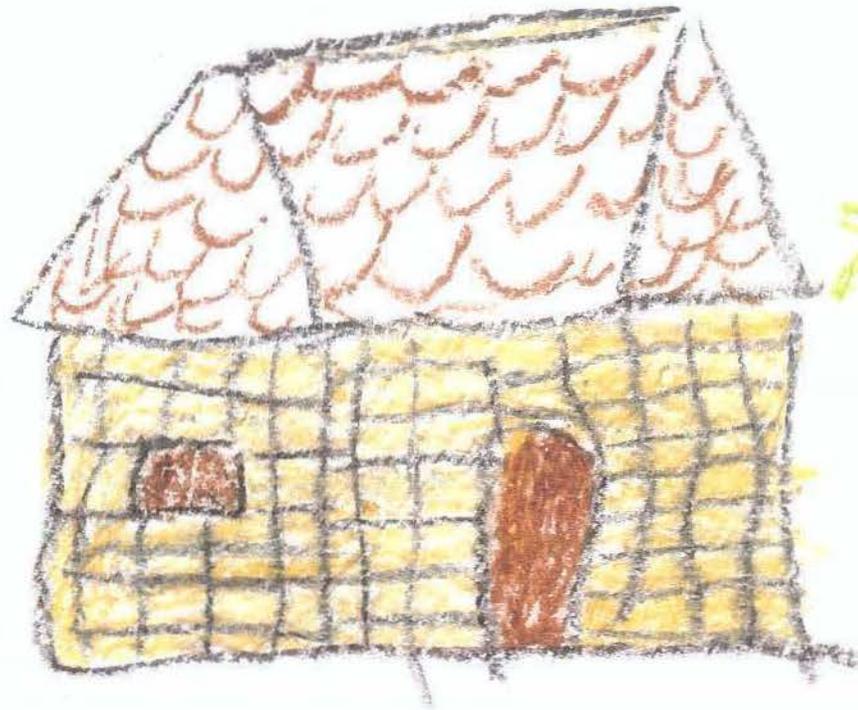
Casa de
cozinha



3 WHERD.



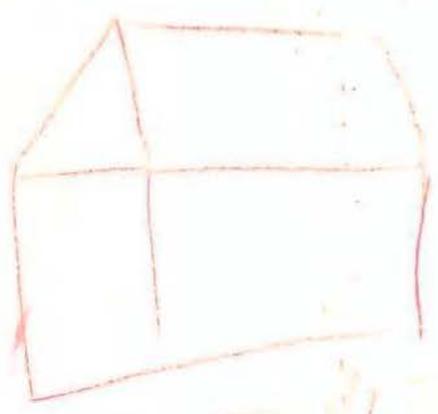
WINDMILL



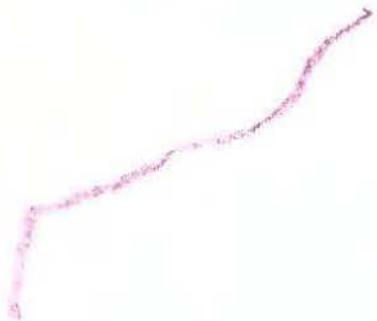
Sem ferro no
cérebro



DEPOIS DA REUNIAO
COM O CLOROECRIFOS



alguns
...



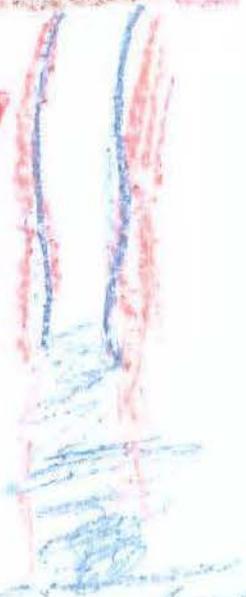
FOSSA

POSO



BARRACO

ASUA



MÚSICAS UTILIZADAS NA PEÇA DE TEATRO

TENIAZINHA

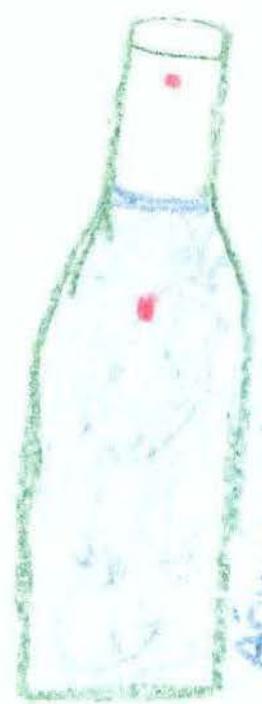
Era uma vez uma teniazinha
Que queria se casar
Saiu do porco procurando um verminho
Mas o verminho tá difícil de encontrar
Quem quer casar
Com a dona teniazinha
É compridinha e tem coroa para raspar
E também tem anéis na sua caudinha
E gosta muito de crianças infestar
tá, tá,tá

SUPER CLORO

Super cloro seu amigo
Vai salvá-lo do perigo
Eldorado tão bonito
Super cloro seu amigo

ANEXO 9

cloro
duas gotas



Água de cloro



verdura

bacia

APACK

QUESTIONÁRIO PARA O CENSO - VALE DO RIBEIRA /
ELDORADO

DATA: _____ ENTREVISTADOR: _____
CASA: _____ BAIRRO: _____

1) Nome (pai): _____
Idade: _____ Cidade de origem: _____
Grau de instrução: _____ (Sabe: -ler -escrever -só o nome)
Cor: -branca -parda -negra -outra: _____
Ocupação(estuda e\ou trabalha) _____
Religião: _____
(frequenta igreja: -sim -não)
com que frequência: _____

2) Nome (mãe): _____
Idade: _____ Cidade de origem: _____
Grau de instrução: _____ (Sabe: -ler -escrever -só o nome)
Cor: -branca -parda -negra -outra: _____
Ocupação(estuda e\ou trabalha) _____
Religião: _____
(frequenta igreja: -sim -não)
com que frequência: _____

3) Nome (1o.filho): _____
Idade: _____ Cidade de origem: _____
Grau de instrução: _____ (Sabe: -ler -escrever -só o nome)
Cor: -branca -parda -negra -outra: _____
Ocupação(estuda e\ou trabalha) _____
Religião: _____
(frequenta igreja: -sim -não)
com que frequência: _____

4) Nome (2o.filho) _____
Idade: _____ Cidade de origem: _____
Grau de instrução: _____ (Sabe: -ler -escrever -só o nome)
Cor: -branca -parda -negra -outra: _____
Ocupação(estuda e\ou trabalha) _____
Religião: _____
(frequenta igreja: -sim -não)
com que frequência: _____

10) Eletrodoméstico:

-televisão- Canal mais visto: _____ Horas por dia: _____

-rádio- Estação mais ouvida: _____ Horas por dia: _____

-antena parabólica. -geladeira

fogão--a lenha (frequência de uso: _____)

-a gás (frequência de uso: _____)

Se os dois, qual o mais utilizado ? Por quê?

Quanto tempo gasta para obter a lenha para uma semana ? Como obtém ? Qual a distância do local de coleta ? _____

11) Origem da renda: _____ (Assalariado/vendas/outros)

12) Meio de transporte disponível: a pé

bicicleta

cavalo

carro

outro

Qual o mais utilizado ? _____

13) Água e Fossa:

a) Captação de água--rio-

--poço

--fonte/ mina

-- outro

b) A água é canalizada ? _____ É transportada por balde ? _____

c) A que distância fica a fonte de captação da água? _____

d) Caixa d'água--individual.

--coletiva.

--não tem.

e) Fossa--individual.

--coletiva.

--não tem.

f) Quantos litros de água gasta por dia (aprox.): _____

- Distância da casa: _____

- Distância do poço: _____

- Distância do rio: _____

g) Filtro de água.

h) utiliza cloro na água - Porque? _____

- 14) Luz -elétrica.
-querozene
-gás

15) Banho:

Tem chuveiro: _____ É elétrico: _____
usa balde: _____ Usa mangueira: _____
usa o rio: _____

16) Onde vocês dormem ?

- colchão - no chão - palha - outro: _____

17) Hábitos alimentares.(O quê costuma comer ?)

-verdura. Quais: _____
Origem: _____
-carne. Quais: _____
Origem: _____
-frutas. Quais: _____
Origem: _____
-peixe. Quais: _____
Origem: _____
Você pesca? _____ onde _____
-leite. Origem: _____
-ovos. Origem: _____
-arroz. -feijão. -outros _____

-planta para comer. -planta para vender.
-irrigação. De que modo ? _____
-utiliza adubo. Qual ? _____
-frequentemente tem praga (doenças)

Quais? _____

18) Utilização do solo:

a) -lavoura. De que: _____ Área: _____

b) -horta. Planta que verduras: _____

- -planta para comer. --planta para vender.

--irrigação. De que modo ? _____

--utiliza adubo. Qual ? _____

--frequentemente tem praga (doenças).

Quais? _____

c) - Jardim - é bem cuidado

d) -pomar. Planta que frutas: _____

--Planta para comer. --Planta para vender.

--irrigação. De que modo ? _____

--utiliza adubo. Qual ? _____

--frequentemente tem praga (doenças)

Quais? _____

19) Animais:

-cria animais:

- Porcos. Quantos: _____ São vacinados: _____

O que comem: _____

Estão: - no chiqueiro - soltos

Cria para vender ou para consumo próprio ? _____

Apresentam doenças frequentemente ? _____

Qual a doença, ou quais os sintomas apresentados ? _____

- Galinhas. Quantas: _____ São vacinadas: _____

O que comem: _____

Estão: - presas - soltas

Cria para vender ou para consumo próprio ? _____

Apresentam doenças frequentemente ? _____

Qual a doença, ou quais os sintomas apresentados ? _____

- Outro. Qual ? _____
Quantos: _____ Raça: _____ São vacinados: _____
O que comem: _____
Estão: - presos - soltos
Cria para vender ou para consumo próprio ? _____
Apresentam doenças frequentemente ? _____
Qual a doença, ou quais os sintomas apresentados ? _____

- Cachoro. Quantos ? _____ O que comem ? _____
Doença ? _____

- gato. Quantos ? _____ O que comem ? _____
Doença ? _____

20) Lixo

a) Como é o lixo: -vidros -latas - plástico - papel - materia orgânica.
Proporção: _____

b) O que faz com o lixo ? _____

c) Que tipo de lixo os animais comem ? Quais animais ? É suficiente ? _____

d) Como o lixo dentro da casa está disposto ? _____

SAÚDE

21) Já morreu alguém na família?

Quem? _____

Com que idade? _____

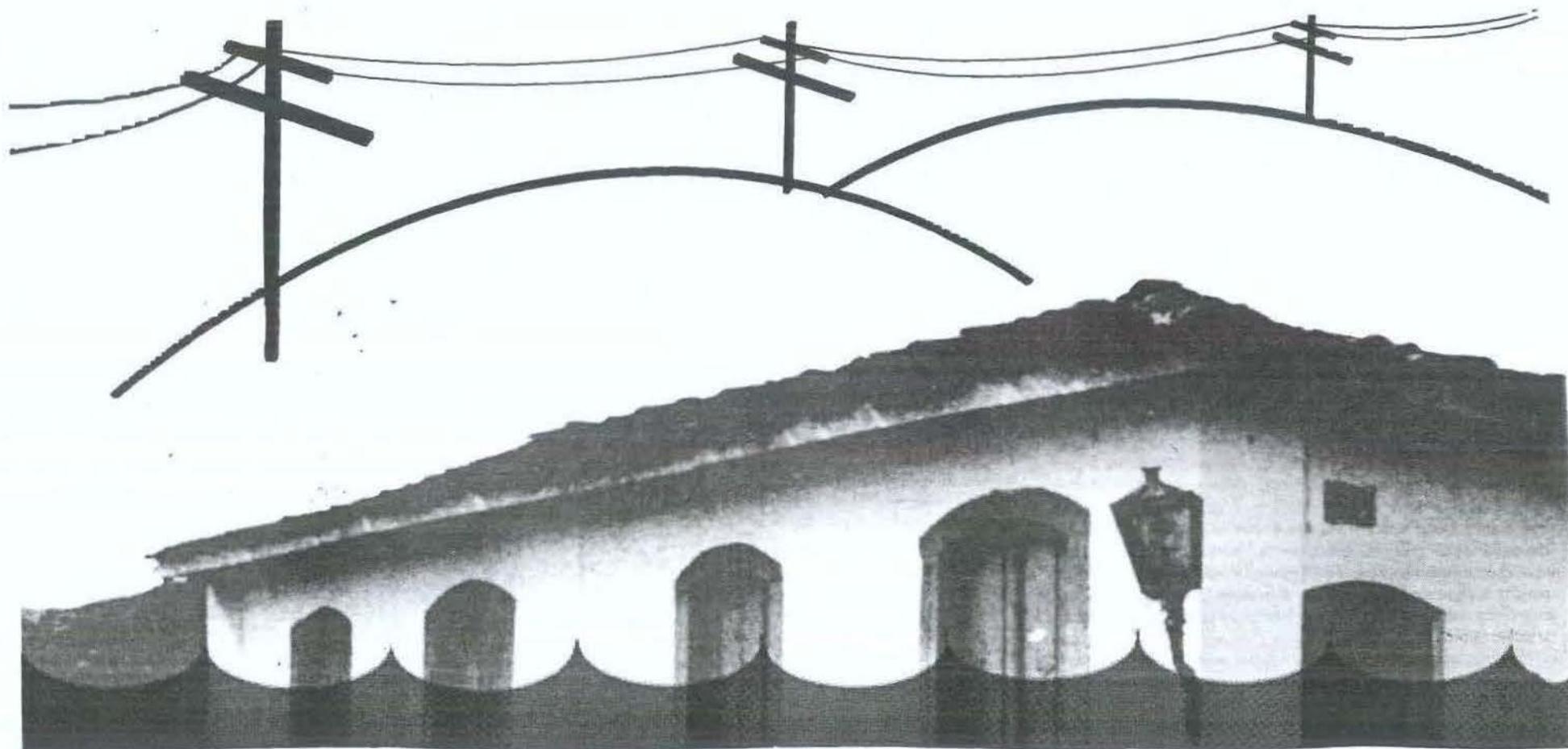
Morreu de quê? _____

22) Doenças mais comuns? _____

a) Queixas mais comuns: manchas de pele. -dor de cabeça.
 dor de barriga. -diarreia.
 fraqueza/cansaço -ferida que não cicatriza.
- outros _____

VALE SEM RIO VALE SEM VIDA

O Vale do Ribeira, entre os estados de São Paulo e Paraná, é o maior remanescente contínuo de Mata Atlântica. Por esta razão, o anúncio da construção de quatro usinas hidrelétricas na região tem mobilizado entidades sociais e ambientalistas.



Contra-Propaganda ao folheto da Companhia Energética de São Paulo - CESP: Velho Rio, Novo Vale

- POSIÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL CONTRA OS PROJETOS DO CONSÓRCIO CBA-CESP NO VALE DO RIBEIRA

O Vale do Ribeira, com uma população de 250 mil habitantes, é uma das regiões mais pobres e menos desenvolvidas do Estado de São Paulo. É nesta região que estão os maiores remanescentes da Mata Atlântica no Estado. É também nesta região, que corre o último grande rio do Estado de São Paulo que ainda não foi barrado.

A região é marcada pela presença de pequenos lavradores, na sua maioria posseiros. Para eles, a terra é a única maneira de sobreviver e garantir o sustento de suas famílias. Isso se dá à custa de muito trabalho, pois além das terras da região serem de baixa fertilidade e de acentuada declividade, esses pequenos produtores não contam com a mínima infra-estrutura que lhes permita, por exemplo, escoar a produção. A grande maioria vive da lavoura de subsistência.

Na ânsia pelo desenvolvimento, entretanto, ao menor sinal de progresso - pode ser uma estrada aberta no meio da mata - aparecem os "donos da terra" (grileiros), gente que nunca viveu na região e a quem o poder econômico concede títulos grosseiramente fraudados, que passam por documentos "legítimos", o suficiente para ameaçar famílias ou até mesmo comunidades inteiras de perderem suas terras, única fonte de sobrevivência.

Existem atualmente no Vale do Ribeira, mais de 100 conflitos de terra, envolvendo 2.000 famílias com o risco de serem expulsas de suas terras. E tudo isso sob o olhar conivente dos poderes constituídos. O "progresso" traz, portanto, desassossego, despejos, injustiças, descasos e

violência para aqueles que moram e já vivem há décadas no desconforto e atraso.

É com promessas de "desenvolvimento" e de "progresso" que a população do Vale do Ribeira está sendo convencida em aceitar os projetos de construção de quatro hidrelétricas no rio Ribeira, transformando o rio numa verdadeira "escada" e alterando completamente a paisagem e a vida do Vale do Ribeira.

Das quatro hidrelétricas, uma é privada, de propriedade da CBA - Companhia Brasileira de Alumínio da família Ermírio de Moraes, e as outras três da CESP, do governo estadual. A de propriedade privada visa a produção de energia que beneficiará, única e exclusivamente, a indústria de produção de alumínio para exportação. As da Cesp gerarão energia elétrica que, em parte, também será consumida pela indústria de alumínio e, em parte, alimentará o grande centro de desenvolvimento da cidade de São Paulo. Ao Vale do Ribeira, sobrarão apenas os custos sociais e ambientais.

A área de inundação dessas hidrelétricas é alarmante, atingindo 11 mil hectares, incluindo as áreas mais férteis do Vale do Ribeira.

Deste total, cerca de 35% das terras são ocupadas por atividades agropecuárias, fonte de subsistência de 4.000 famílias e principal atividade econômica da região.

Ainda, 40% são áreas de preservação natural e permanente, abrangendo partes significativas da APA - Área de Proteção Ambiental da Serra do Mar, do PETAR - Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, do Parque Estadual de Jacupiranga (SP) e do Parque Estadual das Lauráceas (PR).

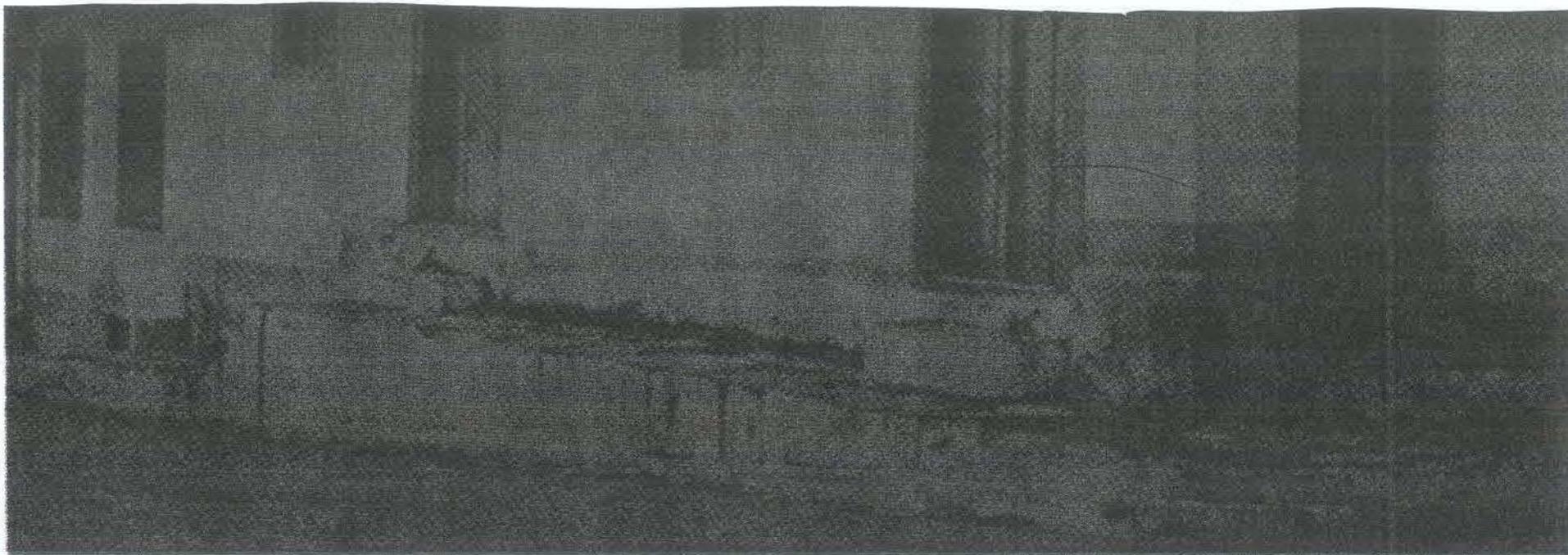
Há também nestas áreas inundáveis vários lugares históricos, sendo que alguns dos quais já foram tombados e fazem parte do Patrimônio Histórico do Estado de São Paulo como, por exemplo, o Centro Histórico da cidade de Iporanga e a Capela de Ivaporanduva no município de Eldorado

que, inclusive, é uma comunidade remanescente dos quilombos que hoje está correndo risco de extinção.

Além disso, o rio Ribeira de Iguape tem uma importância fundamental na formação do ecossistema da região localizada próxima à sua foz, conhecida como Complexo Estuarino-Lagunar de Iguape e Cananéia. É justamente através da ação de suas águas, transportando areias, argilas e cascalhos, além de diversos nutrientes minerais, que o complexo estuarino-lagunar apresenta as características de extrema riqueza em termos da diversidade de pesca encontrada na região, mas também da sua grande fragilidade enquanto um ecossistema complexo e interdependente.

Frente à atual propaganda realizada pela CESP, que utiliza fotos coloridas e muitas inverdades para convencer a população do Vale do Ribeira que a construção das quatro usinas hidrelétricas vai trazer o desenvolvimento para a região, foi elaborado este documento, que é fruto de um esforço conjunto de diversas organizações da sociedade civil que desenvolvem trabalhos no Vale do Ribeira e que vêm se reunindo sistematicamente para discutir políticas e programas de desenvolvimento para a região, um desenvolvimento socialmente justo e ecologicamente sustentável. ▲





BARRAGENS: A MORTE DO RIO E DO POVO

OUTUBRO/NOVEMBRO/93  JORNAL DA MATA ATLÂNTICA  1A

A Companhia Brasileira de Alumínio-CBA é uma empresa do Grupo Votorantim, pertencente à família Ermírio de Moraes. Esta indústria localiza-se no município de Mairinque, próximo à cidade de Sorocaba, a mais de 300 km de distância da Barragem do Tijuco Alto. Anualmente, ela produz 210 mil toneladas de alumínio por ano. A produção de alumínio consome muita eletricidade - uma tonelada de alumínio gasta o equivalente ao consumo mensal de 100 famílias; ou seja, a CBA consome por ano o equivalente ao consumo de energia elétrica de 2 milhões de famílias.

A CBA tem projetos para aumentar a produção de alumínio para 360 mil toneladas, isto é, 150 mil toneladas a mais do que ela produz atualmente. Por isso, e só por isso, ela quer construir a Hidrelétrica de Tijuco Alto, uma usina de 150 mil kw que vai gerar energia elétrica exclusivamente para ela, o equivalente à necessidade anual de energia elétrica de 360 mil famílias.

Entretanto, essa energia só é suficiente para produzir 50 mil toneladas de alumínio, o que significa apenas um terço do projeto da CBA de aumentar sua produção.

Isso significa que o restante da energia necessária para aumentar a produção, a CBA vai tirar das outras Hidrelétricas que também estão

sendo planejadas pela CESP: a Hidrelétrica de Funil, uma outra usina de 150 mil kw; a Hidrelétrica de Batatal, uma usina de 75 mil kw; e a Hidrelétrica de Itaóca, uma usina de 30 mil kw.

Na verdade, a energia elétrica que vai ser gerada pelas quatro usinas hidrelétricas planejadas no Vale do Ribeira, vai ter quase que um único consumidor: a CBA, distante mais de 300 km das áreas das quatro barragens planejadas.

Mas, o problema maior é que o alumínio produzido aqui no Brasil, pela CBA e pelas outras indústrias estrangeiras, é exportado para países como o Japão, os Estados Unidos e a Europa. O Brasil, que produz um milhão e duzentas mil toneladas de alumínio por ano, exporta mais de 70% para estes países.

E exporta por um preço muito baixo, que não cobre nem os custos de sua produção, principalmente o da energia elétrica. É por isso que estas indústrias têm as suas tarifas de energia elétrica subsidiadas (pagam uma tarifa menor para a energia fornecida), e quem está pagando estes favorecimentos é a população brasileira. Pagando para indústrias que poluem; que geram muito pouco emprego, pois a produção de alumínio é toda ela automatizada; e que nunca trouxeram o desenvolvimento nas regiões onde elas estão implantadas. ▲

3 - A ILUSÃO DO EMPREGO

A CBA anuncia que a construção da Usina Hidrelétrica do Tijuco Alto vai criar 1.500 novos empregos nos municípios de Ribeira, Adrianópolis e Cerro Azul. O que ela não diz é que esses empregos vão durar só 22 meses, que é o período das obras que vai necessitar de mais mão-de-obra. E depois?

Na verdade, a obra vai durar um total de cinco anos, criando empregos todos eles temporários. Quando a obra terminar, não vão ser necessários mais do que 60 empregados para trabalhar na operação da usina. E todos qualificados, da própria CBA.

2 - A BARRAGEM DE TIJUCO ALTO E O ALUMÍNIO: O QUE A CBA-CESP NÃO DIZ

A CESP também anuncia que a construção da Usina Hidrelétrica de Funil vai criar 1.350 novos empregos nos municípios de Adrianópolis, Apiaí, Barra do Turvo e Iporanga. O que ela também não diz é que esse número de empregos só vai durar 12 meses. E depois?

Os empregos reservados para a população da região do Vale do Ribeira são todos empregos não-qualificados. Empregos que pagam salários baixos e que não vão garantir nem moradia para as famílias de quem for empregado durante as obras. ▲

Rio Ribeira de Iguape

4 - AS BARRAGENS

**PRODUZEM
ENERGIA
E NÃO
CONTROLAM
AS ENCHENTES**

As quatro barragens planejadas no Vale do Ribeira vão custar no mínimo 800 milhões de dólares.

Controlar enchentes não paga o custo destas obras. A única forma de renda é a geração e venda da energia elétrica produzida pelas usinas.

A barragem vai segurar as águas que desceriam livremente o rio Ribeira. Nas épocas das chuvas, o volume de água é maior, o que tem ocasionado as grandes enchentes como a de 1983, de triste recordação para a população do Vale.

A barragem vai segurar este volume maior de água, que vai passar pelas turbinas que geram energia elétrica. Quanto mais água passar pelas turbinas, maior é a geração e, portanto, maior a rentabilidade da usina.

Nessas condições de operação, nas épocas das chuvas, as usinas vão priorizar a geração de energia até a hora em que o maior volume de água colocar em risco a própria barragem. Numa situação como a de 1983, vão ser rapidamente abertas as comportas para liberar o excesso de água.

Se isso ocorrer, essa água vai descer o rio Ribeira na forma de uma grande onda de vários metros de altura, desde a barragem de Tijuco Alto (que terá 153 metros de altura), atingindo as cidades de Ribeira e Adrianópolis, passando pelas barragens de Itaóca, de Funil e de Batatal, atingindo as cidades de Iporanga, Barra do Turvo, Eldorado e Registro, e se estendendo até a foz do rio Ribeira, na cidade de Iguape.

Nenhum dos projetos de barragem no Vale do Ribeira fala de Planos de Defesa Civil para avisar com antecedência as populações situadas logo

abaixo das barragens, que ficarão à mercê das decisões de quem opera a barragem, e assim, evitar as perdas materiais e de vidas que uma situação como essa pode trazer.

Os próprios documentos da barragem de Tijuco Alto, da CBA, e de Funil, da CESP falam que não será possível o controle de cheias como a ocorrida em 1983.

Ou seja, embora o controle de cheias seja uma das maiores aspirações da população do Vale do Ribeira, as barragens não vão solucionar o problema, servindo apenas de argumento de propaganda para convencer a opinião pública da região sobre a questionável oportunidade de construção das barragens. ▲



O rio Ribeira corre por uma região que tem grandes rochas situadas embaixo da terra. Estas rochas não têm firmeza suficiente para aguentar o peso das barragens e da água que ficará parada por causa das represas.

Acontece que as barragens são grandes e muito pesadas pois são construídas com concreto e ferragens. A grande quantidade de água que ficará represada também representa um peso a mais que pode fazer com que o terreno ceda pela pressão.

Numa situação como essa, a terra busca um novo apoio para se acomodar e poder suportar o peso. Esse movimento envolve gigantescas porções de pedras e de terra que podem se deslocar alguns centímetros, suficientes para provocar tremores de terra, podendo trazer graves consequências para a segurança das construções localizadas perto, ou

mesmo longe, das barragens construídas no Vale do Ribeira, como casas, edifícios públicos, igrejas, sítios e fazendas.

Se isso acontecer, serão vidas humanas e propriedades que vão correr sérios riscos.

Existem muitos estudos, como os realizados pelo IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas da Universidade de São Paulo, que indicam que é grande a possibilidade de ocorrerem tremores de terra no Vale do Ribeira, por causa das barragens.

Os relatórios apresentados pela CBA e pela CESP não levam esse assunto em conta com a seriedade que ele merece. Eles se limitam, apenas, a propor um acompanhamento caso aconteçam os tremores.

Ou seja, para eles as barragens deverão ser construídas antes, para ver depois o que acontece. ▲

5 - AS BARRAGENS

**PODEM
PRODUZIR
TREMORES
DE TERRA**

6 - A VERDADE SOBRE O REMANEJAMENTO E A INDENIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ATINGIDA PELAS BARRAGENS NO VALE DO RIBEIRA

As quatro barragens planejadas no Vale do Ribeira vão inundar mais de 11 mil hectares das terras mais férteis que atualmente estão ocupadas por pequenos proprietários, posseiros, arrendatários, parceiros, agregados, diaristas ou assalariados, que produzem e dependem da terra para produzir.

São 740 famílias atingidas pela barragem de Tijuco Alto (conforme a CBA, ou mais de 1.200 conforme outras estimativas), que moram no município de Cerro Azul (principalmente nas áreas rurais do Quarteirão dos Órgãos e Mato Preto), no município de Adrianópolis e no município de Ribeira.

São mais de 3.200 pessoas, podendo chegar a mais de 5.000, que hoje estão sendo pressionadas pela CBA para vender suas propriedades e transferir seus direitos sobre a terra, sendo expulsas das terras onde vivem em troca de uma quantia em dinheiro que não permite que elas comprem outras terras e possam reconstruir suas vidas em condições dignas.

Para elas, não está



sendo feito nenhum projeto de reassentamento, nem pela CBA, que só está comprando as terras, nem pelas prefeituras dos municípios, que dizem não ter condições financeiras para promover o remanejamento da população atingida.

São mais de 1.100 famílias atingidas pela barragem de Funil, que moram nas áreas rurais de Palmital (município de Apiaí), Anta Gorda e Praia Grande (município de Iporanga), João Surrá, Tatupeva, Andorinhas, Porto Velho e Colônia Sete Barras (município de Adrianópolis), ou nas cidades de Barra do Turvo e na sede urbana de Sete Barras.

São quase 5.000 pessoas que hoje vivem na angústia, no pânico e no desespero ao verem a CESP negociar indenizações apenas com aqueles que possuem títulos de propriedade, não incluindo os não proprietários nos programas de reassentamento.

São, ainda, 90 famílias que moram em Ivaporunduva (município de Eldorado), comunidade remanescente dos quilombos, e outras tantas famílias que moram nas áreas urbanas e rurais de Sapatu, São Pedro e André Lopes (município de Eldorado), Castelhanos, Porto de Pilões, Poço Grande e Nhungara (município de Iporanga), que serão atingidas pela barragem de Batatal.

São, finalmente, outras tantas famílias atingidas pela barragem de Itaóca, que moram nas áreas urbanas e rurais de Itaóca, Vila Caraca, Vila Mota e Vila Capelinha.

Tudo isso, sem se contar um grande número de estabelecimentos comerciais, de postos de saúde, de escolas, de igrejas e templos, de quilômetros de estradas vicinais (inclusive os acessos às Cavernas do Diabo e Santana), e de quilômetros de rede de energia elétrica que serão inundados para dar lugar aos reservatórios das barragens.

Para esta população atingida, o "desenvolvimento" e o "progresso" do Vale do Ribeira significa a expulsão de suas terras, sem as garantias de indenização e de reassentamento. ▲

A idéia da compensação financeira aos Estados e Municípios que tenham áreas invadidas por águas de reservatórios para fins de geração de energia elétrica, através do pagamento de "royalties", conforme determina a Lei nº 7.990 de 28 de dezembro de 1989, está sendo utilizada para convencer prefeitos, vereadores e deputados da região dos benefícios que o Vale do Ribeira vai receber com esta nova fonte de recursos.

Entretanto, esta Lei indica no artigo 4 que "é isenta do pagamento de compensação financeira a energia elétrica gerada e consumida para uso privativo de produtor de transformação industrial".

Este é justamente o caso da usina hidrelétrica de Tijuco Alto, de

propriedade privativa da CBA. Portanto, carece de fundamento a propaganda que esta empresa vem fazendo, indicando que a geração de energia elétrica de Tijuco Alto representará uma compensação financeira anual de 793,3 mil dólares, distribuídos pelos estados de São Paulo e Paraná, e pelos municípios de Ribeira, Adrianópolis e Cerro Azul. A CBA só vai pagar esta compensação financeira se ela quiser. Nenhuma lei a obriga.

No caso das usinas hidrelétricas da CESP, a Lei obriga a compensação financeira. Mas não existe nenhuma lei que torna obrigatória a aplicação destes recursos financeiros para o benefício da população, como por exemplo, nas áreas sociais como moradia, saúde e educação. ▲

7 - QUEM VAI RECEBER OS "ROYALTIES?"

Rio Ribeira de Iguape

8 - AS BARRAGENS AUMENTAM A FOME, A DOENÇA E A MISÉRIA

Para quem mora no Vale do Ribeira e não está diretamente ameaçado de perder suas terras com a construção das barragens, isso não significa que as consequências danosas e os prejuízos vão ficar restritos apenas à população diretamente atingida.

Como já foi visto anteriormente, além da possibilidade da manjuba acabar no rio Ribeira, cuja pesca e comercialização hoje mantém cerca de 3.000 famílias, e da contaminação das águas do rio pela presença do chumbo em concentrações cada vez maiores, colocando em risco o abastecimento de água e a irrigação, o período de construção das hidrelétricas vai representar uma alteração profunda na qualidade de vida da população do Vale.

Com o início das obras, muita gente que está sem emprego vai in-

ter a região à procura de uma oportunidade de trabalho. Isso vai significar muito mais gente sem moradia, precisando de atendimento médico e, principalmente, sem dinheiro.

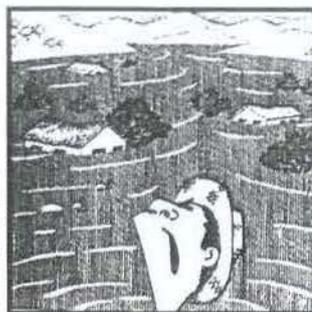
As prefeituras, que já tem dificuldades em satisfazer as necessidades mínimas de serviços para a população atual, não terão nenhuma condição de manter o já precário atendimento. As condições de segurança vão ser as piores, devido ao aumento da criminalidade. O alcoolismo e a prostituição vão alcançar índices nunca antes vistos, provocando inclusive a instabilidade das famílias.

É claro que tem gente que vai ganhar dinheiro com essa nova situação. E são justamente estas pessoas que devem hoje estar dizendo que as barragens vão trazer o "progresso" e o "desenvolvimento" para o Vale. ▲

da Mineração do Rocha, localizada à montante da barragem do Tijuco Alto, e da Plumbum, localizada à montante da barragem de Itaóca.

Atualmente, as duas empresas já são responsáveis pelo elevadíssimo grau de intoxicação verificado pelas análises da qualidade da água da CETESB ao longo de todo o rio Ribeira e que pode ser constatado pelo alto grau de incidência de distúrbios clínicos na população ribeirinha, conhecidos como saturnismo.

O agravamento destes problemas tem consequências diretas sobre a degradação da qualidade de vida que pode ser esperada para a população ribeirinha, caso sejam concretizados os planos de construção das barragens no Vale do Ribeira. ▲



9 - TODA A POPULAÇÃO DO VALE DO RIBEIRA SERÁ ATINGIDA



NÃO À CONSTRUÇÃO DE BARRAGENS NO RIO RIBEIRA DE IGUAPE

10 - POR UM DESENVOLVIMENTO AUTO-SUSTENTADO DO VALE DO RIBEIRA: AS PROPOSTAS DAS ENTIDADES

- Realização do zoneamento econômico-ecológico como pré-requisito para a elaboração do Plano de Desenvolvimento Regional e a consequente reordenação do uso do solo e dos demais recursos naturais do Vale do Ribeira.
- Reordenação fundiária do Vale do Ribeira.
- Ajustamento imediato das ações discriminatórias com áreas abaixo de 100 ha e emissão de posses nas áreas acima de 100 ha.
- Imediata regulamentação de normas de licenciamento de áreas ocupadas por posseiros, para cultivo de lavouras de subsistência, enquanto que não se efetiva a regulamentação fundiária.
- Consolidação econômica da agricultura familiar.

- garantia de acesso aos recursos naturais (solos, matas, rios etc.), com tecnologias apropriadas, extensão e fomento de sistemas de produção compatíveis com a conservação do meio ambiente;
- maior controle e investimentos nas etapas de transformação e comercialização dos produtos regionais, garantindo-se sua valorização e adequada colocação nos mercados locais e extra-regionais;
- imediata implantação de uma política agrícola que garanta linhas de crédito acessíveis às condições sócio-econômicas da agricultura regional caracterizada, principalmente, pela presença da pequena produção.

- Adoção de medidas efetivas de minimização dos impactos sócio-ambientais quando da implantação de obras de infra-estrutura que contem com a concordância da população do Vale do Ribeira, como é o caso da duplicação, restauração, conservação, fiscalização e modernização da rodovia BR-116.
- Reconhecimento das tecnologias patrimoniais: o conhecimento das comunidades locais, desenvolvido ao longo de várias gerações, é tão importante quanto as novas e modernas tecnologias. É necessário o investimento em soluções locais, baseadas na compreensão e respeito deste conhecimento acumulado.
- Reconhecimento da cultura e das terras ocupadas pelas comunidades remanescentes dos quilombos, conforme artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição Federal, respeitando-se os limites definidos pelos negros, incluindo as áreas de plantio, de rotação ou descanso e de coleta, garantindo-se a sobrevivência física e cultural destas comunidades.

- Implantação efetiva das Unidades de Conservação do Vale do Ribeira, garantindo-se a conservação destas áreas, com respeito às comunidades historicamente estabelecidas em seu interior, que deverão ter acesso às condições necessárias à melhoria da qualidade de vida.
- Adoção de medidas efetivas para a proteção do patrimônio espeleológico, mediante a alocação de recursos para pesquisa, levantamentos, cadastramento e preservação das cavidades naturais subterrâneas existentes na região.
- Reativação dos programas de integração das ações dos Governos dos Estados de São Paulo e Paraná desenvolvidas na bacia do rio Ribeira de Iguape e no Complexo Estuarino-Lagunar de Iguape-Cananéia-Paranaguá, respeitando-se a continuidade dos ecossistemas e garantindo-se a ampla participação da sociedade civil.
- Garantia de participação paritária das legítimas representações da sociedade civil e movimentos populares no Conselho para o Desenvolvimento do Vale do Ribeira, criado pelo Decreto Estadual nº 29.895, de 10 de maio de 1989. Repudiamos a atual composição deste Conselho por não contemplar esta reinvidicação.
- Transparência nas ações do Estado garantindo-se a ampla participação da sociedade civil nas etapas de formulação, implementação e monitoramento de políticas e programas de desenvolvimento para a região, com respeito à autonomia das organizações próprias da população (sindicatos, associações, movimentos populares) e fim do paternalismo e da política de favores que tem caracterizado a sua intervenção. ▲

Este suplemento foi elaborado pelo Movimento dos Ameaçados por Barragens do Vale do Ribeira (MOAB), com a colaboração do professor Cêlio Bermann, da Universidade de São Paulo.

A sede do MOAB fica na Praça Nossa Senhora da Guia, 103, CEP 11960-000 Eldorado - SP - Tel. (0138) 71-1215

As entidades solicitam a colaboração das demais Organizações Não Governamentais, enviando mensagens de repúdio ao projeto às seguintes autoridades:

Ministro do Meio Ambiente e Amazônia Legal - Rubens Ricúpero - Fax: (061) 226-7101
Secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo - Édis Milaré - Fax: (011) 822-8291
Secretário dos Recursos Hídricos, Saneamento e Obras de São Paulo
Fernando Boucinhas - Fax: (011) 232-5742
Assembleia Legislativa de São Paulo - Comissão do Meio Ambiente
Presidente: Lobb Neto - Fax: (011) 884-2230
Assembleia Legislativa de São Paulo - Presidente: Victor Sapiens - Fax: (011) 884-3927
Secretário do Meio Ambiente do Estado do Paraná - Eduardo Requião - (041) 232-3626
Secretário Desenvolvimento Urbano do Paraná - Homero Oguido - Fax: (041) 254-7792
Assembleia Legislativa do Paraná - Comissão de Ecologia
Deputado Neivo Beraldin - Fax: (041) 253-3393
Assembleia Legislativa do Paraná - Presidente: Orlando Pessupi - Fax: (041) 253-1768

Entidades que participam da luta contra as barragens no Vale do Ribeira:

MOAB - Movimento dos Ameaçados por Barragens (0138 - 71-1215)
DETR - Departamento Estadual dos Trabalhadores Rurais da CUT/SI (011 - 270-8866)
CUT - Central Única dos Trabalhadores (011 - 255-7500)
MST - Movimento Sem Terra SP (011 - 277-1351)
MOAB - Movimento Nacional dos Atingidos por Barragens (011 - 373286)
CPT - Comissão Pastoral da Terra SP (011 - 864-1318)
CPI - Comissão Pró-Índio SP (011 - 864-2290)
Fundação SOS Mata Atlântica (0138-41-2379)
Programa da Terra (011 - 263-1840)
Paróquia Nossa Senhora da Guia (0138 - 71-1215)
Mitra Diocesana de Registro (0138 - 21-1595)

Cobrança de Promessa.

1- Vocês estão lembrado das enchentes, de tudo o que aconteceu.

"Corrançou o nosso amigo, a nossa cana arrancou nessas bananas. quanto tristezas nos deu". (bis)

refrão " nós queria que o prefeito, alhasse isso direito. Ele arrumou uma desculpa. igual que é nós que temos culpas, mas nem lá reparou". (bis)

2- A ajuda que o governo mandou no nosso bairro não chegou, eu não sei porque razão. "nós estamos desprezados e sem razão. mas temos Deus do nosso lado nosso amigo, nosso irmão". (bis)

3- Vocês lembram daquele cidadão quando se candidatou ele fez pro nós tantas promessa, agora é nós que temos pressa, mas ele nos desprezou. "Cade a água encanada e luz na estrada, e o postinho de saúde que você nos prometeu". (bis)

4- É depois que ele se elegeu, e de nós se esqueceu, mas nós não se esquecemos não.

"O povo votam consiente, os puliticos só iludem a gente mas espero que nunca mais". (bis)

5- Vocês conhecem o rio Ribeira, quanto peixe ele nos dá.

"Aí que quanta vida boa, lá eu pondo de canoa, lá também posso nadar". (bis).

6- Quando eu lembro até suspiro, este tal de Antonio
Carrurios, querendo nos afogar. Mas nós fomos um
pevo lém unidos, fomos sempre vencidos, não adianta
nem tentar" (bis).

7- Amigos vejam só que pacaragem, ainda querem
fazer barragem, aqui no nosso lugar.

"Esses grandes são ~~isso~~ incompetente, só querem
pisar na gente, mas nós não ~~vamos~~ vamos deixar". bis

ritimo da música

(Andorinha machucada)

de Zezé de Comargo e Luciana

Japattú 20-11-95

Oi Ana tudo bem?

Espero que ao chegar
este simples galinhas em suas
mãos o encontre com muita
paixão e felicidade, pois aqui
porigo tudo ótimo

Além de estar mandando
cópia da música que você
pediu.

Peço desculpa pela demora
deixo a você e seus amigos

um feliz natal, cheio
de amor e felicidade.

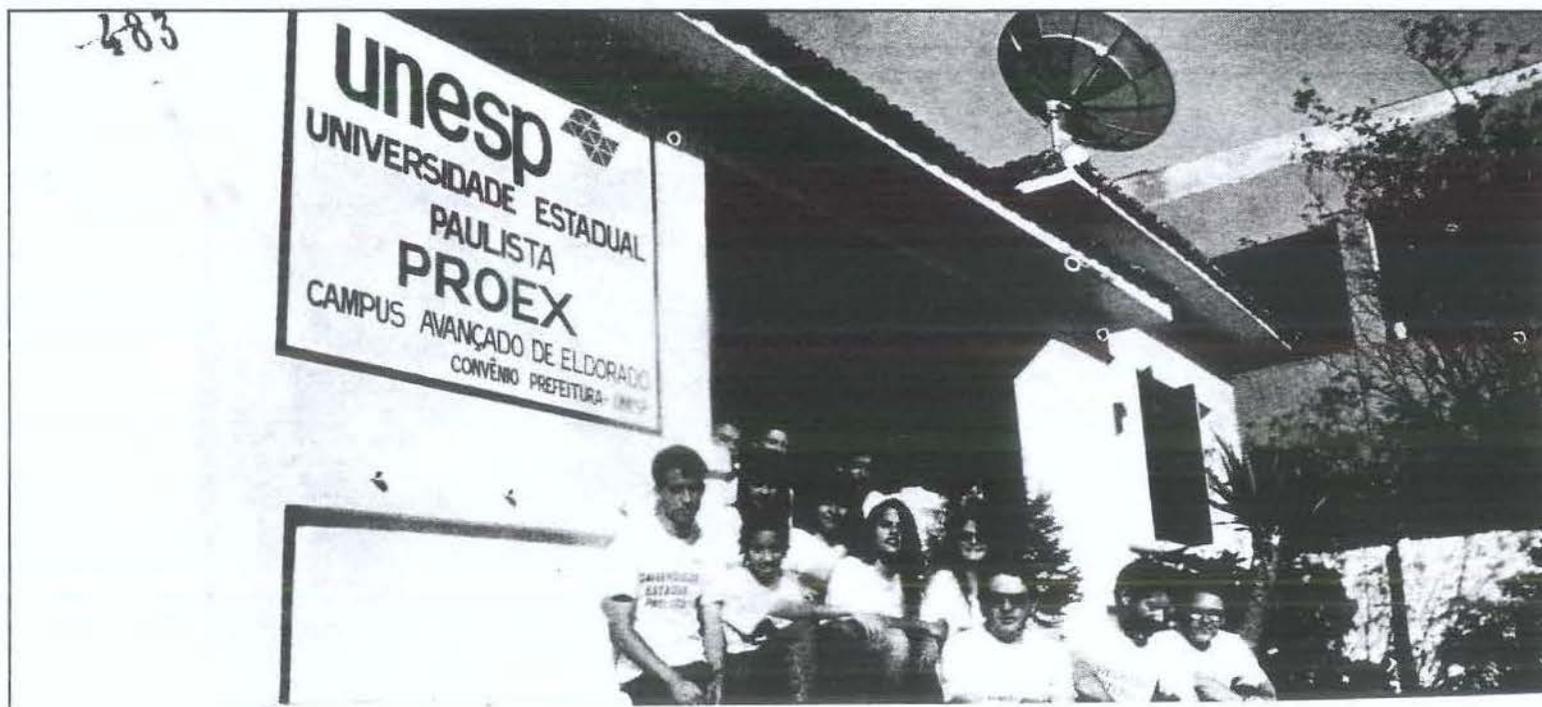
Receba um forte abraço
da Solanda.

Extensão

S.O.S. ELDORADO

A menos de 250 quilômetros da Capital, Eldorado exhibe números próprios das desassistidas regiões do Nordeste brasileiro, com altíssimas taxas de mortalidade infantil e analfabetismo. Dando seqüência ao Programa de Câmpus Avançados, a UNESP instalou-se na região, atuando nas áreas de saúde, educação e agronomia, entre outras.

WALTAIR MARTÃO e MONICA RICHTER (fotos)

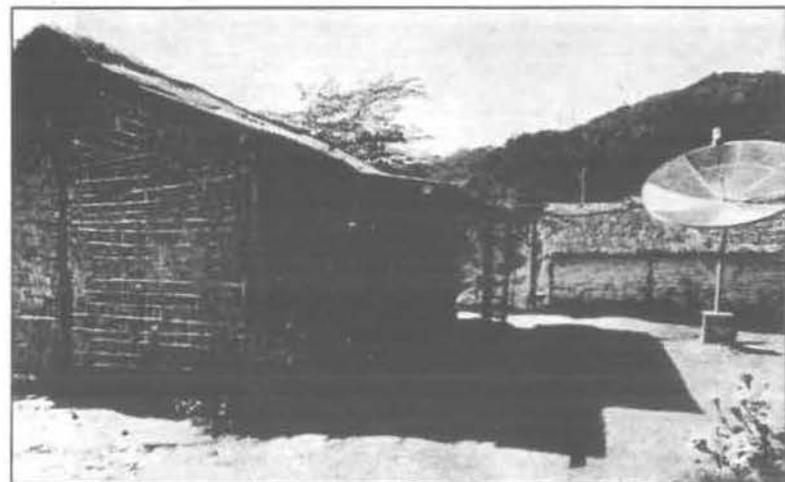


FRONTEIRA
Martinez, Marinho
e Valente, à frente
dos estagiários:
programa
educativo, sem
assistencialismo

Extensão

AUXÍLIO

Martinez, com o prefeito Oliveira:
presente que veio do céu



MISÉRIA

As verminoses atingiam
praticamente 100% da
população



ELOGIOS

Aparecida Moraes:
"Falando bem,
retribuo o que vocês
têm feito por nós"

ÁGUAS CLARAS

Júlia dos Santos:
"Agora sei que mesmo
água transparente está
cheia de bichinhos"

**Programa Alfa: a UNESP
mais próxima do mundo.**

Pág. 3



**Vestibular: procura por vagas
tem crescimento de 10%.**

Pág. 13



Monico Richter

**Muito trabalho
no Câmpus
Avançado do
Vale do Ribeira**

Págs. 5 a 7

Jornal da

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

OUTUBRO/94 - ANO X - Nº 88

UNESP

Amaranhense Delmira Lopes dos Reis, 40 anos, não sabe ler nem escrever. Sem profissão definida, divide com o marido desempregado e as duas filhas a tarefa diária de plantar e colher, da pequena horta que mantém nos fundos de sua casa, o sustento da família. Delmira vive em Eldorado, cidade de 18 mil habitantes do Vale do Ribeira, a 248 km de São Paulo. Mesmo sem nunca ter sentado em um banco escolar, e sempre ocupada com o serviço doméstico, ainda se propõe, com extrema abnegação, a marcar audiências com o prefeito e a organizar reuniões no bairro onde mora, André Lopes, já na área rural. Com os poucos meios que tem, Delmira vem tentando, ao longo dos anos, minorar um pouco os graves problemas de saúde e saneamento básico de sua comunidade, uma das mais carentes do Estado. "Não dá para ficar parada vendo tanta gente desamparada", resume.

Há pouco mais de um ano, Delmira e outros eldoradenses tão ativos como ela já não lutam sozinhos. Desde 1993 têm recebido a valiosa ajuda de especialistas de várias áreas da UNESP, mobilizados em torno do Câmpus Avançado do Vale do Ribeira. Idealizado em 1990 pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (Proex), nos moldes do extinto Projeto Rondon, o programa chegou a Eldorado com o firme propósito de melhorar a qualidade de vida de seus moradores e de conscientizar a população para os benefícios trazidos pela proteção ambiental. "Abandonamos o assistencialismo, que sempre caracterizou projetos dessa natureza, e partimos para um programa educativo", explica o diretor do Câmpus Avançado, o farmacêutico bioquímico Antonio Marinho de Oliveira, do Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Botucatu. "Nosso objetivo é despertar, nos moradores, a vontade de lutar por uma vida mais saudável e digna."

Um rápido passeio pelas ruas centrais de Eldorado revela uma cidadezinha como tantas outras: estão lá a igreja matriz, a praça principal com seu coreto, a prefeitura, o hospital, a

delegacia e a escola. Mas Eldorado, a apenas três horas de São Paulo, tem características que a distinguem da maioria dos municípios do Estado (veja quadro abaixo). Lá, de cada mil crianças que nascem, 40 morrem antes de completar 1 ano; e apenas 60, entre 100 moradores, são alfabetizados. São números que

transformam o município num verdadeiro bolsão de pobreza no Estado mais rico do País e o colocam em pé de igualdade com cidades esquecidas do Norte e Nordeste brasileiros.

A explicação para este fenômeno vai-se encontrar na virada do século, durante a fase de expansão das lavouras de café. "O Vale do

Ribeira, cuja topografia é desfavorável à construção de ferrovias, acabou marginalizado do processo de ocupação do território paulista e, conseqüentemente, do crescimento econômico e industrial", explica o geógrafo Messias Modesto dos Passos, do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia do câmpus de Presidente Prudente. "Esta situação começou a se reverter no final dos anos 60, mas os debates sobre a questão ambiental impediram qualquer tentativa de industrializar-se a região."

AÇÃO COMUNITÁRIA

Por estes motivos, segundo o professor Marinho, Eldorado servia como uma luva às proposições dos câmpus avançados (veja quadro à pág. 7), estabelecendo-se uma via de mão dupla: ao mesmo tempo que presta assessoria e leva informações técnicas e equipamentos à cidade, recolhe experiências e informações que enriquecem os conhecimentos de alunos e professores. "É uma chance rara de praticarmos tudo o que aprendemos nas salas de aula", afirma Ana Theodoro Caminhas, 22 anos, bióloga recém-formada pelo IB/Botucatu.

Embora Eldorado permita uma ampla gama de possibilidades para a atuação da Universidade, a coordenação do Câmpus Avançado do Vale do Ribeira elegeu dois grandes projetos para iniciar seus trabalhos na cidade: "Qualidade de Água e Educação Ambiental" e "Construção de Pontes", ambos já testados com sucesso em experiências anteriores. O primeiro projeto, coordenado pelo químico José Pedro Serra Valente, do Departamento de Química do IB/Botucatu, é considerado o de atuação mais destacada. Em junho de 1993, Valente praticamente inaugurou, com seu colega de departamento, o técnico de laboratório Jorge Mateus de Lima, as viagens à zona rural de Eldorado. "Na época, fazíamos análises da água do rio Tietê e decidimos aplicar nossos conhecimentos na cidade", lembra Valente, que se mostrou "espantado" ao constatar a quantidade de microorganismos contida nas águas de Eldorado. "Uma vez ingeridos, estes



PANORAMICA

Eldorado: sem rádio ou jornais, arrecada R\$ 70 mil mensais

Triste cartão postal

Quarto município paulista em extensão, com 1.721 km², Eldorado situa-se no Vale do Ribeira, Sudoeste paulista, a 248 km de São Paulo. Para se chegar lá, a partir da capital, utiliza-se a rodovia Régis Bittencourt (BR-116). Em Jacupiranga, pega-se a SP-193, à direita, até Eldorado. Apenas 10% da população de 18 mil habitantes é contribuinte, resultando numa arrecadação mensal de R\$ 70 mil. A cidade conta com apenas uma

agência bancária (Banespa). O ensino vai até o 2º grau e a taxa de analfabetismo chega a 40% (contra 9,8% no Estado). Tem um hospital e um posto de saúde no centro e pequenos postos na periferia. A taxa de mortalidade infantil é altíssima: 40/1.000 (a média no Estado é de 26,51/1.000). A banana, principal fonte de renda, envolve a participação de cerca de 1.200 produtores. Não há emissoras de rádio nem jornais.



microorganismos se transformam em vermes e provocam inúmeras doenças.”

Devido à grande área ocupada pelo município (é o quarto maior do Estado, com 1.721 km²), o programa elegeu quatro dos 57 bairros para atuar: Ivaporunduva, Nhunguara, Sapatu e André Lopes. Hoje, atuam em Eldorado cerca de 20 alunos dos cursos de Agronomia, Biologia, Química, Medicina e Zootecnia. Só com a inestimável ajuda destes estagiários foi possível fazer uma avaliação mais detalhada das condições sanitárias de cada família, incluindo a descrição de seus hábitos alimentares, hábitos de higiene e a forma como se curavam de doenças.

Durante o período inicial de sua estada na cidade, a equipe promoveu palestras em escolas e barracas improvisadas, visando diminuir a incidência de verminoses, que atingiam praticamente 100% da população. Pelos microscópios, os moradores puderam ver que a água dos rios e córregos, usada para beber, cozinhar, tomar banho e lavar roupa, não era tão limpa como pensavam. “Para mim, água transparente sempre foi limpa e, se me dissessem que era suja, eu não acreditaria”, admite Júlia dos Santos, 54 anos, antiga moradora de Sapatu. Peças teatrais sobre o ciclo das verminoses, encenadas por alunos e alguns moradores, se

transformaram também em ótimo instrumento pedagógico e até os mais incrédulos se deixaram convencer. “Agora sei que a água, mesmo clarinha, está cheia de bichinhos”, concorda Júlia dos Santos. As crianças em idade escolar, em sua maioria, já sabem ler e, por isso, receberam cartilhas educativas e se encarregaram de orientar seus pais, como fez a garota Tamara Silva, 9 anos, de Sapatu: “Agora, minha mãe cuida da água antes de eu beber”. “Quando o cloro da Prefeitura acaba, eu ferver a água”, diz Lana Vieira dos Santos, 29 anos, de André Lopes.

“À medida em que as pessoas foram ficando mais esclarecidas, passaram a exigir uma atuação mais eficaz das autoridades”, lembra Hélio César Fernandes Marques, 22 anos, quartanista do curso de Biologia do IB/Botucatu. Atualmente, caixas de água e fossas individuais, além de esgoto encanado, estão sendo instaladas em diversos bairros. “Todos aprendemos a cuidar melhor de nossa saúde e as reclamações por causa das verminoses diminuíram”, pondera Dona Delmira, reconhecendo a participação da Universidade nestas conquistas.

Além de fiscalizar a qualidade da água, os eldoradoenses foram convocados também a adotar alguns hábitos, entre eles, acostumar-se



ao uso de calçados. “Aqui em casa ninguém anda mais descalço”, jura Maria Gonçalves, 31 anos, de André Lopes. Para reforçar o plano, o câmpus de Botucatu conseguiu a doação de 5 mil pares de sapatos para serem distribuídos em Eldorado, além de garrafas plásticas, que substituem as moringas. Outra medida foi restringir a liberdade dos animais domésticos, em especial a dos suínos, hospedeiros naturais de vermes. “Os porcos frequentavam livremente as casas dos moradores”, diz Valente. Natalina Vieira dos Santos, 29 anos, de Nhunguara, garante que esta situação mudou: “Agora, os bichos estão presos e não passeiam mais pelas casas”.

Espécie de líder em seu bairro, Natalina administra o galinheiro comunitário, outra contribuição do Câmpus Avançado. “Ensinamos como cuidar das aves, preparar rações e construir gaiolas”, diz Marinho de Oliveira. Vicente Eugênio de Rosa Júnior, 23 anos, e Paulo César Costa, 25, agrônomos recém-formados pela Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA) do câmpus de Botucatu, projetaram viveiros de bambu que fizeram grande sucesso no município. “Neles, os coelhos se reproduzem com facilidade e se tornaram ótima alternativa de alimento”, explica Vicente. Experiência similar está sendo feita com plantas medicinais: “Va-

mos orientar na criação de hortas comunitárias, ensinando as propriedades curativas de cada vegetal”, planeja o professor Valente.

DIABETES E PRESSÃO

Em abril deste ano, o Câmpus Avançado iniciou dois novos projetos, cada qual com um corpo próprio de voluntários. O primeiro deles é o “Avaliação de Diabetes”, realizado no centro da cidade e coordenado pela médica especializada em bioquímica Célia Regina Nogueira, do Departamento de Química do IB/Botucatu. O segundo projeto é o “Pressão Alta”, feito apenas em Ivaporunduva. “A população deste bairro, predominantemente negra, é mais propensa a desenvolver hipertensão e outras doenças cardíacas”, explica o coordenador deste trabalho, o nefrologista Francisco Habermann, do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu. “Como se trata de uma população fechada, distante dos problemas das grandes metrópoles, não sabemos ainda se encontraremos tantos hipertensos, embora nosso trabalho enfoque primeiramente a prevenção e, depois, a pesquisa”, lembra Habermann. Os 350 moradores de Ivaporunduva assistem a palestras, respondem a questionários e têm a pressão e

IDEALISMO
Estagiários em Eldorado: resultados compensam qualquer sacrifício



EDUCAÇÃO

A primeira-dama, Minilidia (ao centro): oportunidade para a população aprender novos ofícios



o tipo sangüíneo periodicamente checados.

Os projetos em Eldorado englobam também outras áreas de atuação. Na área de educação, por exemplo, estão previstos vários cursos gratuitos, incluindo a reciclagem de professores de primeiro e segundo graus, além de aulas de corte e costura, crochê, serviços gerais e datilografia. "É uma oportunidade de as pessoas aprenderem novos ofícios", avalia a primeira-dama da cidade, Minilidia Teixeira de Oliveira, diretora de Saúde e do Serviço de Obras Sociais de Eldorado. Na agropecuária, já foram ministrados vários cursos teóricos e práticos, como o uso e a conservação de solos e o manejo sustentado de palmito, dirigidos a pequenos agricultores. Todos esses cursos são ministrados pelo agrônomo Eurídice Sacchi, professor aposentado da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal. Sacchi orientou também o projeto da horta municipal, que abastece a merenda escolar e o Fundo Social de Solidariedade da cidade.

"A vinda da UNESP para Eldorado foi um presente que caiu do céu", diz o prefeito Donizete Antonio de Oliveira. "Com a baixa arrecadação da cidade, seria impossível dar andamento a qualquer desses projetos." A população faz eco à declaração de Oliveira. Aparecida Pedrosa Moraes, 60 anos, de André Lopes,

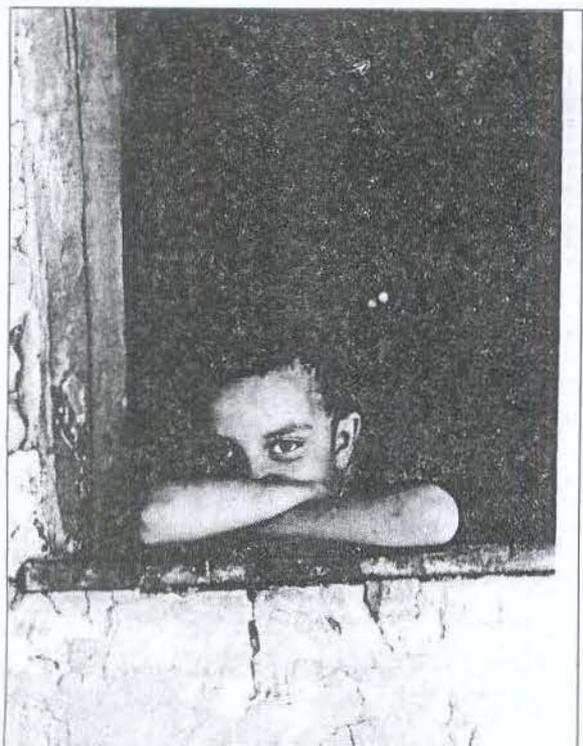
por exemplo, não economiza elogios quando o assunto é o desempenho da Universidade. "É a minha forma de retribuir o que eles têm feito por nós", declara.

De acordo com o cronograma preparado pelos coordenadores do Câmpus Avançado, Eldorado recebe semanalmente a visita de pelo menos uma equipe da Universidade, que fica hospedada no alojamento onde funciona a sede do Câmpus Avançado, no centro da cidade. A maior dessas equipes, do projeto "Qualidade de Água e Educação Ambiental", tem um encontro marcado com os eldoradenses a cada quinze dias, quando desenvolve suas atividades de acordo com a programação. Isso significa, para os quase 20 alunos envolvidos no projeto, o sacrifício de pelo menos a metade dos finais de semana que seriam dedicados ao lazer. Apesar disso, porém, não arredam pé de seu objetivo. Cássia Helena José Barbosa, 19 anos, segundanista do curso de Agronomia da FCA/Botucatu, é um exemplo desta abnegação. Mesmo interessada em cursar Artes Plásticas, em 1995, não pensa em se afastar das atividades que mantém em Eldorado. "Ajudar a melhorar a vida das pessoas compensa qualquer sacrifício", resume Cássia, convicta de que, "sem uma pitada de idealismo, não há profissional que vença na vida".

SOLIDARIEDADE
Dona Delmira: "Não dá pra
ficar parada vendo tanta
gente sofrendo"

MORTALIDADE

De cada mil crianças que
nascem, 40 morrem antes
de completar 1 ano





ALFABETIZAÇÃO

As crianças que sabem ler são orientadas para alfabetizarem os pais

Ensino e pesquisa de fronteira

Câmpus Avançados se inspiram no Projeto Rondon

Aberto a professores e alunos de graduação, o Programa UNESP de Câmpus Avançados tem suas raízes na década de 70, com o Projeto Rondon. Sua proposta é manter o funcionamento de áreas de ensino, pesquisa, estágio curricular e extensão em regiões carentes do País. A primeira iniciativa foi realizada em 1977, na cidade de Humaitá, no Amazonas. Com a extinção do Projeto Rondon, durante o Governo Sarney, porém, as atividades desse câmpus foram suspensas no final da década de 80.

O Câmpus Avançado do Vale do Ribeira foi instituído em 1985, na cidade de Jacupiranga, a 190 km de São Paulo. Em 1990, por divergências com a prefeitura local, foi transferido para a vizinha Eldorado. Embora o convênio tenha sido assinado já em outubro daquele ano, as atividades começaram efetivamente em junho de 1993. Desde então, grupos de professo-

res e alunos de diversas unidades se dirigem periodicamente à cidade para desenvolver projetos ligados às mais diversas áreas.

A UNESP mantém também um câmpus avançado em Capão Bonito, cidade de 53 mil habitantes igualmente localizada no Sudoeste paulista, a 224 km de São Paulo. O convênio entre o município e a Universidade, assinado em 1993, foi efetivado em abril deste ano e prevê a atuação de docentes e estagiários nas áreas de agropecuária, química e educação. Professores da UNESP têm ministrado em Capão Bonito vários cursos. "Estimulamos a aprendizagem de novos ofícios, atualizamos o currículo dos professores e ajudamos a cidade a fabricar seus próprios produtos de limpeza", resume o matemático José Carlos Martínez, coordenador do Programa UNESP de Câmpus Avançados.